IZABEL MANO NEME

DIÁRIOS ÍNTIMOS E LITERATURA:

a poesia de Carolina

ASSIS
2011

IZABEL MANO NEME

DIÁRIOS ÍNTIMOS E LITERATURA:

a poesia de Carolina

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área: Literatura e Vida Social).

Orientadora: Ana Maria Domingues de Oliveira

ASSIS
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Neme, Izabel Mano
N433d Diários íntimos e literatura: a poesia de Carolina / Izabel Mano Neme. Assis, 2011
140 f. : il.

Dissertação de Mestrado- Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Drª Ana Maria Domingues de Oliveira

1. Mulheres e literatura. 2. Poetisas. 3. Diários. 4. Narrativas pessoais. I. Título.

CDD 809.89287

Ao meu filho Hugo, graça divina.

Aos meus pais e minhas mães,
pela vida e pela educação.

Para Carolina.

A todas as mulheres.

Agradecimentos:

Para:

Deus e seus auxiliares.

Esperança e Reizinho, meus amigos ocultos, que entre os demais, são os que estiveram sempre mais próximos.

Minha madrinha Maria Helena Basseto, pela sabedoria e força em todos os momentos.

Meus irmãos e minhas irmãs, que me dão a sensação de pertencimento.

Nailor Carlos de Morais e César Palma, amigos e padrinhos, pela amizade e apoio constante e pela revisão deste trabalho.

Ivone Valentim, que em sua calma, ajudou-me a vencer momentos difíceis.

David Benevenuto, que sempre viu em mim o que eu nunca consegui enxergar.

Ana Elisa Pazian, pelas sugestões e presença animadora em momentos preciosos.

Elizabeth Hernandes, por acreditar e apostar em minha capacidade.

Maria José Manoel, pela constante lembrança de que os amigos são raros.

Thais Svicero, por compartilhar momentos de aflição quando achávamos que tudo estava indo a passos muito lentos.

Lígia Mercado, pelo positivismo e ânimo.

Neide de Lourdes Viana, pelo companheirismo.

CEDAP, por proporcionar valiosos momentos de estudo para as leituras e reflexões.

Funcionários da Seção de Pós-Graduação pelo pronto atendimento em minhas dúvidas e solicitações.

Funcionários da Biblioteca pela atenção e auxílio buscando o material do qual eu necessitava.

FamíliaMalvados, meu clã, pela prazerosa companhia nos momentos de raro descanso.

Drª Cleide Antônia Rapucci e Dr. Antônio Roberto Esteves pela carinhosa contribuição e preciosas sugestões na Banca de Qualificação deste trabalho.

Ana Maria Domingues de Oliveira, pela valiosa orientação, amizade e confiança em depositar em minhas mãos os diários de sua avó Carolina Martins de Mattos.

Drª Cleide Antônia Rapucci e Drª Marlise Vaz Bridi pelas gratificantes sugestões, elogios e pelas emoções proporcionadas na Banca de Defesa deste trabalho.

Enfim a todos que, mesmo queridos, eu possa ter me esquecido de mencionar aqui.

(À UNESP)

As águas do mundo

“Aí está ele, o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar.

Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.

Ela olha o mar, é o que pode fazer. Ele só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra.”

Clarice Lispector

NEME, I. M. *Diários íntimos e literatura: a poesia de Carolina.* 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

RESUMO

No século XVIII, com o advento da burguesia e o crescimento da população se iniciaram os escritos autobiográficos, mas foi apenas no final do século XIX que os diários puderam ser considerados como uma escrita de si mesmo. Todavia, foi ao longo do século XX, que essa escrita de foro íntimo adquiriu um *status* mais privilegiado, onde se incluem os diários, correspondências e autobiografias. Dessa forma, emergiram, definitivamente, os diários íntimos e, especialmente aqui, os de autoria feminina. Se os diários íntimos não eram considerados literatura, atualmente, após sua redescoberta, com a riqueza de sua narrativa, repletas de informações autobiográficas, históricas, sociais, saíram da alcova e ganharam o mundo tornando-se referência como fonte para pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento. Quase sempre guardados em segredo, escondidos em gavetas, caixas, baús, materializados em papel e tinta, os diários íntimos conquistaram na última década lugar de destaque como objetos de estudo nas academias. Este trabalho analisa os diários e apresenta o "fazer poético" de Carolina Martins de Mattos, uma mulher comum que buscou na escrita de poemas uma maneira de expressar seus sentimentos. Os poemas são distintos entre adaptações e composições próprias da autora e registram também toda sua licença poética ao demonstrar a maneira como ela interferia em poemas de outros autores, sempre trazendo os versos para a realidade de sua viuvez e o sentimento de solidão que acompanhou seu luto.

Palavras-chave:

1. Mulheres e literatura. 2. Poetisas. 3. Diários. 4. Narrativas pessoais.

NEME, I. M. *Intimate Diaries and Literature: The poetry of Carolina.* 2011. 140 f. Master's Thesis in Literature - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

ABSTRACT

In the 18th century, with the arrival of the bourgeoisie and the population increase the autobiographical writings began, but, it was just in the end of twentieth century that the journals could be considered as a self-writing. However, it was during the 20th century, that this writing of intimate character got a more privileged status, where are included the journals, correspondences and autobiographies. In this way, definitively the intimate journals have risen and, especially in this point, those written by women. If the intimate journals were not considered as literature, today, after their rediscovery, with the wealth of their narrative, full of autobiographical, historical and social information, they got out the bedrooms and went out to the world becoming reference as source to researchers in the most various areas of knowledge. Almost always kept in secrecy, hidden in drawers, boxes, lockers, materialized in paper and ink, the intimate journals have conquered prominence in the last decade as object for studies in the academy. This work analyzes the journals and introduces the "poetical making" of Carolina Martins de Mattos, a common woman who sought in the writing of poems a way to express her feelings. The poems are distinct among adaptations and composition by the author herself and record as well all her poetic licence showing the way she interfered in poems by other authors, always bringing in the verses to the reality of her widowhood and the feeling of solitude that came along her mourning.

Key-words:

1. Women and literature. 2. Poetesses. 3. Journals. 4. Self narratives.

Sumário

INTRODUÇÃO..... 10

CAPÍTULO I – Mulheres..... 14

1.1. Breve história..... 15
1.2. As mulheres no Brasil..... 20
1.3. Delineando Carolina..... 27

CAPÍTULO II - Escrita de si e subjetividade..... 32

2.1. Os diários de Carolina..... 33
2.2. A escrita de Carolina..... 45
2.3. A escrita sobre si..... 53
2.4. Os diários íntimos..... 59

CAPÍTULO III - Arte e poesia nos diários de Carolina..... 63

3.1. Poesia..... 64
3.2. A Poesia de Carolina Martins de Mattos..... 66
3.3. A “licença poética” de Carolina..... 79

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 85

REFERÊNCIAS..... 89

ANEXO I..... 95

Índice Anexo I

Carolina e sua família..... 96

Faces de Carolina..... 97

Família Martins de Mattos..... 98

Árvore Genealógica..... 99

Diários de Carolina..... 101

Dizeres de Carolina..... 109

Identidades de Carolina..... 110

Identidades de Luís..... 113

Ausência..... 118

Bodas de Prata..... 119

Os homens de Carolina..... 120

Doces memórias..... 121

O comércio..... 122

Carolina e seu entre lugar..... 123

O armazém..... 124

Casa Mattos..... 125

O prêmio Mãe do Ano..... 126

A notícia no jornal *O Comércio*..... 127

Seu Luto..... 128

Sua Morte..... 129

O lugar eterno..... 130

Sua casa, hoje..... 131

Memórias de Carolina..... 132

A guardiã da memória..... 133

As meninas de Carolina..... 134

Os filhos e filhas..... 135

A descendência da família Martins de Mattos..... 136

Reunião de família..... 138

Conhecendo seus descendentes..... 139

Introdução

No momento em que o hermetismo da poesia se acentua, ofereço ao leitor essas estrofes de versos livres e versos brancos ligados aos acontecimentos, logo, inseparáveis da vida. Mas, segundo uma célebre opinião, só se pode fazer boa poesia com antipoesia. Não sei se a vida é antipoesia ou se o poeta a eleva; tudo o que sei é que não sei fazer de outro modo.

Marguerite Grépon Apud Lejeune

A História, por muito tempo, relegou às mulheres um lugar obscuro. O silêncio no qual elas se encontravam era por ocuparem uma posição inferior em relação ao homem, lugar esse definido secularmente pela cultura do patriarcado. Não que elas não falassem, pois é antiga a tradição feminina de história oral, sendo elas, incontáveis vezes, as guardiãs da memória de povos e civilizações. Apenas tiveram suas vozes silenciadas e esquecidas por estarem confinadas ao privado, lugar tradicionalmente reservado a elas, oposto aos homens, donos do público, senhores dos discursos históricos.

Consideradas nefastas em sua impureza "úmida e líquida", sua sexualidade é uma incógnita para muitos. O tabu da sexualidade feminina faz com que algumas ainda cubram-se de véus e sejam castradas na primeira infância, demonstrando que, nos dias atuais, esse tabu ainda persiste e alguns homens não perderam o temor que têm dessa sexualidade tão íntima e quase totalmente desconhecida.

Tendo sido julgada nociva, era a sinistra do homem, ideia arraigada culturalmente e que persiste, a exemplo de alguns rituais de casamentos religiosos, nos quais a mulher, além de ficar ao lado esquerdo do noivo também, na maioria das vezes, perde seu sobrenome, passando assinar o de seu marido.

Em sua longa trajetória, apesar do silêncio culturalmente imposto, as mulheres muitas vezes acharam outros meios de se comunicar.

As correspondências e os diários foram maneiras que muitas acharam de romper esse estado de silêncio a que estavam submetidas. Trocando epístolas, cartões postais e escrevendo diários pessoais, elas registraram seus cotidianos e deixaram preciosos vestígios para a pesquisa histórica e literária.

Resgatados de sótãos ou porões, encapados ou não, amarelados pelo tempo, ou simplesmente guardados em gavetas de escrivaninhas, esses diários oferecem indícios da trajetória dessas mulheres que, construtoras e reconstrutoras de seu dia a dia, marcaram sua presença pela voz das letras.

O presente trabalho é fruto de uma reflexão crescente sobre a necessidade de estudar com mais profundidade a natureza das fontes documentais que são colocadas à disposição dos pesquisadores, bem como as particularidades de informação que cada uma delas pode apresentar para a pesquisa literária e histórica. Em especial, falamos dos estudos sobre as fontes não convencionais de pesquisa e de seu contraponto: dos novos objetos que revisitam e fazem novas leituras das fontes consideradas convencionais, como é o caso do diário íntimo.

O primeiro objetivo dessa pesquisa é analisar de qual forma a Literatura se fez presente no cotidiano narrado nos diários de Carolina, observando-se e analisando uma parte dos poemas encontrados em seu interior.

Carolina Martins de Mattos é uma mulher comum, no sentido de não possuir nenhuma projeção intelectual junto às academias, mas que enriqueceu as páginas de seus diários com poemas de sua autoria e poemas transcritos de alguns autores famosos e outros nem tanto.

Os diários chegaram a mim pelas mãos de Ana Maria Domingues de Oliveira, neta de Carolina e orientadora deste trabalho, que gentilmente cedeu-os como objeto dessa pesquisa.

Os diários anteriormente não eram considerados literatura, mas, com sua redescoberta, no final do século XIX e início do século XX, repletos de informações autobiográficas, históricas e sociais, tornaram-se fonte privilegiada de pesquisa.

O segundo objetivo é, na narrativa feminina da escrita dos diários de Carolina Martins de Mattos, entrever, nas linhas e entrelinhas dessa literatura considerada íntima, e que tradicionalmente deveria ser traçada no espaço privado destinado ao gênero feminino, essa construção autobiográfica que inventando outros espaços de liberdade esfumaçando-se pelo embaralhar das fronteiras.

No caso deste trabalho, o espaço no qual Carolina se dedicava à sua escrita era localizado exatamente nessa fronteira entre o público e o privado. Sua escrivaninha, local de trabalho e no qual registrava seu cotidiano em seus diários, encontrava-se em um “entre lugar” compartilhado pelo armazém, o comércio da família, o público, e sua casa, o privado, apenas com uma divisão física que era um balcão ao lado de sua mesa.

Hoje, se pode encontrar em diversas áreas do conhecimento trabalhos que se dedicam ao estudo de diários íntimos. São diários de políticos, algumas vezes de filhas de políticos, de professoras, escritores, enfim de pessoas, que em algum momento de suas vidas resolveram registrar seu cotidiano, deixando preciosos traços de sua trajetória e de seu momento histórico.

Com base nessa recente produção historiográfica, que toma os diários íntimos como fonte essencial de trabalho, é que se desenvolve este trabalho, fundamentando-se, principalmente, na produção de pesquisadores do campo da literatura e da história que se dedicam ao estudo de diários íntimos, produzindo trabalhos teóricos e metodológicos de muita importância para quem se dedica ao assunto.

Os diários de Carolina Martins de Mattos compõem-se de três volumes, sendo que o terceiro é aquele que contém os poemas escolhidos para esse trabalho. O período abarcado pela pesquisa coincide com o marco de seus diários que se inicia em 1928 e vai até o ano de 1979, quando encerra sua escrita, definitivamente.

Capítulo I - Mulheres

Não se nascer mulher. Torna-se mulher.

Simone de Beauvoir

1.1. Breve História

A história sobre as mulheres vem percorrendo caminhos íngremes para chegar aos dias atuais Com o surgimento da *Nova História*, como é chamada a terceira geração da revista francesa dos *Annales*, há uma reação contra o paradigma tradicional da história essencialmente política.

A *Nova História* se interessa por toda a atividade humana e preocupa-se com a análise da estrutura dos acontecimentos. Parte do princípio de que tudo tem uma história própria com evidências visuais e orais. Nesse momento, a vida privada ganha estatuto de objeto de análise histórica.

Segundo Peter Burke "Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra" (BURKE, 1992, p. 15) Não se pode supor que todas as pessoas tenham a mesma experiência e, baseada nisso, é fundamental a distinção da história das mulheres daquela dos homens.

A história das mulheres é uma prática estabelecida em algumas sociedades e o movimento dessa história sugere que, a cada dia, abram-se maiores espaços para o avanço desses estudos sobre o feminino.

A mulher, desde Eva, tem sido considerada frágil, incapaz e, até mesmo, diabólica. A construção social da mulher repleta de mitos e símbolos constitui interrogações passíveis sempre de novas respostas, abrangendo interpretações que complementarão a ideia do feminino.

Desde a antiguidade clássica, as mulheres gregas, filhas esposas e mães em uma sociedade patriarcal passavam da autoridade de um homem para a de outro, ou seja, do pai ao marido. A forma de vida dessas mulheres é descrita por Xenofonte, Ésquilo, Plutarco, entre outros.

As mulheres de Atenas eram exemplo de submissão e sua principal tarefa era gerar filhos, herdeiros do sexo masculino, e manterem-se fiéis ao marido. As mulheres de Esparta, um pouco diferentes, desde cedo praticavam exercícios físicos acreditando no fato de que era importante uma vida saudável. Isso faria com que elas se transformassem em mães saudáveis e que dariam à luz crianças fortes e sãs. Elas eram treinadas para serem esposas e mães de soldados, mas, de qualquer forma, esposas e mães (MASSEY, 1989, p. 15-57).

Essa situação das mulheres clássicas em quase nada se alterou na Idade Média e, como aconteceu na Antiguidade, elas também são representadas pela voz do sexo masculino.

Nessa época de relativa obscuridade pela carência de informações escritas, a condição feminina era de submissão a um tempo governado e dominado por homens, onde, objeto de seu marido e senhor, as mulheres eram exibidas como um adereço em algumas ocasiões sociais, como nos torneios. Mas, na maior parte do tempo estavam escondidas aos olhares de outros homens, pois, ao ver dessa sociedade, exclusivamente masculina, a mulher era fraca e nociva e cabia a eles controlá-la ou encerrá-la em um claustro, sempre na condição de submissa ao poderio masculino.

Presas por compromissos, as mulheres ligavam-se ao pai pela virgindade, ao marido pela submissão e a Deus pela severidade da viuvez, indo de gravidez em gravidez na tentativa de dar filhos homens ao seu senhor, sem os quais, seria considerada incapaz.

Nessa época de exacerbada religiosidade, os homens da fé e os homens comuns não conseguiram entender as mulheres e nem desvendar o tabu da sexualidade feminina. Esse tabu ainda persiste e alguns homens não perderam o temor que têm dessa sexualidade tão íntima sua e quase totalmente desconhecida.

Foi em nome dessa sexualidade que as mulheres foram estigmatizadas, desde longa data, como agentes de satã e, no início da Idade Moderna, foram perseguidas como feiticeiras e muitas delas sucumbiram à fogueira.

A sexualidade feminina, obscura muitas vezes até mesmo à mulher, sempre assustou os homens e nas sociedades de estrutura patriarcais foi contrabalanceada com a veneração que eles possuíam pelas mulheres. E a gestação, parto e amamentação também contribuíram para que o homem temesse essa sua companheira desconhecida:

> Para o homem, a maternidade permanecerá provavelmente sempre um mistério profundo e Karen Horney sugeriu com verossimilhança que o medo que a mulher inspira ao outro sexo prende-se especialmente a esse mistério, fonte de tantos tabus, de terrores e de ritos, que a religa, muito mais estreitamente que seu companheiro, à grande obra da natureza e faz dela “o santuário do estranho”
> [...] Mistério da maternidade, porém mais amplamente ainda mistério da fisiologia feminina ligada às lunações. Atraído pela mulher, o outro sexo é do mesmo modo repelido pelo fluxo menstrual, pelos odores de sua parceira, pelo líquido amniótico, pelas expulsões do parto (DELUMEAU, 1989, p. 311).

Mais ainda, é uma “polivalência nefasta do úmido que o homem de outrora dirige constantemente contra a mulher: um excesso de umidade na matriz leva a engendrar meninas

que, demasiadamente viscosas por natureza, dão livre curso a uma imaginação de que Satã logo trata-se de apoderar-se" (DELUMEAU, 1989, p. 335).

Pierre de Lancre, conselheiro no Parlamento de Bordéus e que foi carrasco de Labourd no começo do século XVII, não se surpreendeu pelo fato das mulheres serem feiticeiras em maior número do que o homem, pois

> É um sexo frágil, que considera e toma freqüentemente as sugestões demoníacas por divinas [...]. E mais, elas abundam em paixões vorazes e veementes, além de serem ordinariamente de natureza úmida e viscosa. Ora, como o úmido se excita facilmente e recebe diversas impressões e figuras, elas não cessam seus movimentos senão com dificuldade e bem tarde, e os homens mantêm menos obstinadamente suas imaginações (DELUMEAU, 1989, p.335).

Consideradas animais imperfeitos e possuidoras de língua traiçoeira, as mulheres, como dito acima, foram muitas vezes consideradas bruxas e novamente nota-se, explicitamente, a associação entre feitiçaria e sexualidade acendendo o imaginário ligado aos sabás. Dessa forma, a atitude mais correta por parte de um pai era conseguir logo um marido para a filha a fim de evitar maiores inquietações. Casada em cerimônia religiosa católica e indo das mãos do pai para as do marido, tornava-se mãe dentro de uma sociedade quase misógina onde a maternidade deveria ser o ápice na vida da mulher. As mulheres afastavam-se então de Eva e aproximavam-se de Maria, virgem-mãe do Salvador.

A anatomia e a biologia da mulher colocaram-na em uma posição desprivilegiada. Perrot descreve bem essa situação incômoda:

> A mulher é um ser em concavidade, esburacado, marcado para a possessão, para a passividade. Por sua anatomia. Mas também por sua biologia. Seus humores – a água, o sangue (o sangue impuro), o leite – não tem o mesmo poder criador que o esperma, elas são apenas nutrizes. Na geração, a mulher não é mais que um receptáculo, um vaso do qual se pode apenas esperar que seja calmo e quente (PERROT, 2007, p. 63).

No século XVIII se descobre o mecanismo de ovulação, mas é somente em meados do século XIX que sua importância é reconhecida.

O medo que os homens têm das mulheres vai além da teoria da castração de Freud e que esse é um "conceito sem fundamento introduzido sub-repticiamente na teoria psicanalítica por um tenaz apego à superioridade masculina" (DELUMEAU, 1989, p. 311).

Já analistas junguianos, a exemplo de Bolen, destacam que as mulheres em suas escolhas, são influenciadas por forças interiores, os arquétipos, podendo ser personificados

pelas deusas gregas, e por forças exteriores, os estereótipos, papéis com os quais a sociedade espera que elas se conformem; são os arquétipos divinos e os estereótipos culturais (RAPUCCI, 1997, p. 52)

As forças interiores que influenciam as mulheres são apresentadas nas formas das deusas gregas Héstia, Deméter, Hera, Ártemis, Atenas, Afrodite e Perséfone. Essas sete deusas dividem-se em três categorias: as deusas virgens, as deusas vulneráveis e a deusa alquímica ou transformativa (RAPUCCI, 1997, p. 52).

As deusas virgens são Ártemis, Atenas e Héstia. São o aspecto da mulher "impenetrável", que não pertence ao homem e nem se deixa afetar pelas "expectativas coletivas sociais e culturais, determinadas pelo sexo masculino, daquilo que uma mulher deveria ser" (RAPUCCI, 1997, p. 52.)

As três deusas vulneráveis são Hera, Deméter e Perséfone personificando arquétipos representativos dos papéis tradicionais das mulheres – esposa, mãe e filha e que tem a sua motivação nas recompensas do relacionamento.

Para Afrodite, a deusa alquímica, é criada uma categoria própria. "Ela simboliza o poder transformativo e criativo do amor" (RAPUCCI, 1997, p. 64).

De acordo com Bolen, na psique individual da mulher, quaisquer das sete deusas podem estar disputando a maçã. Adverte que

> Se a mulher deixar os outros decidirem o que é importante para ela, então viverá as expectativas alheias; na sua vida serão os outros que determinarão qual deusa será honrada. Mas se a mulher decidir por si mesma "qual deusa conquista a maçã de ouro", baseando a decisão na força da deusa em si, então o que quer que decida será significativo para ela (RAPUCCI, 1997, p.66).

Esse olhar, no sentido de uma leitura da trajetória feminina, persiste até final do século XVII. Com o advento do Iluminismo, imbuído das ideias progressistas, com o desejo de desenvolver as capacidades humanas objetivando transformar o mundo, começou um período de grandes mudanças. Nesse contexto, as mulheres iniciaram, mesmo que anonimamente, a transformação de sua tradição de história oral, repleta de contos e poemas declamados, em relatos escritos. Versaram também sobre política e religião e as publicações políticas femininas multiplicaram-se na França e na Inglaterra (DUBY, 1994).

No século XIX e início do século XX, a crítica literária sempre teve um olhar condescendente e preconceituoso em relação à literatura feminina. Muitas vezes, até mesmo a própria mulher, ligada aos periódicos de divulgação literária, também se dirigia à escrita

feminina com o mesmo olhar. Destacavam-se os dotes físicos da escritora para fugir à crítica dos dotes literários que não passava de uma forma de omissão ao que se tentava dar à mulher seu lugar na literatura. A mulher deveria tratar do amor como forma efêmera e sublimada e não de amor e desejos, pois isso era considerado uma transgressão (PAIXÃO, 1990).

No Brasil, foi apenas nas primeiras décadas do século XIX que as mulheres levantaram sua primeira bandeira e que começou a retirá-las da clausura de preconceitos e indigência cultural: o direito de ler e escrever. Nas últimas décadas, mulheres pioneiras já escreviam para jornais, dirigiam revistas e frequentavam universidades, embora ridicularizadas pela literatura, pelo teatro e pela imprensa masculina (DUARTE, 2003).

Quando se trata dessa questão do feminino, sua trajetória junto às "escritas memorialísticas, tentando recompor o mosaico de suas vidas para compor a si mesmas pelo caminho do olhar-se e do entregar-se ao olhar do outro" (VIANA, 1995, p. 12-19), Viana confabula com o refúgio do eu, do olhar vigilante, do ensaio de insubordinação e da transgressão das normas.

A mulher, mesmo que presente desde sempre nos séculos de história da humanidade, veio constantemente marginalizada pela própria sociedade em que vive, tratada como um ser inferior e castrada, como literalmente acontece a muitas meninas ainda nos dias atuais em várias culturas. Sua condição de mulher a fez ser desejada e repelida, honrada e prostituída. A fez ser mãe, esposa e filha, mas também a rameira pronta a saciar o mais lascivo desejo masculino.

Elevada ou decaída, a mulher atravessou a história em busca de um lugar que fosse todo seu e onde pudesse realizar suas escolhas sob a solidez de seu teto. Um lugar no qual o úmido e o viscoso fossem constantemente valorizados e aceitos como suas características naturais. Esse lugar aos poucos está se concretizando na vida de algumas, mas está longe o tempo no qual ela se libertará do poderio masculino que ainda subjuga seus passos rumo à independência total. Sua sexualidade ainda persiste em ser um tabu que impõe receio aos homens que, desavisados da quão harmoniosa pode ser essa convivência, ainda persistem em menosprezar aquela que deveria ser sua parceira de travessia nas vicissitudes do cotidiano estafante.

Desta forma, mesmo que minimamente, observou-se um pouco da história desse íngreme caminho percorrido pela mulher e algumas das questões que tratam do feminino.

1.2. As mulheres no Brasil

Corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade.

Michelle Perrot

A história das mulheres brasileiras em nada se diferenciou da trajetória de outras histórias de mulheres na qual a repartição das tarefas por gênero permaneceu. Sem mudanças expressivas, as mulheres e sua sexualidade mudam de cenário e, continuamente pressionadas pela Igreja, se insinuam, tímidas e dominadas.

A mocinha virgem e a senhora casada eram constantemente submetidas aos olhares de seus familiares do sexo masculino e sempre com o mesmo objetivo: "abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas" (ARAÚJO, 1997, p. 45).

À Igreja cabia a pressão no adestramento da sexualidade feminina justificada no fundamento de que o homem era superior e, portanto, a ele cabia a autoridade, pois de acordo com São Paulo, se a Igreja está sujeita ao Cristo as mulheres devem estar sujeita aos maridos e assim sendo o sexo masculino, seja marido, pai, irmão, representava Cristo no lar. Eram as mulheres pagando pelo eterno erro de Eva que "levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca, [e] já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada" (ARAÚJO, 1997, p. 46).

O século XIX trouxe uma série de transformações com a consolidação do capitalismo, o incremento da vida urbana e o surgimento das elites que dão ensejos a uma nova mentalidade que reorganiza as "vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas, e, por que não, a sensibilidade e a forma de pensar o amor" (ARAÚJO, 1997, p. 223).

É o nascimento de uma nova mulher marcada pela valorização da intimidade e da maternidade vivendo em um sólido ambiente familiar e dedicada ao lar exclusivamente e tornando-se um tesouro social que, aliado à boa reputação financeira e laços de parentesco marcaram o processo de urbanização do país.

A modernização das cidades, principalmente do Rio de Janeiro, capital do país, desejava dar a ideia de civilizado e de europeização, o que foi intensificado pela emergência da República. Iniciava-se, então, o reforço aos novos modelos femininos e a imprensa tornou-se uma das responsáveis pela nova modelagem das mulheres.

Após as crises políticas dos primeiros anos da República, as cidades sofreram reformas que deram novas características ao espaço físico com a consequente tentativa de segregação das camadas populares dos centros urbanos. Essas políticas de urbanização tiveram suas particularidades em relação às mulheres. Pressionadas pelas condições socioeconômicas a tornarem-se mão-de-obra para a indústria nascente, elas iam contra as imagens idealizadas para o seu sexo, possíveis apenas para as elites urbanas.

A emergência das novas elites propiciou a divulgação de imagens da mulher familiar ideal, ou seja, esposa – mãe – dona-de-casa, mas essa riqueza ficou restrita a poucos. Isso acabou por limitar em seu próprio círculo a divulgação de tais imagens e os novos modelos foram adotados apenas por poucas mulheres. Isso não impediu, entretanto, que os jornais e revistas continuassem a publicar as imagens idealizadas das mulheres, investindo-se na figura materna que a imprensa considerava as bases de uma sociedade perfeita.

A urbanização trouxe outro peso para a mulher durante o que se convencionou chamar de a Belle Époque (1890-1920): a violência.

Necessitadas de sair em busca do mercado de trabalho, as mulheres populares, não se adaptavam ao modelo do sexo feminino: submissão, recato, delicadeza, fragilidade. Eram mulheres que trabalhavam, normalmente não eram formalmente casadas, brigavam na rua, pronunciavam palavrões, e fugiam, em grande escala, aos estereótipos atribuídos ao sexo frágil.

Suas atividades, influenciando em sua própria maneira de pensar e de viver, contribuíam para que agisse de forma mais desinibida que as de outra classe social e, nos desdobramentos das concepções relativas à inferioridade feminina, eram impedidas da competição em situação de igualdade com os homens. Além disso, subjugando a precariedade de seu cotidiano, a maior parte delas assumiam integralmente a responsabilidade pelos filhos.

A maior incidência da violência era restrita ao próprio lar, pois por suas condições de vida, o homem pobre “estava longe de poder assumir o papel de mantenedor da família previsto pela ideologia dominante, nem tampouco, o papel de dominador, típico desses padrões” (ARAÚJO, 1997, p. 370). A insegurança da qual era acometido transformava-se em violência, resultado de sua incapacidade de exercer seu poder sobre a mulher. É antes, demonstração de fraqueza e impotência do que de força e poder.

Em época de amplos preconceitos contra as mulheres que não se adequavam ao modelo tido como ideal, elas deveriam defender sua honra, matando se necessário. Trata-se de um conceito sexualmente localizado onde o homem é o legitimador e cuja

> concepção impõe ao gênero feminino o desconhecimento do próprio corpo e abre caminhos para a repressão de sua sexualidade. Decorre daí o fato de as mulheres manterem com seu corpo uma relação matizada por sentimentos de culpa, de impureza, de diminuição, de vergonha de não ser mais virgem, de vergonha de estar menstruada, etc. (ARAÚJO, 1997, p.389).

A defesa da honra era tão imprescindível que, se ao fazê-la, as mulheres tornavam-se assassinas, eram absolvidas devido à "explosão violenta e momentânea que lhe toldou a razão". A imprensa que relatava o fato ressaltava a "pureza de caráter de uma alma cândida e imaculada de donzela que não deixou periclitar o seu mais sagrado e inestimável patrimônio" (ARAÚJO, 1997, p. 397-398).

A imprensa também teve papel fundamental no reforço da imagem do feminino na ideologia dos Anos Dourados quando o Brasil, otimista com o crescimento urbano e a industrialização do pós-guerra, viveu um período de ascensão da classe média.

Discursos políticos com ideias de democracia e participação ampliaram as possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo e, juntamente com as condições de vida na cidade, diminuíram as distâncias entre homens e mulheres. Entretanto, as distinções dos papéis feminino e masculino permaneceram nítidas; a moral sexualmente dividida permanecia fortemente diferenciada e o trabalho das mulheres, ainda que cada vez mais ordinário, cercava-se de preconceitos e era considerado como subsidiário ao do homem, o chefe da casa.

A família-modelo dava aos homens autoridade e poder sobre as mulheres e a responsabilidade pelo sustento de seus dependentes. As mulheres continuavam a receberem o papel ideal de esposa, mãe e dona-de-casa, características próprias da feminilidade.

As revistas femininas dos anos 50 vêm ao encontro dessas ideias. Classificavam as moças de família e as levianas; aconselhavam a virgindade e davam aos rapazes plena liberdade sexual; as moças deveriam ter o cuidado de não se tornarem mal faladas e portarem-se, sempre, dando-se ao respeito, pois um rapaz jamais se casaria com uma moça deflorada por outro.

Era apavorante, para as moças dos Anos Dourados, não se casarem e esse temor era a maior arma utilizada pelas propagandas das revistas para vender seus produtos. Embora cerceado pelo preconceito, o trabalho feminino cresce nessa década e a visão que se tinha das

mulheres, de dona-de-casa, esposa e mãe, criou a ideia de incompatibilidade entre o casamento e a vida profissional ganhando grande força no imaginário social.

Alegava-se que as mulheres corriam o perigo de perder sua feminilidade e seus privilégios femininos garantidos pelo homem provedor e "As revistas femininas da época fizeram eco a essas preocupações, aconselharam e apelaram para que as mulheres que exerciam atividades fora do lar não descuidassem da aparência ou da reputação pessoal e soubessem manter-se femininas" (BASSANEZI, 1997, p. 624).

Reconhecem-se, ainda hoje, traços dos Anos Dourados em alguns costumes e valores que definem e até hierarquizam homens e mulheres. Algumas ideias foram contestadas e superadas e seria fácil atribuir as mudanças ao avanço do tempo e às novas mentalidades e, também,

> seria correto levar em conta fatores sociais, político-econômicos e demográficos. [...]. Entretanto, não devem ser esquecidas as pessoas concretas que, vivendo os Anos Dourados com ideias diferenciadas, ousadia, coragem e vontade de renovação, fizeram com que estes anos tivessem também outras tonalidades e cores" (BASSANEZI, 1997, p. 637).

Esses novos tons tomam um colorido mais acentuado no final da década de 60 e início da década 70 quando começam a surgir os primeiros movimentos feministas por todo o mundo.

O feminismo nos Estados Unidos e na Europa havia-se centrado nas lutas contra a opressão das mulheres enquanto sexo, contra todo o poder patriarcal na esfera da sexualidade e buscava redefinição do privado e do político onde "o político passa pelo individual, que o privado também é político, isto é, também é sede de relações de poder" (LUZ, 1982, p. 10-31). As primeiras lutas foram pela livre disposição do corpo por parte das mulheres e a denúncia de violências praticadas contra elas em todas as instâncias da sociedade, a começar da família.

No Brasil o feminismo teve uma trajetória diferenciada. De acordo com Constância Lima Duarte foram quatro as ondas do feminismo.

A primeira onda ela denominou de As primeiras letras (DUARTE, 2003, p. 152-155) no qual as mulheres brasileiras viviam em indigência cultural, no início do século XIX, e era necessário adquirir o direito básico de ler e escrever. Algumas delas conseguiram adquirir uma educação diferenciada e tomaram para si o dever de estender às outras as benesses da educação, abriram escolas e publicaram livros.

Nesse contexto destacou-se Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) que conseguindo romper os limites do privado publicava textos em jornais considerados a grande imprensa e publicava livros. Seu primeiro livro Direitos das mulheres e injustiça dos homens, de 1832, é o primeiro no Brasil a tratar dos direitos das mulheres. O livro é mistura de uma tradução livre, realizada por Nísia, de Vindications of the Rights of Woman, de Mary Wollstonecraft e dos escritos de Poulain de la Barre e da "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã", de Olympe de Gouges.

Nísia realizou o que Duarte denominou antropofagia libertária, pois ela assimilou as concepções estrangeiras elaborando um produto pessoal baseado em sua própria experiência. A primeira onda do feminismo brasileiro veio de fora pelas mãos de Nísia.

A segunda onda foi denominada de ampliando a educação e sonhando com o voto (DUARTE, 2003, p. 156-158) que se iniciou por volta de 1870 com o grande número de jornais e revistas com perfil feminista que surgiram no Rio de Janeiro e outros pontos do país.

Dentre muitos deles se encontrava O sexo feminino, dirigido por Francisca Senhorinha da Mota Diniz, nome que se tornou conceituado junto à Corte quando se mudou com sua filha Elisa para o Rio de Janeiro. Elisa Diniz Machado Coelho, jornalista e autora de romances-folhetins fundou o Colégio Santa Isabel, para moças, tornando-se um dos mais conceituados da cidade.

Outros periódicos também enriqueceram o período, a exemplo do Echo das damas, editado por Amélia Carolina da Silva Couto, O domingo, Jornal das Damas¸ A mensageira, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, O carimbo, das irmãs Revocata Heloisa de Melo e Julieta de Melo Monteiro e A família, de Josefina Álvares de Azevedo. Josefina também encenou a peça O voto feminino, no Teatro Recreio, que se tornou livro. Ela foi uma das primeiras mulheres brasileira a defender o direito ao voto e à cidadania. Esse foi um período de reivindicações jornalísticas.

Foi nesse período que surgiram também as primeiras notícias de mulheres fazendo cursos universitários. Fato esse que a imprensa feminista dava ampla divulgação e expressava seus mais efusivos parabéns a cada vitória conquistada pelas mulheres.

A terceira onda rumo à cidadania, (DUARTE, 2003, p. 160-165) já se inicia em princípio do século XX quando a movimentação das mulheres já se encontra mais ou menos organizada, clamando pelo direito do voto, da cidadania e ampliação do campo de trabalho.

Muitas mulheres se destacam nesse período umas cursando universidades no exterior e outras fazendo o curso Normal e tornando-se professoras. Bertha Lutz (1894-1976), bióloga formada pela Sorbonne, foi incansável defensora dos direitos da mulher vindo a

fundar a Federação Brasileira do Progresso Feminino e publicando textos de denúncia sobre a opressão sobre as mulheres.

Junto a Bertha esteve também Maria Lacerda de Moura (1887-1945), professora e escritora engajada que muito lutou pelo feminismo mantendo-se sempre coerente em suas ideias.

Em 1927, o governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine aprova a lei dando direito ao voto às mulheres. A terra de Nísia Floresta deu um exemplo nacional de atendimento às reivindicações feministas. É lançado o Manifesto feminista, assinado por grandes mulheres da época. Despontam escritoras como Rosalina Coelho Lisboa (1990-1975), com Rito Pagão, Gilka Machado (1893-1980), Meu glorioso pecado, Mariana Coelho, A evolução do feminismo: subsídios para sua história, Rachel de Queiroz, O quinze.

Em 1946, no Palace Hotel do Rio de Janeiro, Adalzira Bittencourt (1904-1976) realiza a Primeira Exposição do Livro Feminino com grande repercussão na imprensa. No ano seguinte repetiu o evento em São Paulo, na Biblioteca Mario de Andrade, com a presença de mais de mil livros e quinhentas e sessenta escritoras com enorme sucesso de público. Esse foi um período profícuo de escrita feminina.

Nos anos setenta a Revolução sexual e literatura, (DUARTE, 2003, p. 165-168) foi a quarta e última onda do feminismo no Brasil. Essa foi a onda que modificou costumes e 1975 tornou-se o Ano Internacional da Mulher, e declarado o “8 de Março” como o Dia Internacional da Mulher.

No exterior as mulheres uniam-se contra a discriminação sexual e pela igualdade de direitos. No Brasil ocorreu o inverso. Os movimentos feministas, até 1978, tinham como prioridade as lutas pela anistia e pelas liberdades democráticas, contra as discriminações e pelos direitos da mulher trabalhadora, por creches e aumento da participação política. Ainda assim debatia-se sobre aborto, o direito ao prazer e a sexualidade. Periódicos feministas circulavam suas ideias de libertação feminina, a exemplo de Brasil mulher, Nós mulheres e Mulherio.

As mulheres iniciaram sua trajetória rumo às conquistas políticas, ainda que vagarosamente alcançando postos até então ocupados pelo poderio masculino. Escritoras publicaram obras de suscitavam a reflexão de seus textos, como Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Hilda Hilst, Helena Parente Cunha, Marina Colasanti, Lya Luft, entre outra infinidade delas.

Há que se debruçar com mais vagar sobre a história da trajetória feminina e a constante luta pela sua libertação e entender as dores e vicissitudes pelas quais essas

companheiras passaram. Tudo para que hoje as mulheres brasileiras pudessem gozar de seus direitos fundamentais, arduamente adquiridos, e sentir que finalmente se tem a oportunidade de conquistar aquele tão sonhado lugar, que seja somente seu.

1.3. Delineando Carolina

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres tem uma história?

Michelle Perrot

Carolina Nunes Martins nasceu em 27 de dezembro de 1904, registrada no livro 24 fls. 170, na cidade de Amparo, estado de São Paulo.

Amparo, chamada originalmente de Sertão da Bragança, foi fundada por sertanistas, entre a primeira e segunda décadas do século XIX, que atraídos pela fertilidade do solo dedicaram-se à agricultura iniciando o plantio e a comercialização do café em grande escala. Esse fator impulsionou o desenvolvimento do município elevando-o um dos quatros mais importantes do interior paulista, juntamente com Santos, Sorocaba e Campinas. Com a inauguração da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, toda a produção do município pode ser escoada para o porto de Santos, mas a crise do café com a queda da Bolsa, em 1929, abalou sua estrutura econômica. Hoje, os casarões dos barões do café ainda lembram a época áurea de desenvolvimento econômico da cidade. [1]

Filha de imigrantes portugueses e de origem urbana, além de seus pais, sua família se constituía de uma irmã mais velha (Mariquinha) seguida de dois irmãos (Alberto e Mário) e quatro irmãos mais novos (Orminda, Amélia, Eurídice e Armando).

Ela perdeu a mãe quando era apenas uma adolescente de doze para treze anos. Surpreendentemente, Carolina, mesmo com pouca idade, tomou para si a responsabilidade de seus irmãos e assumiu o papel de mãe e de dona da casa. Provavelmente em função disso, abandonou a escola antes de concluir o terceiro ano. Isso não impediu que ela se dedicasse, anos mais tarde, em seus diários, ao registro de seu cotidiano e à criação e transcrição de poemas que, em quase sua totalidade, estiveram dentro das regras cultas de composição de versos e rimas.

Carolina torna-se moça em um momento em que a noção de moça recatada, prendada, religiosa eclodem, fruto da Belle Epóque, no qual a mulher deve estar preparada para o casamento, possuir enxoval para sua nova casa, submeter-se ao marido, ter filhos,

[1] Disponível na Internet: <http://www.amparo.tur.br/historia.htm>. Acessado pela última vez em 16/05/2011.

educá-los e prepará-los para reproduzir esses valores no seio da sociedade, ou seja, corresponder de modo perfeito ao tripé mãe, esposa e dona de casa.

Aos vinte anos conheceu Luiz de Mattos Junior, nascido em 9 de fevereiro de 1901, e iniciando as proclamas do casamento em 28 de maio de 1925, casaram-se em 23 de junho do mesmo ano. Ela passou então a assinar Carolina Martins de Mattos.

O casal teve onze filhos: Homero (1926), Cacilda (1927), Alcyr (1928), Celso (1930), Dinah (1932), Abigail (1934), Edmur (1936), Antônio (1937), Nivaldo (1939), Maria Izabel (1940) e Rachel (1942). Antônio e Nivaldo morreram ainda bebês. Além do casal e dos filhos, a casa sempre abrigou muitos agregados: parentes que viviam no sítio e que iam estudar na cidade, conhecidos que precisavam de um lugar provisório para morar, empregados etc. Apesar de ser de origem urbana a família de Carolina sempre manteve estreito contato com seus parentes habitantes de residências rurais, como era comum nesse período em que o Brasil era essencialmente agrícola.

No ano do nascimento de Nivaldo eclode a Segunda Guerra Mundial, momento em que o Brasil, diferentemente da Primeira Guerra, sente mais de perto as consequências desse confronto bélico com a precariedade, a carestia e a falta de gêneros alimentícios. A pouca industrialização do país fazia com que se dependesse de importações e a guerra, interrompendo esse comércio quase totalmente, colocou a população em delicada situação para a aquisição de produtos comestíveis. Durante os seis anos da guerra nasceram as caçulas Maria Izabel e Rachel.

Carolina, Luiz e os filhos constituíam uma família que sempre trabalhou no comércio, em uma cidade pequena como Amparo, repleta de famílias tradicionais cafeeiras. Nessa época esses armazéns se constituíam de toda a espécie de materiais em suas prateleiras. Vendiam desde gêneros alimentícios, ferramentas, roupas e calçados até sanduíches, doces e sorvete.

O armazém ficava ao lado de uma escola tradicional, o Instituto de Educação Dr. Coriolano Burgos, aonde as crianças no intervalo ou na hora do almoço vinham tomar sorvete comprar lanche ou doces. Muitas gerações de crianças passaram pelo Instituto e pelo armazém da família Mattos.

É importante lembrar a importância que esses Institutos representaram para a educação. Desde 1830 as escolas normais existem no Brasil. A de Niterói foi a pioneira na América Latina, e, quanto ao caráter público, a primeira de todo o continente. Segundo a instituição do Decreto Lei 8.530, de 02 de Janeiro de 1946, oficializou como finalidade do ensino normal:

> 1- Promover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias;
> 2- Habilitar administradores escolares destinados as mesmas escolas;
> 3- Desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância (ROMANELLI, 1986, p. 163-164).

Esses Institutos estavam destinados a serem grandes referenciais na área da Educação. Devido a isso, convém ter em pauta que os alunos que frequentavam o Instituto de Educação Dr. Coriolano Burgos eram alunos que estavam sendo preparados para o futuro. Era uma educação de alto nível que objetivava seu ingresso no magistério e muitas vezes para a complementação dos estudos em universidades. Não eram todas as crianças e todos os jovens que chegavam a frequentar esses institutos. Apenas os mais abastados podiam se dar ao direito de permanecer na escola até obter a completa formação profissional se transformando, muitos deles, em educadores nos próprios institutos.

Foi nesse ambiente que se firmou o comércio do casal Mattos.

Luiz, seu marido, que por ser cardíaco não ingeria cachaça, tinha o hábito de beber vinho e cerveja e, no início do casamento, em algumas vezes, chegou a usar de violência com Carolina. Portanto, quando Homero, o filho mais velho, também começou a beber, para ela foi como um retrospecto, pois presenciou na família dele o mesmo pesar que a sua já havia sofrido com o vício do pai.

Apesar desses percalços, Carolina e Luiz demonstravam ser apaixonados um pelo outro, com muitas demonstrações de ciúme por parte dele. Sua filha Abigail um dia ouviu o pai dizer à sua mãe, diante dos filhos, que ela deveria morrer antes dele, pois ele não suportava a ideia de vê-la só no mundo, com a possibilidade de envolver-se com outro homem.

Em seu armazém, em um canto, ficava sua escrivaninha. Nela Carolina fazia a contabilidade do estabelecimento e escrevia em seus diários, iniciados efetivamente em 1930. Carolina estudou apenas até o segundo ano primário, mas a escrita em seus diários denuncia uma autora autodidata, especialmente no que diz respeito à composição de seus poemas.

É interessante observar que ela exercia uma função masculina que era a execução da contabilidade do armazém e outra feminina que era a escrita em diários íntimos. Ela o fazia em sua escrivaninha que era o “entre lugar” dessas fronteiras. Carolina circulava sempre nos limites entre ambas, mas é pelo fato dela escrever e manter seus diários e sua escrivaninha, o lugar público de seu estabelecimento, que se pode considerá-la uma mulher pública.

Carolina gostava de ler e as revistas O Cruzeiro que chegavam até o armazém, após a devida leitura possuíam outra função além da informação e entretenimento. Eram transformadas em saquinhos para embalar café, confeccionados com cola de farinha para a alegria das crianças que a ajudavam nos dias dedicados à “fabricação” dessa embalagem caseira.

Junto à sua escrivaninha havia um banquinho onde as pessoas que frequentavam seu comércio se sentavam para conversar com Carolina, enquanto seu filho separava a lista de compras. Carolina exercia de certo modo o papel de terapeuta do bairro, ouvindo os problemas e as dúvidas e oferecendo conselhos aos que os solicitavam. Carolina tornou-se assim um pouco mãe de todos.

Carolina, sentada à sua mesa de trabalho, consolava ou orientava as pessoas, muitas vezes utilizando frases de ditos populares ou inventadas por ela. Como resultado disso, uma de suas noras, Zélia, esposa de Alcyr, fez um caderno de anotações de pensamentos do uso de Carolina, nomeado Palavras de Carolina, no qual se inserem oitenta e quatro frases.

Apesar de atender todos os dias ao comércio, ela tinha a casa sempre repleta de visitas, durante todo o dia e à noite, em sua mesa sempre participavam dezenas de comensais, incluindo sua família e ainda reservava parte de suas tardes para visitas a parentes e pessoas doentes de seu convívio social, compras para os seus, a casa e presentes de aniversário.

Carolina era assinante e leitora diária de jornais e revistas, sendo assinante assídua do jornal local O Comércio. Ouvia também novela do rádio, O direito de nascer (1951), levada ao ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e o maior sucesso da história da radionovela. Também frequentava cinema e teatro e participava das festividades locais. Foi às formaturas de todos os filhos e filhas e aos concertos de piano das duas caçulas.

Com a doença de Luiz, em 1956, Carolina passou por grande aflição, sempre às voltas com médico e hospital, além de todos os afazeres cotidianos da casa e do comércio. Em meio a isso tudo, precisaram mudar de residência, a pedido do proprietário, levando consigo as instalações do armazém. Hoje, na esquina onde ficava essa residência existe um posto de gasolina. Dezoito dias após a mudança do armazém ele falece, em um sábado, 3 de outubro de 1959.

Ela se viu, então, como em criança, de novo à frente da família e agora do armazém, sustentando o cotidiano. Tendo saído do lugar tradicional onde eram referência de comércio, precisou se adaptar à sua viuvez, ao lugar novo e a uma nova clientela, com a ajuda de seu filho Alcyr. Precisava também pagar as dívidas para conservar limpo e honrado o nome de seu marido.

Carolina passou quase 22 anos como viúva, sem nunca mais se relacionar com homem nenhum.

Em 1975, recebeu da cidade de Amparo o titulo de Mãe do Ano. Para Carolina, comerciante, mulher de luta junto ao marido e agora viúva, numa cidade de paulistas quatrocentões, descendentes de barões do café, esse foi o reconhecimento de sua trajetória na cidade. Os tempos de comércio no tradicional local, junto ao Instituto, vendo passarem por lá várias gerações, onde construíram seu nome e as terapias em seu banquinho junto à sua escrivaninha tiveram muita participação na escolha de seu nome pela comunidade amparense.

Segundo relato de Carolina aos parentes próximos, em 1972, ela percebeu alterações no seio e, deduzindo que se tratava de câncer, decidiu não procurar ajuda médica e não revelar a ninguém o ocorrido. Somente muitos anos depois mostrou sinais de debilidade, sendo então internada, quando já não havia mais nada a ser feito a não ser esperar a morte. Inquirida pelos filhos sobre sua decisão, Carolina alegou não querer “dar trabalho” para ninguém com sua doença.

Talvez ela, depois de tanta dor e poesia de tristeza já não quisesse mais permanecer e sonhasse com a hora em que iria encontrar seu esposo, como ela disse em um de seus poemas “um dia nós unidos, juntos seremos, o que na vida fomos, abençoando de lá nossos filhos queridos” (p. 43 da transcrição, vol. 3).

Carolina faleceu em 5 de agosto de 1981, e hoje, seus diários trazem à luz a sensibilidade de uma pessoa saudosa que mesclou em suas páginas o seu cotidiano, receitas culinárias e os poemas que falaram em sussurros à sua alma, na solidão de sua viuvez.

Capítulo II - Escrita de si e subjetividade

2.1. Os Diários de Carolina

Contêm esta caderneta os apontamentos historicos de nossa vida conjugal[2]

Luiz de Mattos Junior
Carolina Martins de Mattos
Amparo, 23-07-1928

As palavras da epígrafe foram escritas por Carolina Martins de Mattos na primeira página de seu diário. Uma análise mais acurada concluirá que essa epígrafe e as primeiras quatro páginas e meia do primeiro volume dos diários não foram escritas por Carolina e sim por Luís, seu marido.

Compostos de três volumes, que iniciou em 1930, retroagindo a narrativa a 1928, e tendo grafado como sua última data cinco de maio de 1979, os diários de Carolina revelam, em quase cinquenta e um anos de registros, o quadro no qual ela se movia, possibilitando que se observe, com o decorrer dos anos, a mudança ocorrida nas vidas de todos que a cercavam.

A cronologia dos diários de Carolina divide-se em: o primeiro volume data de 23 de julho de 1928 a 25 de maio de 1953, o segundo de 27 de maio de 1953 a 2 de agosto de 1957, podendo haver aqui um erro de grafia no mês, podendo ser 2 de julho, pois o último volume data de 5 de julho de 1957 a 5 de maio de 1979.

Nestes cadernos a vida de Carolina mostra-se dividida em dois períodos, cujo marco divisório foi perda do esposo, ocorrida quando ela escrevia o terceiro e último volume de seus diários.

O primeiro volume dos diários se inicia após os nascimentos dos dois primeiros filhos, Homero e Cacilda. Nele, Luís dedica-se, de 1930 até o ano de 1942, a narrar, inclusive de forma retrospectiva, os nascimentos, batismos e crismas da prole do casal, onze no total, e a morte de dois filhos, Antônio e Nivaldo, ainda bebês. Escreve também sobre os compadrescos, mudanças de casa, o estabelecimento de um comércio, um bar, em 25 de outubro de 1939, na avenida B. de Campos, 517, que mais tarde se transformou em um armazém de secos e molhados. A escrita de Carolina inicia-se, definitivamente, em 5 de setembro de 1946.

---

[2] Nas transcrições dos diários de Carolina Martins de Mattos optou-se por manter a grafia original.

A sua caligrafia, sempre apressada, traz à mente de quem se familiariza com seu diário, quadros nítidos, como o casamento do primogênito, o nascimento de suas duas primeiras netas e o enlace de Cacilda, a filha mais velha.

Ela escreve sobre sua luta do dia a dia, em que levantava, no mais tardar, às seis horas da manhã, sua lida no balcão do armazém, a confecção de dezenas de litros de sorvetes e de caldas, fermento e massa para os pães doces, seus temperos, os cuidados com a economia da casa e da costura noturna que encarava como descanso.

Não se esquece da colocação de trabalho de seus filhos e filhas em escritórios ou em costurarias, o começo das lições de piano das duas caçulas e a alegria das moças quando recebiam carta dos namorados.

Nas páginas de seus diários Carolina se constrói como uma senhora de uma religiosidade profunda e sua narrativa é permeada pela devoção, indo toda a semana à missa, participando de apostolados, acompanhando procissões, orando, até mesmo por escrito em seu diário, e renovando seus votos ao marido em suas bodas de prata.

Com a morte de seu marido, em três de outubro de 1959, o relato do quotidiano passa a ser secundário como se o registro da vida exterior cedesse lugar àquele da vida interior da autora como uma maneira de elaborar seu luto. É nesse processo de perda e de luto que a autora inicia sua relação com a poesia. A maioria delas são transcrições com as iniciais de seus autores. Mas também se encontram poesias de sua autoria com o registro “versos de minha lavra” (p. 42 da transcrição, vol. 3).

Cabe aqui falar um pouco do estabelecimento do texto dos diários de Carolina. Os três volumes dos diários vieram em dois formatos. Um eletrônico com a transcrição digitada por Telma Maciel da Silva, em um trabalho incansável. Outra em sua forma original, com capas plásticas transparentes com etiquetas coladas onde se lia “Diário da Vovó Carolina”.

Ao comparar o original e o eletrônico se pode perceber que a grafia não se encontrava tal e qual estava no original. Dessa forma se procedeu a correção, palavra por palavra, aumentando a proximidade entre o texto digitado e os diários manuscritos. Também nesse processo, com a ajuda de Ana Maria Domingues de Oliveira junto aos seus familiares, foram complementados os nomes que geraram dúvidas quanto à grafia de algumas letras do alfabeto. A título de exemplo, não se sabia ao certo se o lanifício citado por Carolina chamava-se Fanamatex, Lanamatex ou Tanamatex, confirmando mais tarde ser o primeiro nome.

Nomes próprios, às vezes quase ininteligíveis pela grafia ou envelhecimento das páginas, foram enviados aos familiares, juntamente com os trechos das transcrições para

rememoração dos fatos, os quais foram devolvidos totalmente identificados. Todos faziam parte de um arquivo eletrônico denominado “dúvidas dos diários de Carolina”.

Dessa forma os diários eletrônicos foram se reconstituindo em uma cópia o mais fiel possível dos originais manuscritos, mas, mesmo assim, algumas palavras ficaram sem identificação devido à falta de informação consistente.

Isso feito, tornou-se necessário a retirada das capas plásticas que envolviam os volumes, pois, tendo em vista a conservação de documentos impressos, elas impediam que as capas de papel “respirassem” promovendo também um ambiente propício para a proliferação de fungos e bactérias que colocariam em risco a integridade dos diários. Ainda assim restaram as tiras de plástico autoadesivo *Contact* que arrematavam o trabalho nas capas e também serviram para unir as páginas que se encontravam soltas na encadernação. Esse adesivo será oportunamente retirado e os volumes restaurados para a total preservação do material em estudo.

Voltando à escrita dos diários de Carolina, nela se podem observar seis camadas (MAUD e MUAZE, 2004) sobrepostas e que, juntas formam seu cotidiano. As duas camadas mais claras dos diários de Carolina se referem à família. Por vida familiar compreende-se não apenas a família nuclear, marido, mulher e filhos, mas também a família extensa que envolvia sogra, cunhados, genros, noras e netos.

As outras duas relacionam-se com suas obrigações domésticas e seus afazeres relativos ao comércio que possuíam, no qual a vedete do verão era uma máquina de sorvetes.

As duas últimas camadas relacionam-se à convivência social e a dedicação à sua religiosidade.

A narrativa de Carolina seguia o ritmo de seus afazeres diários, mas nem por isso deixava de mencionar os fatos ocorridos durante seu dia que ela julgava importantes.

Os relatos de Carolina em seus diários são como repositórios de lembranças, como disse Cunha (CUNHA, 2007, p. 2-3) mais acima. É uma escrita feita em meio a muito trabalho, em sua escrivaninha a um canto do armazém, onde fazia a contabilidade e guardava os volumes de seus escritos.

Sua narrativa, quase pontual, e por isso mesmo fragmentada, parece ter o objetivo de tentar perpetuar os fatos como se eles precisassem ser registrados para que não fossem esquecidos. Eram apontamentos construídos dia após dia, repletos da presença de seus familiares, amigos, conhecidos, sua congregação, suas súplicas, sua religiosidade.

É importante ressaltar que em nenhum momento de sua narrativa Carolina ela se utiliza da metalinguagem, dialogando com seu diário. Ela faz inúmeras referências ao diário,

pede bênçãos para o início de um novo volume, mas limita-se apenas a isso como podem comprovar algumas das muitas passagens:

> Dia 21-7-52 segunda-feira
> há dias que não escrevo o meu diário os dias tem se passado em serviço bastante e hospedar visitas, hoje as 17 horas, as visitas vão embora. (p. 71, vol. 1 da transcrição)
>
> Dia 30-3-53 segunda-feira
> Tenho descuidado do meu diário o serviço é demais tem chovido muito estes dias. Homero completa hoje as 7 horas 27 anos. (p. 94, vol. 1 da transcrição)
>
> Encerro aqui o meu diário para começar um outro pedindo a Deus que o abençoe assim como abençoou este. (p. 97, vol. 1 da transcrição)
>
> 2-8-57 terça-feira
> está chovendo acabou-se o meu diário vou comprar outro para escrever bobagem. (p. 67, vol. 2 da transcrição)

"Escrever bobagem" é uma expressão curiosa vindo de uma pessoa que se dá ao trabalho de todos os dias anotar em um caderno os acontecimentos que, a seu ver, mesmo que relatados superficialmente, foram considerados relevantes.

Pode-se pensar que Carolina, pelos valores nos quais foi criada, pela imposição da sociedade quanto ao lugar destinado à mulher, quisesse depositar ali outra forma de escrita que não aquela que a obrigava a convenção social. Talvez ela quisesse, já no início, devanear em poemas, mas desde o princípio ficou convencionado que a caderneta era destinada para os "apontamentos de nossa vida conjugal" (p. 2, vol. 1 da transcrição).

Era o aval do homem permitindo à mulher a escrita do cotidiano da família. Provavelmente devido a isso os diários dela sejam sanitizados, ou seja, não há referências à intimidade do casal e os fatos, em sua maioria, são tratados com superficialidade, como se pode ver mais adiante.

Ela ficou então amarrada ao que se esperava de seu papel de esposa, mãe e dona-de-casa. Mesmo sendo uma mulher pública, pois se dedicava ao comércio da família tanto fazendo a contabilidade do estabelecimento quanto atendendo ao balcão, ela não pôde libertar-se e escrever em seus diários o que bem quisesse. Cerceada em sua escrita, foi apenas após o falecimento do marido que Carolina transgrediu as regras e dedicou-se à poesia. E o luto legitimou essa insubordinação.

E, no início de seu luto, se encontra praticamente a última referência ao seu diário antes da escrita dos poemas:

> 5-7-60
> hoje casou-se Edmur viajou para o Rio em viagem de núpcias. Dia de alegria mas de lagrimas para mim, primeiro filho que casa, sem pae, como é triste meu Deus, não tenho palavras para esprimir a minha dor. O meu diário parou desde que o Luiz partiu para a vida eterna. Há um mez faleceu também o Albino. Mas neste tempo que parei com o meu diário quantas coisas teria escripto, infelismente quasi que só magoas e para isso me faltou coragem. (p. 39-40, vol. 3 da transcrição)

Seus diários eram o registro de alguns fatos de sua vida cotidiana, o crescimento dos filhos, seu trabalho, sua luta, e, por último, seu luto. Parecem ser a expressão de um legado que talvez quisesse deixar aos seus, com valores como a importância da família, a necessidade de ser solidária aos amigos em todos os momentos e a relevância da fé na religião de sua devoção, a católica. Ela narra festas de aniversários, a seu ver simples e felizes, bodas, batizados com a presença de parentes e amigos.

No entanto, torna-se interessante mencionar o que não dizem os diários de Carolina. Em nenhum momento ela fez qualquer alusão ao que é íntimo. Nada escreveu sobre sua intimidade com o marido, não citando nem um beijo entre ambos. Em seus diários, exceção à presença dos filhos, seu casamento se mostra assexuado, sem relatos de profundidade que possam fazer qualquer referência à sexualidade que possa ter havido entre ambos ou sobre o teor da relação que os unia.

Curioso como um diário que por sua natureza é uma escrita íntima pode não trazer a intimidade de seu autor. Os diários íntimos de Carolina parecem, até o início de seu luto, um diário público. Atendendo às convenções ela registrou apenas o que se esperava encontrar anotado ali. São anotações praticamente públicas dirigidas aos olhares de todos que pudessem vir a lê-los.

Possivelmente, foi esse o fato que levou com que Carolina não escrevesse seus diários na intimidade de seu quarto, mas sim em sua escrivaninha de trabalho situada no entre lugar entre o público e o privado. Se ela não podia escrever sobre o que gostaria de escrever, sua poesia, então não havia motivos para guardar isso na intimidade. Mesmo quando pode escrever seus poemas, falar neles sobre seu luto lhe foi permitido pela vigilante sociedade patriarcal. Dessa forma, Carolina, a mulher pública, nunca conseguiu escapar das teias da convenção social na qual vivia.

Sobre seu marido, falou muito sobre a doença que o vitimou, mas o máximo de pessoal que ela se limitou a falar são dois relatos sobre a zanga e o humor dele em ocasiões distintas:

> Dia 23 de maio, quarta-feira, [1951]

> bastante frio bastante serviço pouca vontade de trabalhar o Luiz está zangadão, por que será? falta de couro, velho e cheio de gracinhas, mas eu já aprendi a viver, fico zangada também tivemos visita para o almoço a Euridyce veio com as creanças, para maior ajutorio a empregada não veio, não faz mal não tenho medo de serviço (p. 5, vol. 1 da transcrição).

> Dia 31-12-51 segunda-feira
> Último dia do ano, dia de muito serviço e contrariedades, em toda a minha vida de casada nunca passei um Natal e ano novo com alegria. É nesses dia que o Luiz procura contrariedades deixando o meu coração amargurado sem praser para nada, depois que passam as festas parece outro homem (p. 45, vol. 1 da transcrição).

Nesta ultima transcrição, Carolina contraria tudo o que escreveu em seus diários. Ela fala de momentos infelizes, abrindo uma nesga em sua intimidade que até então não havia escapado nas palavras escritas. Aqui ela desconstrói seu mito de felicidade e demonstra uma amargura que, parece, ficou represada durante muito tempo. Esse é um dos raros momentos em que Carolina falou realmente dela, falou do ser que ficava soterrado sob as linhas da escrita permitida.

Nesse momento ela se uniu à sorte de todas as mulheres que, subjugadas sob o peso de uma sociedade patriarcal, na qual elas não podiam nem mesmo ensaiar sua insubordinação, então se calam. Apenas em poucas oportunidades elas podiam realmente expressar seus verdadeiros sentimentos, principalmente no que dizia respeito ao matrimonio, que era considerado o único caminho a ser seguido por uma moca séria, ou seja, uma moça de família.

Quanto a sua intimidade com seu marido, até mesmo na ausência dele por motivo de alguma viagem ela não dizia que estava sentindo sua falta. Isso ela deixaria extravasar futuramente em sua poesia, por ocasião de sua perda. Escreveu apenas no que diz respeito à tristeza da casa:

> Dia 16-9-52 terça-feira
> a casa está triste com a falta do Luiz as 8 horas da manhã ele telefonou do Rio, está no hotel Imperador. Fiz pão doce, sonhos, creme, sorvetes (p. 76, vol. 1 da transcrição).

Nesses aspectos a escrita dela é muito reservada. Não há alusões a algumas coisas, por exemplo, a um mal que acometeu a filha Cacilda por ocasião de uma ausência de Carolina, que havia ido a Santos. Pela maneira da escrita fica subentendido que a filha sofreu um aborto espontâneo, mas ela não se refere a isso abertamente, preferindo o termo “mau sucesso”:

> Dia 26-7-52 sabado,
> chegamos hontem as 20 e ½ de Santos fiquei triste porque ao chegar soube que Cacilda foi para o hospital dia 23 teve um mau sucesso mas felizmente está passando bem, [...] (p. 71, vol. 1 da transcrição).

Assim como também, só depois de muito tempo de escrita é que ela deixa claro o mal que acomete seu filho Homero. Primeiramente com um problema no rim esquerdo, ele foi tratado e teve um período de recuperação, mas a raiz do problema dele só mais tarde ela revelou:

> 22-12-53 terça-feira
> Homero não está passando bem dos rins outra vez. [...] (p. 19, vol. 2 da transcrição).
>
> 7-1-54 quinta-feira
> telefonei hoje para ter notícias do Homero não fiquei muito contente com a resposta. [...] (p. 21, vol. 2 da transcrição).
>
> 11-9-56 terça-feira
> Homero chegou aqui meio doente estravagancias... (p. 42, vol. 2 da transcrição).
>
> 9-10-56 terça-feira
> hoje começo como todos os meses a minha novena à Santa Therezinha do Menino Jesus Homero está fazendo a praça hoje com o nariz esfolado... [...] (p. 45, vol. 2 da transcrição).
>
> 15-3-59 Domingo
> fui á missa das 6 reuniram-se quasi todos á noite Homero bebeu e deu o que fazer, precisei ir lá buscal-o e trouxe ele dormiu aqui (p. 28, vol. 3 da transcrição).
>
> 9-9-59 quarta-feira
> hoje é aniversário da Cacilda, estou triste não foi ninguém lá.
> Hoje mudamos a cosinha está uma desordem que só vendo. O meu pesar maior que me faz esquecer a doença e mudança e o Homero está bebendo outra vez. Cruz pesada cruz [...] (p. 36, vol. 3 da transcrição).

Carolina também escreveu sobre os namorados das filhas. Um deles, de nome Ruy, noivo de Dinah, é citado regularmente. E quando ela rompe o noivado repentinamente, a escrita de Carolina é como sempre sucinta quanto ao assunto, não revelando nada mais do que a consequência do fato, não seu motivo:

> Dia 3 de 11 sabado
> [...] Com o onibus das 17 horas, chegou o Roberto de S. Paulo. A noite o Celso veio com a Cidinha. Hoje passamos por um grande desgosto Dinah desfez o noivado com o Ruy. Ele despediu-se de nós com lágrimas
> Eu fiquei muito abalada (p. 35, vol. 1 da transcrição).

Aqui se pode observar o mito da grande mãe trabalhado por Rapucci. Desejosa de encaminhar os seus, mesmo que à sua maneira, o rompimento do noivado da filha lhe causou "grande desgosto". Segundo a autora

> A mãe tende a agarrar tudo aquilo que nasce dela e envolvê-lo como uma substância eterna. Tudo que nasce dela lhe pertence e permanece sujeito a ela; e mesmo que o individuo se torne independente, o Feminino Arquetípico *relativiza* essa independência numa variante não essencial de seu próprio ser perpétuo (RAPUCCI, 1997, p. 71).

Também sobre a questão mãe e mulher se pode observar nos diários a visão que Carolina tinha das mulheres baseada na escrita que faz sobre elas.

> Em novembro de 1949 Abigail recebeu diploma de bacharel pelo ginásio de Amparo. (p. 4, vol. 1 da transcrição).
>
> Dia 19 de maio *(51)* sabado,
> [...] Esqueci-me de anotar as 20 e meia chegou Alcyr e Zelia ela veio de socorro para onde vai todas as semanas lecionar. (p. 6, vol. 1 da transcrição).
>
> Dia 9 de agosto 1951 quinta-feira
> [...] Zelia começou hoje a lecionar a Boa Vereda foi de charrete**,** [...](p. 25, vol. 1 da transcrição).
>
> Dia 28-11-51 quarta-feira
> Continua chovendo. Zelia foi lecionar mesmo com chuva. [...] (p. 42, vol. 1 da transcrição).
>
> De 11-12-52 quinta-feira,
> [...] Abigail vai receber o diploma no normal, hoje ela foi ao banquete no hotel, oferecido por uma professora. (p. 89, vol. 1 da transcrição).
>
> Dia 20-12-52 sabado
> logo cedo Abigail foi tratar dos papéis para ingressar no magistério. Esperamos hoje o Celso (p. 90, vol. 1 da transcrição).
>
> Dia 16-4-53 quinta-feira
> Está chovendo hoje. Luiz foi assistir a inauguração da nova fábrica de seda Abigail recebeu 1,800,00 de lecionar no mês de março (p. 101, vol. 1 da transcrição)
>
> 6-4-54 terça-feira
> Zélia tirou licença por três meses começou hoje Abigail há quase um mez está substituindo na escola do Campo de Aviação (p. 25, vol. 2 da transcrição).

É flagrante a forma como ela descreve o sucesso profissional de sua família. Suas filhas formaram-se professoras assim como Zélia, sua nora. Com isso elas obtiveram sua independência. Nas palavras de Virginia Woolf, elas conseguiram um quarto todo seu e suas quinhentas libras mensais. Em seu discurso *Profissões para mulheres* ela diz:

> Vocês ganharam seu próprio espaço na casa até agora possuída exclusivamente por homens. Vocês são capazes, embora não sem grande trabalho e esforço, de pagar o aluguel. Vocês estão ganhando suas quinhentas libras por ano. Mas essa liberdade é apenas um começo; o cômodo é de vocês, mas ainda está vazio (WOOLF, 1996, p. 50).

O mesmo não ocorre em algumas vezes quando se refere à Beatriz

> 22-8-56 quarta-feira
> Beatriz e as creanças vieram almoçar aqui hoje como sempre reclamando da falta de juíso do Homero. [...] (p. 42, vol. 2 da transcrição).

> 8-10-56 segunda-feira,
> primeira missa da paroquia fui assistir gostei muito. Beatriz veio logo cedo com as creanças queixar-se de Homero (p. 45, vol. 2 da transcrição).

Beatriz era a voz da mulher chorosa que reclamava de seu marido. Não se formou professora. Às vezes, costurava um pouco, mas isso não garantiria a estabilidade de seu quarto nem das suas libras mensais porque ela não possuía a segurança que o magistério proporcionava, a exemplo de suas filhas e sua outra nora.

Carolina tinha um quarto todo seu. Tinha também suas quinhentas libras. Era a mulher múltipla, circulando nas esferas pública e privada divididas apenas pelo limítrofe balcão e sua escrivaninha de trabalho, o entre lugar no qual viveu a maior parte de sua vida.

Outra coisa interessante é com relação à alimentação. Carolina sempre, quase diariamente, faz referência aos afazeres da casa e do armazém, falando de pães doces, sorvetes, caldas, doces, etc... Quanto à mesa ela diz apenas “preparei o almoço” ou apenas “almoço” em meio a inúmeras atividades diárias. Também não detalhou o que fora servido nas cerimônias dos casamentos em sua família.

Ela dizia ter matado frango, temperado leitoa, entre outras referências, mas em toda a sua escrita apenas uma vez ela fez alusão ao prato que havia sido preparado para uma refeição:

> 22 de junho, sexta-feira,
> bastante serviço fizemos linguiça matamos 2 leitoas 4 frangos bastante sorvetes Guiomar fez bolos e mandou para o casamento fiz 400 pãezinhos para sanduíche começam a chegar os convidados e presentes, eu quasi não posso atender ninguem pois tem muito movimento no armasem e eu preciso ajudar porque o Alcyr está preocupado com o casamento. Está pronto e arrumado o quarto dos noivos. Mandamos buscar 4 camas no azylo para os convidados as 11 horas fomos dormir (p. 13, vol. 1 da transcrição).

> Dia 24-12-51
> véspera de Natal o dia mais lindo do ano, graças a Deus estamos todos reunidos
> alegres e com saúde, mandei comprar 2 sombrinhas, para presente de Natal da Maria

> Izabel e Rachel, matamos 4 frangos para amanhã, cosinhei castanhas jantamos todos juntos, armamos o nosso presépio como faço todos os anos. [...] (p. 43, vol. 1 da transcrição).

> Dia 31-12-51 segunda-feira
> [...] Jantamos todos juntos. Está chovendo. Agora todos vão passear. O Lazinho está aqui desde ante-hontem. Eu vou preparar a leitoa para amanhã se Deus quiser. Ganhei do Celso um cordão de ouro (p. 45, vol. 1 da transcrição).

> 3-5-57 sesta-feira
> 1ª do mez fomos comungar e assisti à missa das 6 e ½ hoje é dia de Santa Cruz o Edmundo Encarnação veio hoje aqui, à noite preparei um frango com polenta a pedido, depois fomos na casa da Amelia (p. 64, vol. 2 da transcrição).

Desta forma se pode observar que seus diários, embora marquem o compasso do tempo registrando quase diariamente sua rotina, não se aprofundam em questões de intimidade. Carolina sempre deixou seus diários ao alcance de todos os familiares, guardados em sua escrivaninha no armazém. Talvez, aliado ao fato de ser uma mulher pública, ela tenha evitado referências mais íntimas, evitando assim a invasão de sua privacidade.

É senso comum que a escrita de diários é uma atividade executada no âmbito do privado. É uma escrita de foro íntimo na qual se menciona o cotidiano e os fatos que seu autor julgou de relevância em seus dias. É uma escrita que se converte em memória, portanto subjetiva, no momento mesmo em que é produzida, pois são os fatos que, narrados sob a ótica do diarista, são relembrados, reconstruídos.

Considerada, inicialmente, uma prática masculina, no século XIX, quando se definem as fronteiras do público e do privado, o diarismo foi deixado de lado pelos homens por terem sido considerados uma prática menor. A partir daí, eles começaram a ser associados à escrita de mulheres e esse vínculo causou a marginalização do diário, “refletindo o status social da mulher e a estreiteza de papéis que desempenharam ao longo do tempo com relação aos homens” (OLIVEIRA, 2002, p. 48).

Os homens sempre se utilizaram dos diários como um escrito autobiográfico para relatar sua trajetória política, profissional e social. Eles referenciavam-se ao âmbito do público, muito embora fossem elaborados no espaço privado. Portanto o diarismo é uma prática muito mais de homens do que de mulheres.

Sobre a escrita dos diários femininos, ela diz:

> Enfocando na maioria dos casos o mundo doméstico, espiritual, interior, os diários escritos por mulheres são muitas vezes tratados como menos legítimos do que aqueles escritos pelos homens. A diferença entre os dois estilos linguísticos está no fato de os diários pessoais masculinos refletirem o mundo dos homens, mais voltado tradicionalmente para a ação. Relatos militares, de viagem, política ou aventura,

> entre outros, são funções muito comuns encontradas nos diários pessoais de homens escritores.
> Esses dois modos diferenciados de atuação representam o que Gaannett chama de esferas de discurso privada e pública, referenciando-as, respectivamente, à mulher e ao homem (OLIVEIRA, 2002, p. 49).

Às mulheres era permitido escreverem apenas sobre assuntos de interesses de mulheres, como por exemplo, diários, cartas, conselhos e sempre na esfera privada, pois só aos homens cabia a escrita pública.

Sobre as fronteiras do espaço público e do espaço privado no qual, desde longa data, o homem e a mulher circulam, Perrot afirma que o espaço público é para os homens, onde o político é seu santuário, e espaço privado é para a mulher, onde a casa é seu coração. Mas, enfatiza que essa simplicidade é apenas aparente, pois as fronteiras se embaralham devido às funções mundanas e domésticas das mulheres as obrigarem a circular no espaço público. Os homens são na realidade os senhores do privado, especialmente da família, que a governando e representando, estão sempre dispostos a delegar às mulheres a gestão do cotidiano.

É necessário observar que:

> A articulação do público e do privado é um dos problemas maiores das sociedades democráticas. Ela está no centro da teoria política bem como da vida cotidiana. O cruzamento com a diferença entre os sexos é uma maneira de penetrar em seu funcionamento e compreender seus deslocamentos (PERROT, 2005, p. 465).

No espaço público, “concreto e material”, equivalente à cidade, “espaço sexuado” no qual os “homens e as mulheres se encontram, se evitam ou se procuram”, existem muitos meios, diretos ou não, da mulher inserir-se. “Ser reconhecida como tal revela-se mais difícil e sempre suspeito. Certos limites se deslocam mais do que outros” e certas zonas são mais resistentes do que outras, mas são fronteiras móveis nas quais “as relações entre homens e as mulheres modificam-se, como as figuras de um interminável balé” (PERROT, 2008, p.10).

Sob essa perspectiva, os diários de Carolina atendiam mais à esfera do público do que à esfera do privado. Privada por ser escrita de si, de foro íntimo, com registro dos dias e acontecimentos de relevância para seu autor, sempre subjetivos como são as lembranças dos fatos e a constituição da memória. Pública, pois estavam sempre guardados na gaveta de sua escrivaninha na qual ela os escrevia e ao alcance da leitura dos membros de sua família e também, principalmente, porque ela sempre se negou a falar realmente sobre si mesma e os sentimentos que habitavam seu íntimo.

Talvez essa fosse uma das razões que levaram sua autora a omitir nas páginas dos seus diários acontecimentos que se relacionassem diretamente à sua intimidade.

Outra razão a ser considerada também é o recato, postura que sempre foi exigida das mulheres submetidas ao patriarcalismo, na qual elas deviam ter atitudes moderadas, sem movimentos exagerados, falar suavemente, desviar os olhos quando objeto de admiração masculina, e não discutir sua intimidade com ninguém. Isso pode explicar porque muitas mães tiveram vergonha de falar às filhas sobre menstruação, virgindade, gravidez e muitos outros assuntos.

Carolina, considerando a geração a qual pertencia, não pode fugir às regras impostas culturalmente pela sociedade. E seus diários podem ser o reflexo desse pudor quando se trata de mencionar a sua intimidade e também a de seus familiares.

Ao se deparar com as palavras iniciais do primeiro volume de seus diários se tem a impressão de que eles tinham apenas uma razão de ser: a família. Carolina escreveu um pouco sobre si e muito sobre os seus quase todos os dias. E assim o fez até o final de sua narrativa.

2.2. A escrita de Carolina

É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário:
somos nossos próprios destinatários no futuro.

Philippe Lejeune

Como demonstram seus registros, Carolina viveu com muito labor e dedicação familiar, nessa escrita de si que pode evidenciar, com muita clareza, sua trajetória individual, bem como os quadros de seu cotidiano que se entreabrem a quem se proponha mergulhar em sua letra, sempre apressada.

A construção da narrativa de seus diários refere-se à sua lida diária, levantando-se sempre de madrugada, suas relações sociais e a atenção dispensada aos amigos e aos doentes e sua presença nos momentos de luto de membros de sua comunidade.

Carolina não deixa de citar também a delicadeza dela ao lembrar-se dos batizados, aniversários, casamentos e bodas. Disserta sobre a sua religiosidade constante e o compromisso com as atividades voltadas para a caridade, bem como os cuidados dispensados ao casamento e aos filhos.

Na tessitura de seu texto, seu núcleo familiar vinha em primeiro plano e, em sua construção, ela narrava que tudo fazia para vê-los em perfeitas condições físicas, morais e intelectuais. A todos dispensava atenção e cuidados. Carolina registrou sempre suas atividades diárias e os fatos relevantes que envolviam seu núcleo familiar.

Nas transcrições que se seguem se podem observar alguns trechos da narrativa que se relacionavam com a família.

> 21-6-59 domingo
> ha bem tempo não posso ir à missa, faltei novamente hoje, seja feita a vontade de Deus, que me dê sempre e cada vez mais forças para sofrer com paciencia, que seja tudo o que posso em benefício dos meus filhos genros noras e netos. Abigail e Lasinho vierem hoje. (p. 31, vol. 3 da transcrição)

> Em maio de 1948 Celso colocou-se no escritório da Fanamatex sita a Av. B. de Campos em Amparo de onde saiu dois anos depois indo trabalhar como escriturário no Banco Moreira Salles em São Paulo. (p. 4, vol. 1 da transcrição)

> Em novembro de 1949 Abigail recebeu diploma de bacharel pelo ginásio de Amparo. (p. 4, vol. 1 da transcrição)

> Dia 2 de maio Dinah entrou na costuraria. Dia 16 de agosto 1950 Maria Isabel e Rachel começaram a aprender piano. (p. 4, vol. 1 da transcrição)
>
> Dia 19-5-52 segunda-feira
> logo pela manhã alcançamos uma grande graça conseguimos comprar hoje o piano para as meninas, ha tanto tempo sonhado, foi uma alegria geral, compramos do Seu Vitório Bruschine custou 7.000,00. (p. 63, vol. 1 da transcrição)
>
> 27-12-61
> Maria Isabel recebeu o diploma de piano, graças a Deus. (p. 43, vol. 3 da transcrição)

É digna de observação a preocupação de Carolina em formar duas filhas como pianistas e ainda comprar um piano para o aprendizado de ambas, como o faziam as famílias de classe mais abastada. Ainda nos dias de hoje são poucas as famílias que o conseguem, pois as aulas afetam as finanças de modo significativo e a compra de um piano não passa de um sonho distante para muitos.

Em sua construção, se conhece uma Carolina de temperamento sociável que estava sempre presente em todas as atividades que envolvessem os membros de sua família, e tomava como filhos e filhas seus genros e noras.

O núcleo da casa de Carolina era grande. Além dos filhos e filhas solteiros, a mãe de seu esposo Luiz, Maria, permanecia longas temporadas, sobrinhos vinham para estudar, filhas, filhos, genros, noras e netos estavam sempre presentes. Várias pessoas também passaram algum tempo na casa por ocasião de enfermidades ou outras necessidades.

> Dia 28-6, quinta-feira, [1951]
> amanheceu frio e chuvoso, começou a trabalhar uma nova empregada Nair, as creanças terão hoje o último dia de aula no Ginásio. A noite a casa cheia de visitas. Alcyr e Zelia trouxeram os presentes arrumaram todos nos meus móveis de sala de jantar que comprei hoje. (p. 15, vol. 1 da transcrição)
>
> 26-3-57 terça-feira
> Vou fazer hoje doce de sidra e mamão, ontem fiz de abóbora. O José Francisco está morando comigo para fazer o 5º. ano. (p. 62, vol. 2 da transcrição)
>
> 28-10-58 domingo
> não fui à missa hoje ontem foi aniversário da vovó Maria hoje vieram 38 pessoas em onibus especial todos parentes almoçaram aqui, à tarde foram embora o Albino ficou. (p. 21, vol. 3 da transcrição)

Carolina era a senhora da família que recebia a todos em sua casa. Era como uma matriarca que aglomerava todos familiares a sua volta. Essas reuniões eram como celebrações nas quais ela parecia ser a senhora que lhes proporcionava a oportunidade de manterem-se unidos através de sua casa.

A construção da religiosidade apresenta uma senhora de fé inabalável o que também registrou em seus diários em preces e agradecimentos a Deus.

> Dia 30-12-51 domingo
> fui á missa das 6 na Matriz, agradecer a Deus todas as graças recebidas durante o ano, agradecer também algumas amarguras que foi para o aperfeiçoamento da nossa alma. Enfim fomos felizes porque aqui chegamos todos com vida e saúde. (p. 44, vol. 1 da transcrição)

> Dia 2-2-53 Segunda-feira
> comecei com a Abigail uma novena a Nossa Senhora de Lourdes em S. Benedito. (p. 89, vol. 1 da transcrição)

> Dia 2-2-53 segunda-feira
> Dia de amarguras, foi vendida a nossa casa, a noite entre lágrimas continuei a minha novena Deus não desampara os que nele crêem. (p. 89, vol. 1 da transcrição)

> Dia 15 (terça-feira) [1951]
> (..)
> Senhor nestes primeiros dias em que começo o meu diário, Agradeço-vôs o terdes-me conservado a vida até agora. Antes de terminar o meu diário concedei-me a graça de saber o que ignoro. A minha vida tem sido um deserto por não Vôs ter conhecido. Fazei que apesar do outono o inverno ainda floresça. Que o pouco que me resta viver á Vós sejam consagrados.
> Para mim e os meus nada mais quero que a vossa graça. Sejamos nós em Vossas mãos como a fumaça levada pelo vento. Para os que amo eu peço a luz de modo a poder ajudal-os. Seja cada um dos dias que ainda me restam consagrados ao Vosso serviço Senhor. Na obscuridade em que me debato, nada mais faço que de procurar-vôs.
> Embora cego, tento seguir-vos, Senhor.
> Mostrae – pois o caminho.
> Nas vossas mãos, Senhor, deponho eu o pouco que sou. Fazei de mim o que vôs aprouvér. Assim seja. (p. 5, vol. 1 da transcrição)

Quando escreve “Na obscuridade em que me debato [..], Senhor. Mostrae – pois o caminho”, a que se referiria Carolina? Seria uma questão religiosa ou alguma dúvida existencial que a atormentava? Poderia ser a busca da libertação de sua condição de mulher atada às convenções sociais nas quais sempre viveu? Só ela o saberia. Em sua construção ela apresentava um coração maternal amoroso e preocupado. Falou sobre as doenças de seus filhos e filhas demonstrando seus cuidados e a espera da plena convalescença.

> Dia 27-5-52 terça-feira
> falhei 3 dias com o meu diário pois estes dias para mim não foram vividos hoje graças a Deus Rachel está quasi bôa, estou mais confortada. Celso veio sabado e voltou segunda feira nem ele foi bem tratado a doença da Rachel visitas me deixaram completamente desnorteada, hoje vou sahir depois do almoço é aniversário da Guiomar vou levar-lhe um presentinho e fazer a minha visita de cumprimentos

> pois á noite não posso ir, devido a convalecença da Rachel. (p. 64, vol. 1 da transcrição)
>
> Dia 7-3-53 sabado
> Alcyr desde ontem está doente com congestão pulmonal hoje foi ao médico. (p. 92, vol. 1 da transcrição)
>
> Dia 4-4-53 sabado de Aleluia
> Homero está muito doente e o serviço é bastante hoje, precisei ajudar no balcão. Roberto chegou á tarde. (p. 94, vol. 1 da transcrição)

Carolina sempre prezou suas relações sociais. Por todo seu diário se encontram referências a essa preocupação e ela nunca deixou de comprar um presente para aniversariantes, noivados, casamentos e bodas. E também nunca deixou de comparecer a velórios e enterros oferecendo à família enlutada seu pesar e nem se furtou a visitas a conhecidos doentes, quer em casa ou em hospital.

Ela, ao longo dos anos, em Amparo, construiu uma grande rede de sociabilidade e que acabou culminando, junto ao trabalho no comércio da família, na indicação do prêmio Mãe do Ano, eleita pelos cidadãos amparenses.

Carolina narrou que ficar longe de seus filhos era um martírio, como ela mesma descreveu. Incontáveis vezes em sua escrita ela revela isso

> Dia 27 de maio de 1951,
> (..) Beatriz e as creanças afinal de contas todos reunidos com muita alegria mas no fundo triste em pensar que amanhã os 3 vão embora e especialmente o Celso, não posso me conformar não quero que ele fique longe de nós, mas seja feita a vontade de Deus. (p. 8, vol. 1 da transcrição)
>
> Dia 19-4-52 sabado,
> A tarde Celso chegou de S. Paulo, até quando será meu martírio, não me conformo de ter filhos longe de casa, ontem escrevi para o Alberto. (p. 59, vol. 1 da transcrição)

Carolina em sua escrita fala da repreensão dada aos filhos, mesmo adultos, nas horas que julgava necessário, o que também ficou grafado em seu diário.

> Dia 10 de julho, terça-feira, [1951]
> levantei ás 6 horas, engarrafamos hoje o vinho de laranjas, passei uma grande reprehensão em Homero, com bastante pesar pois ele já é um homem, com 25 anos mas esses filhos precisam reprehensão a vida toda, Deus me dê bastante vida e saúde para guiál-os para que não cometam injustiças. (p. 16, vol. 1 da transcrição)

Ao longo da narrativa de Carolina, em sua construção, ela escreve sobre seu papel de esposa e sugerindo que seu marido, Luiz, recebeu dela a mesma atenção dispensada aos filhos, especialmente por ocasião da enfermidade que o acometeu, levando-o à morte após algum tempo.

> Em 23 de junho do mesmo ano [1950] festejamos nossas bodas de prata, tendo sido rezada missa ás 7 horas na igreja matriz, em ação de graças tendo nessa missa renovado os sacramentos. Fomos muito felicitados o dia todo e á noite oferecemos ás inúmeras pessoas queridas, doces e bebidas.
> Tudo correu na maior alegria (p. 4, vol. 1 da transcrição).
>
> 23-6-57 domingo
> fui á missa das 8 em São Sebastião hoje fazem 32 anos que eu me casei, à noite veio muita gente fomos assistir a festa de São João no jardim, houve quadrilha quermesse etc fomos dormir a meia noite (p. 66, vol. 2 da transcrição).
>
> 5-8-57
> o Luiz foi hoje para o hospital passar uns dias para ver se melhora eu fui pousar lá com ele (p. 9, vol. 3 da transcrição).
>
> 30-10-57 quarta-feira
> um mês e ½ que não escrevo nada no meu diário, tristezas e mais tristezas o Luiz tem sofrido muito nem tenho coragem de anotar. Já tirou água da pulmão por três veses, medico remedio e nada adianta (p. 12, vol. 3 da transcrição).
>
> 23-6-59 terça-feira
> véspera de São João, fazem 34 anos que me casei, tanta alegria nesse dia e todos os anos festejávamos (p. 31, vol. 3 da transcrição).
>
> 3 de outubro de 1959 sábado
> o Luiz passou bem toda a manhã almoçou bem chupou jabuticaba e foi repousar eu também depois levantei e fui cuidar do meu serviço de vez em quando olhava ele na cama, até que vendo a cama vazia e não achando pela casa e vendo banheiro fechado, achei que a demora era demais bati chamei como na fui atendida forcei a porta e encontrei-o morto sentado na bacia da privada
> Deus meu que susto horrível, estava morto e eu sosinha meu Deus. Dae-me consolo meu Deus de que me serve a vida agora, perdão se vôs ofendo meu Jesus, isto é blasfemia eu bem sei.
> Dia de Santa Terezinha do Menino Jesus (p. 38, vol. 3 da transcrição).

A partir de então a narrativa de seu diário se escasseia, quase desaparecendo totalmente, sendo substituída por pensamentos dirigidos a Deus, receitas de doces, caldas de sorvete, nomes de familiares, datas de aniversário, nomes dos afilhados, dos compadres e nomes dos netos e poesias de amor trazendo em seu bojo a dor, separação, amargura da saudade, morte, luto.

"Recordando" é um dos exemplos de como Carolina fez da poesia uma forma de elaborar sua visão da viuvez e que esteve presente em todo seu período de luto pelo marido,

abrigando seus pensamentos, suas lembranças e suas saudades. O poema fala da chegada e da aceitação desse amor para florir um coração de paisagem desolada pela falta de alguém para amar e ao abrir os braços para ela foi amado. Mas a separação pela morte foi inevitável e agora, na falta do carinho e o do riso que a acalentaram, a chuva compreende sua dor e, tamborilando na vidraça compõe versos para o fim de seu amor:

> Recordando
>
> Certo dia, chegaste á minha porta,
> exausto de uma longa caminhada,
> Vinhas trêmulo como quem suporta
> a chuva que ainda chora na calçada!
>
> Quem eras? Teu destino! Pouco importa
> Tu trouxeste a ilusão inesperada...
> E, meiga sombra na paisagem morta,
> Abristes os braços... e tu foste amado
>
> Agora, está vazio o nosso ninho
> sem o teu riso e sem a tua graça
> E, á triste evocação do teu carinho
>
> A chuva compreendendo a minha dor
> tamborila insistente, na vidraça,
> compondo versos para um fim de amor (p. 54 da transcrição, vol. 3).
>
> 2-8-62
> Carolina

Esse foi o cotidiano que Carolina descreveu em seus diários. Em sua trajetória pode-se perceber que, de fato, as camadas descritas por Maud e Muaze (2004) estão presentes ao longo da escrita. Embora justapostas e permeando-se em meio à narrativa, são visíveis. Com relação à primeira das três camadas principais temos a primeira camada secundária que é seu núcleo familiar.

Nela, ela descreve os acontecimentos que se relacionam com o marido e filhos, seus sucessos e insucessos, empregos, estudo, namoros, casamentos e filhos. Fala sobre suas formaturas, jogos de futebol, peças de teatro na escola, enfim, sobre as coisas que ela julgou importantes e dignas de notas.

A segunda camada secundária pertence ao núcleo familiar ampliado e suas relações clânicas: noras, genros, netos etc. Carolina, em sua narrativa, fala deles como sempre falou de seus filhos, especialmente das noras; escreveu sobre seus empregos, sempre no magistério, assim como as suas filhas, suas transferências de cargo.

Aos trabalhos de seus genros ela não faz menção. Isso pode ser um indício de que talvez ela não olhasse para esse fato como sendo o mais importante. Pode ser que, em sua visão, outros valores se fizessem presentes; valores esses que, hoje, ficam apenas no terreno das hipóteses.

A terceira e a quarta camadas secundárias, inseridas na segunda camada principal, é o trabalho dela com a casa e o comércio. Essas camadas são muito próximas, pois se aproximam em semelhança, mas mesmo assim distintas. Como mencionado Carolina não escrevia sobre o cardápio que era servido às refeições, dizendo apenas almoço ou janta. Quanto ao comércio ela dizia que ia fazer pães, doces, sorvete, caldas, preparar fermento, levantar cedo para receber o leite, atender ao balcão. Na maioria das vezes ela se ocupava dessas atividades à noite, após ter servido o jantar, mas, muitas vezes, executava essas tarefas armazém enquanto fazia o almoço da família, mas mesmo assim se conseguem observar as duas camadas.

A quinta camada, no bojo da terceira camada principal, é a vivência social de Carolina, construídas ao longo de sua vida na cidade de Amparo onde ela viveu a maior parte de sua vida. Visitava doentes, mas como sempre evitava mencionar suas doenças. Sempre estava às voltas com a compra de lembranças de aniversário e de casamento.

Ela atendia sempre a todos os convites recebidos, indo pessoalmente ou enviando presentes nas ocasiões. Ia à missa de bodas de casais amigos da família e também participava em momentos de luto, indo aos velórios e enterros de pessoas íntimas ou conhecidas. Participada das quermesses do bairro e sempre ia a teatro ou cinema com o marido ou em companhia das filhas.

A sexta e última camada é a religiosidade e suas manifestações. Católica, ela era devota do Sagrado Coração de Jesus e quase todos os dias ia à missa das seis horas da manhã na Matriz de sua cidade e mesmo por ocasião da doença do marido o padre vinha, por vezes, até sua residência ministrar a comunhão a ela e ao esposo. Sempre participou das atividades beneficentes de sua paróquia e sempre que era requisitada pela comunidade estava disposta a se envolver nos atos de fé.

Essas diversas camadas, embora distintas, ocupavam o mesmo espaço de tempo em seu diário. Era o tempo divido em múltiplas faces e que compunham um todo fragmentado e cheio de interrupções cristalizando em memória todos os acontecimentos grafados em seu interior. Observando-se essas camadas torna-se possível fazer uma leitura da forma como Carolina atuou junto à família, recuperar parte de seu dia a dia através da descrição de suas atividades e estabelecer as ligações de sua rede de sociabilidade.

Esse relato sobre si é uma construção da qual lançam mão todos que se dedicam a tal prática. É uma construção, pois é um olhar sobre si mesmo. É subjetivo, visto que todo o olhar que se dirige a alguém ou algo é carregado das impressões que o indivíduo guarda em si próprio. É um olhar único, uma vez que é imbuído de seu meio sociocultural e o momento histórico ao qual pertence imprime em seu ser suas peculiaridades.

O papel é um espelho. Uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento e a imagem que fazemos de nós tem a vantagem de se desenvolver ao longo do tempo, repetindo-se ou transformando-se, fazendo surgir as contradições e os erros, todos os vieses que possam abalar nossas certezas.

Philippe Lejeune,

2.3. A escrita sobre si

O homem, desde sempre, deixou rastros de sua passagem, seja em imagens pré-históricas gravadas em paredes milenares e abrigadas na segurança atemporal das cavernas, seja nos livros que hoje povoam as bibliotecas do mundo inteiro dando a todos a possibilidade de redescobrir e compreender a história na qual somos os sujeitos.

Na Antiguidade não se pode fazer alusão a uma escrita de si, muito embora Sócrates já advertisse: “conhece-te a ti mesmo”. A Idade Média, com o fechamento em feudos e a exacerbação da religiosidade cristã característica desse período, também não proporcionou as devidas condições para a descoberta do indivíduo.

Dessa forma, foi no Renascimento, com a ruptura da estrutura medieval e a dissolução do sistema da vivência em comum, que aflorou o individualismo. No limiar da Modernidade, surgiram a imprensa e os grandes mestres da arte. O homem inicia sua vivência social e com isso descobre a si mesmo e, descobrindo a si mesmo, deixa à vista o outro e o mundo.

Contudo, não se pode deixar de citar os diários de viagem elaborados por padres, por oficiais e militares, descobridores, entre outros. Esses cadernos também continham as poesias criadas pelos religiosos em trânsito em seus misteres de conquistar pela cristandade. Serviram também de registros de número de mortos e feridos e conquistas e derrotas em batalhas. Acompanharam as viagens dos navegantes em seus descobrimentos ajudando a mapear o novo mundo que se delineava. Todos foram de grande importância, registrando os lugares e as situações que testemunharam seus autores, e contribuíram largamente para preencher algumas lacunas da história.

Mas, ainda nesse momento, com a nova invenção da prensa móvel, a publicação de livros, além de rara, era cara. Na França, então, a partir do século XV, surgem os “livros de aprendizagem”. Eram cadernos que possuíam várias funções, indo dos problemas de tarefas escolares a registros de fatos do dia a dia, e podem ser considerados precursores da escrita pessoal (OLIVEIRA, 2002, p. 36).

No século XVII, os protestantes também se utilizaram dos diários, uma prática tida como um meio de auto-exame e autopunição. Os diaristas tinham por hábito a troca de diários entre eles, como forma de proporcionar autocrescimento.

Todavia, foi no século XVIII, segundo Maciel, com o advento da burguesia e o crescimento da população, que se iniciaram os escritos autobiográficos:

> O crescimento da população é o dado que impulsiona as narrativas autobiográficas, pois com o aumento do número de pessoas, começa-se a reconhecer o valor íntimo de cada indivíduo por suas vivências e interioridade. Outro fator importante quando pensamos na afirmação deste tipo de narrativa está relacionado ao mundo de então: a religião perdia sua força e o homem não encontrava apoio na ciência – é neste ambiente de desencanto que começa a ser cultivada a subjetividade. Diante da descoberta do "eu individual", a burguesia passa a interessar-se por tudo que possa aclarar este mundo interior recém-descoberto. (Maciel, p. 4, s/d)

O século XVIII foi também "o encontro entre o eu autobiográfico do sujeito moderno e a invenção literária, onde a poética da experiência torna-se, de introspectiva, progressivamente inventiva e ficcional" (CALLIGARIS, 1998, p. 52). Os iluministas e os enciclopedistas são considerados os fundadores modernos do gênero diarismo, mas ele já era cultivado na Idade Média por Santo Agostinho, por exemplo.

A modernidade, como dito, provocou certo furor e certa excitação na expectativa das grandes navegações e dos descobrimentos de novas terras e a escrita de si é fruto dessa época conturbada e de grandes mudanças na qual a humanidade dirigiu um olhar para si mesma: a individualidade.

No entanto, foi apenas no final do século XIX que os diários puderam ser considerados como uma escrita de si mesmo. Se o Iluminismo marcou o século XVIII pela razão, pelo enciclopedismo, o Romantismo, na primeira metade do século XIX, trouxe em seu bojo a subjetividade e favoreceram ao indivíduo o hábito da reflexão interior. Nesse contexto, os diários começam a ser valorizados como uma forma de expressão do eu.

Nesse sentido, os diários foram de grande contribuição na constituição desse novo indivíduo consciente de si mesmo com a descoberta da subjetividade. E mais:

> Ora, se para o sujeito moderno falar de si responde à necessidade cultural imperiosa de reconstruir ao mundo e a si mesmo no silêncio deixado pelo ocaso da sociedade tradicional, a série das fórmulas de seus atos autobiográficos deve nos informar de maneira privilegiada sobre seu devir, sobre os caminhos pelos quais ele se constituiu e, quem sabe, sobre o seu futuro. Nesse sentido, uma história da subjetividade moderna é impensável sem o auxílio dos atos biográficos (CALLIGARIS, 1998, p. 51)

Esse silêncio da sociedade tradicional é oriundo da interiorização do sujeito. É quando, subjetivado, ele precisa inventar maneiras de se dizer, pois agora a verdade está em seu íntimo e não mais no mundo, e escrever um diário é uma forma de mostrar sua constituição. É uma forma de falar de si para si sem a interferência do outro.

Além da questão da materialidade do objeto, a escrita de si se constitui em um "lugar de memória", como o define Pierre Nora (Apud GOMES, 2004, p. 18), pois deseja reter o tempo. E, segundo Gomes, os registros de tempo ordinário que as mulheres deixam em seus escritos sobre si possuem "múltiplas temporalidades: a do trabalho, da casa, dos sentimentos íntimos, do lazer e do cotidiano. Os registros que as mulheres fazem de suas vidas – em cartas, diários ou memórias – costumam ser extremamente ricos desses exemplos." (GOMES, 2004, p. 18)

Foi ao longo do século XX que o estudo dessa escrita de foro íntimo adquiriu um status mais privilegiado, onde se incluem os diários, correspondências e autobiografias. Isso ocorre

> "quando pesquisadores elaboram e trabalham com a tensão entre as duas dimensões do individualismo moderno, afirmando a ideia de que o indivíduo é social e singular, tendo sempre escolhas, sendo um sujeito ativo/atuante e não um objeto no qual se inscrevem os desígnios de quaisquer forças; uma mera *tábula rasa*. (GOMES, 2004, p. 20)

A escrita de si – que entre correspondências, biografias e autobiografias abarca especialmente os diários – segundo Gomes, tem sido, na última década, objeto de pesquisas e publicações com grande reconhecimento e visibilidade e, mais do que na área da história, no Brasil, é no campo da literatura que o estudo e análise de correspondências e diários" é mais frequente. "Nada surpreendente, considerando-se que o texto é o centro da produção literária e suas características semânticas e culturais são fundamentais à atividade de pesquisa e ensino nessa área do saber" (GOMES, 2004, p. 8).

Agora, convém lembrar que os historiadores não puderam ignorar as publicações cada vez mais frequentes dos escritos sobre o eu e, com o advento da Nova História, o estudo sobre a memória passou a fazer parte da oficina do historiador e houve um crescimento do interesse pelo indivíduo.

Zioli afirma que

> por tratar-se de fonte até pouco tempo não mobilizada, parece haver uma vulnerabilidade teórica, um descompasso entre a prática e a teoria. Os manuais historiográficos não fazem referência à memória individual como conceito nem

> como fonte da História, ainda que não seja difícil perceber o uso dessa fonte em determinados campos da historiografia (ZIOLI, 2010, p. 19).

E sempre quando se fala de memória, na história, é à memória coletiva que o historiador se refere e não à memória individual.

Esse fato tem suscitado instigantes debates e sobre essa questão da memória no âmbito dos estudos históricos, a historiadora Jacy Alves de Seixas afirma que se trata de um

> [...] fenômeno novo e salutar que está na raiz de importantes movimentos identitários (sociais e/ou políticos) e de afirmação de novas subjetividades, de novas cidadanias [...] Responsável por um debate que teve como desdobramento o aparecimento de novas noções como as de "memórias subterrâneas", "lembranças dissidentes", "lembranças proibidas", "memórias enquadradas", "memórias silenciadas, mas não esquecidas" e outras que buscam dar conta da complexidade do fenômeno contemporâneo da memória [...] (SEIXAS, apud ZIOLI, 2010 p. 19).

Mesmo que as questões referentes à memória individual e à história permaneçam sem uma posição concretizada quanto a esse indivíduo e a produção de si, ainda assim, emergiram, definitivamente, os diários íntimos e, especialmente aqui, os de autoria feminina.

Quando se fala em estudo sobre histórias de vida, testemunhos, memória, Batista afirma que é uma rica fonte de trabalho que se renova constantemente e são um desafio permanente para o pesquisador. Contudo, revela que se pode enfrentar "situações difíceis, visto que uma história de vida pressupõe ambiguidades de opinião, escolha de episódios considerados mais significativos, invenção permanente e frequente de lembranças" (BATISTA, 2005, p. 41).

Ao se referir aos diários, porém, aponta a diferença, visto que "na escrita de um diário esses riscos são menos prováveis, visto que as lembranças são recentes e os registros estão mais próximos do acontecimento" (BATISTA, 2005, p. 41).

Considera ainda que

> O diário é também uma narrativa íntima, pessoal, comprovando a existência de dois textos, interagindo entre si, não ficando a parte pessoal descartada do texto histórico nem dos relatos da vida cotidiana, isto é, sem nenhuma demarcação visível entre os vários momentos vividos (BATISTA, 2005, p. 41-42).

Os diários são tidos como escrita autobiográfica, conceito amplamente trabalhado por Philippe Lejeune. Quanto a considerar literatura esse tipo de escrita pode-se acatar o que dizem Esteves e Carlos:

> Desse modo, a autobiografia seria um resumo retrospectivo que uma pessoa faz da própria existência, quando focaliza sua vida individual, particularmente sobre a história de sua personalidade. Sem excluir os estímulos psicanalíticos nem os aspectos filosóficos, políticos e morais envolvidos em qualquer autobiografia, suas análises evidenciam a predominância da dimensão literária neste tipo de texto (ESTEVES & CARLOS, 2009, p.11).

Se os diários íntimos não eram considerados literatura, atualmente, após sua redescoberta, com a riqueza de sua narrativa, repletas de informações autobiográficas, históricas, sociais, saíram da alcova e ganharam o mundo tornando-se referência como fonte para pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento.

Possivelmente pode-se chamar essa escrita íntima de literatura. Não por ser uma escrita de cunho pessoal e muitos deles possuírem uma narrativa encantadora, mas apenas porque os diários podem abrigar, em seu interior, escritos que se remetam diretamente ao que se convencionou chamar literatura.

Quando se fala em escrita, seja ela intimista ou não, reporta-se imediatamente à literatura, a distinção entre fato e ficção, a oposição entre verdade “histórica” e verdade “artística”. Para Eagleton, “talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar”. Nesse sentido, a literatura é capaz de transformar e intensificar a linguagem comum, “afastando-se sistematicamente da fala cotidiana, mas a ideia de que existe uma única linguagem “normal”, usada igualmente por todos os membros da sociedade, é uma ilusão”.

Dessa forma torna-se difícil saber se uma linguagem é literária ou não-literária, porque a literatura “pode ser tanto uma questão daquilo que pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas”. Verifica-se, então, que os contornos em torno da definição do que é ou não literatura é tão fluido que se pode pensar a literatura mais como “as várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita, do que com uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas”. Ou seja, objetivamente, a literatura não pode ser, de fato, definida, pois essa definição não depende da natureza do que é lido, mas “da maneira pela qual alguém resolve ler”. Portanto, pode-se abandonar a “ilusão de que a categoria “literatura” é “objetiva”, no sentido de ser eterna e imutável”. (EAGLETON, 1983, p. 1-17)

O autor aponta também que a literatura é definida “como uma escrita altamente valorativa” já que a ela são aplicados juízos de valor. O que significa aquilo que possa ser considerado de valor por algumas pessoas em situações definidas e com critérios específicos com vista a determinados objetivos. (EAGLETON, 1983, p. 12)

Para ele, todos os escritos, a cada vez que são lidos, são reescritos, “mesmos inconscientemente, pelas sociedades que as lêem” e, nesse processo, são constantemente e quase imperceptivelmente reavaliadas. “Essa é uma das razões pelas quais o ato de se classificar algo como literatura seja extremamente instável.” (EAGLETON, 1983, p. 13)

A literatura de autoria feminina não escapou impune desse juízo de valor. É nesse contexto que se inserem os diários íntimos, no caso aqui os de autoria feminina, como fonte privilegiada de pesquisa, na medida em que relata a vivência pessoal de quem o produziu, seu testemunho histórico, suas memórias condensadas em letras.

2.2. Os diários íntimos

Assim como as obras de arte, o diário só existe em um único exemplar.

Philippe Lejeune,

Quase sempre guardados em segredo, escondidos em gavetas, caixas, baús, materializados em papel e tinta, os diários íntimos conquistaram na última década lugar de destaque como objetos de estudo nas academias.

Protegidos por capas artisticamente trabalhadas ou simplesmente plastificadas a título de proteção, escritos sobre si, e na maioria das vezes, para si mesmo, elaborados na intimidade, relatando os fatos e situações, "os diários constituem-se tanto refúgios do eu como repositórios de lembranças" (CUNHA, 2007, p. 2-3).

Dentro das páginas de um diário é possível encontrar flores secas, papel de bala ou de bombom, um ingresso de cinema. São os vestígios, como bem descreveu Lejeune. Segundo ele, o diário é uma série de vestígios escritos e que pode vir acompanhado de outros vestígios que guardam lembranças. O diário "pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências" e é, também, uma "rede de tempo de malhas mais ou menos cerradas". Segundo o autor, assim como uma obra de arte um diário é único. O diário é um álbum de fotografias em forma de palavras (LEJEUNE, 2008, p. 260).

O diário é escrito a sós, sem alarde. A datação é o que o distingue de outro tipo de anotação como as memórias, por exemplo. Ele registra o dia e com certa regularidade o mês e o ano. Pode também ser mais preciso marcando o dia da semana e a hora. Os diários podem ser escritos em narrativa, lírica, código, ser mais ou menos sucintos, mas guardam, sempre, a trajetória de uma pessoa, o registro do fluxo do seu tempo, fluxo esse que é descontínuo, fragmentado e ordinário assim como a vida.

A redescoberta dos diários íntimos passou a exigir novos procedimentos de pesquisa de diversas áreas, destacando-se a literatura, a história e mais recentemente na área da educação, que se têm dedicado no recorte do tema das práticas da leitura e da escrita, dando atenção especial à questão de gênero.

Em se tratando da escrita da memorialística feminina, ela é intimista, relacionada às experiências de confinamento que foram vivenciadas pelas mulheres ao longo de muito tempo. Mas isso não significa absolutamente uma escrita empobrecida. Nesse afã, ela cria um caminho "legítimo e viável" que pode levar ao "alargamento do espaço feminino." Ela revela-

se a si mesma saindo do “confinado espaço das cozinhas e das alcovas, espalha-se e se apossa também das salas, varandas, jardins e do resto, dividindo com os homens espaços, ocupações e principalmente linguagens que lhe eram antes inacessíveis” (VIANA, 1995, p. 11-19).

Considerada até há alguns anos uma escrita apenas de cunho feminino, essa autobiografia – encarnada aqui na forma de diário íntimo – pertence a uma longa prática da escrita e é reconhecida como parte integrante do cotidiano feminino, tais como: livros de contabilidade, livros razão, caderno de textos copiados, correspondências. Confidenciando às folhas em branco, essas mulheres de papel tornaram-se “autoras da narrativa da própria vida” e na descoberta da leitura e da literatura, inventaram “novos espaços de liberdade e mais, descobriram-se a si mesmas no espelho dos livros” (CHARTIER, apud LACERDA, 2003, p. 17-24).

De acordo com Eleutério, no Brasil, com o advento da República, o crescimento da urbanização juntamente com trabalho assalariado, se delineia um novo contexto no qual o saber é fundamental, pois “a realização plena do indivíduo e autonomia política da nação far-se-iam, sobretudo através do conhecimento” (ELEUTÉRIO, 2005, p. 17). E nesse quadro de mudanças a mulher deve ser instruída e, até, ganhar seu sustento. Lê então jornais e revistas, passa a escrever e aspira ser escritora. Não obstante:

> [...] se para as mulheres da República o sonho de publicar um livro era um projeto distante, a expressão feminina nesse período permanece circunscrita ao espaço privado, enfeixada em diários, em anotações de conselhos úteis, mas também em receituários e mezinhas, material que enriquecia os cadernos pessoais e animava a correspondência entre amigas (ELEUTÉRIO, 2005, p. 18)

É tratando dessa questão do feminino, sua trajetória junto às escritas memorialísticas, tentando recompor o mosaico de suas vidas para compor a si mesmas pelo caminho do olhar-se e do entregar-se ao olhar do outro, que Viana (1995, p. 12-19) se refere ao refúgio do eu, do olhar vigilante, do ensaio de insubordinação e da transgressão das normas.

A escrita de diários é a construção de uma identidade na qual, na narrativa, autor, narrador e personagem se confundem no enredo do texto. Paradoxalmente, ao postar no papel o registro de sua vida, o autor objetiva o que antes era subjetivo, pois se coloca sob o olhar de outro, mesmo que não intencionalmente, ao mesmo tempo em que seu registro é imbuído de subjetividade, pois é o seu olhar sobre si mesmo, é a sua autoconstrução.

No entanto, cabe aqui uma advertência. Não se pode permitir que a “ilusão da verdade” turve a objetividade do olhar com relação aos escritos pessoais. Eles são antes de

tudo uma construção de si e algumas armadilhas devem ser consideradas. A impressão de "pegar desprevenido" o autor é bastante enganadora. "A pressa em apontar o autêntico na fonte pessoal, como se esta refletisse um desnudamento do humano, faz parte de um discurso ingênuo" em qualquer tipo de escritos autobiográficos sejam eles arquivos pessoais, correspondências ou diários (PROCHASSON, 1998, p. 114).

Ora, se os arquivos pessoais, as coleções, as correspondências e os diários são construções de seus autores, então se torna óbvio que eles estão carregados de subjetividade e mostram um "eu" construído, imbuído de consciência de si. A partir da decisão de guarda ou escrita apenas se deixa visível o que seus produtores desejavam deixar à mostra. Os diários, portanto, são uma construção de si para si e muitas vezes, inconscientes, eles se constroem para outros olhares. Nunca se pegará seus autores desprevenidos, como se pode pensar em um primeiro momento.

Muitas vezes os diários passam por significativas modificações quando se aventa a possibilidade de publicação, por quaisquer que sejam as razões. É o caso do Diário de Anne Frank. Ela ouviu uma transmissão radiofônica de um membro do governo holandês dizendo que após o término da guerra esperava recolher testemunhos oculares do sofrimento do povo holandês sob a ocupação alemã e mencionou especificamente cartas e diários:

> Impressionada com aquele discurso, Anne Frank decidiu que, quando a guerra terminasse, publicaria um livro baseado em seu diário. Então começou a reescrever e a organizar o diário, melhorando o texto, omitindo passagens que não achava suficientemente interessantes e acrescentando outras de memória. Ao mesmo tempo continuava escrevendo seu diário original. Em *The Diary of Anne Frank: The Critical Edition* (1989), o primeiro diário de Anne, sem cortes, é citado como versão *a* , para distingui-lo do segundo, modificado, que é conhecido como versão *b* (FRANK, 2009, p. 3).

Portanto, pode-se observar que a escrita de si é olhar-se para seu eu, é uma construção-reconstrução para si, como em um quadro no qual se usam as cores que se quer, e por isso mesmo subjetiva, mas também é uma maneira de colocar-se sob o olhar do outro.

Quando submetido a outros olhares que, subjetivos também, encontrarão diversas maneiras de "ler" as intenções ou o que disseram seus criadores, os diários são subjetivados duplamente, na escrita e na leitura. É por isso que não se poder ter nenhuma ingenuidade quanto ao desnudamento que podemos pensar observar na escrita de diários e correspondências.

No entanto, os diários também podem ser uma forma de construção e expressão de um eu prático e de um eu poético. O eu prático nos leva ao dia a dia de seu criador e o eu poético nos conduz aos traços literários grafados no interior das páginas.

É o que ocorre nos diários de Carolina Martins de Mattos.

Capítulo III – Arte e poesia nos diários de Carolina

Há um perfume de flor... há nostalgia,
Que a brisa traz no beijo de um instante
É primavera... há sonho, há poesia...
E a vida mais leve, mais vibrante.

17-2-62
Carolina
(p. 54 da transcrição, vol. 3)

3.1. Poesia

Para o sujeito moderno, a partir do momento em que descobriu a subjetividade e a possibilidade de olhar para seu interior e saber-se um indivíduo, a individualidade converteu-se em valor e assim encontrou várias maneiras de conhecer a si mesmo.

Muitas foram as expressões das quais ele se utilizou para expressar-se. As artes e a literatura estão repletas desses exemplos, na pintura, esculturas, músicas, nas obras literárias, especialmente na poesia.

Se no Renascimento os sonetos apresentavam sua construção baseada no engenho e na técnica, com sua forma, sons e ritmos peculiares, foi no século XIX, com o Romantismo, que a poesia trouxe em seu bojo o subjetivo, a emoção a espontaneidade. Ela passou a ser vista como uma expressão do eu com a exaltação da subjetividade e dos sentimentos pessoais adquirindo uma característica confessional, pois o poeta, nesse contexto, supostamente escreve sobre si.

Já o século XX trouxe com ele o rompimento com as tradições nas artes e literatura, já iniciado no século anterior. O Impressionismo na arte e o Simbolismo na literatura foram um dos responsáveis por essa grande mudança.

No Brasil, no centenário da independência, os vanguardistas da Semana de Arte Moderna de 1922, pareciam buscar também a independência das artes se libertando da influência estrangeira, na tentativa da criação de uma arte nitidamente brasileira.

A literatura, então, especialmente se falando de poesia, também teve seu destaque e rompeu com a tradição, nas vozes de grandes artistas pertencentes a essa geração de vinte e dois.

Portanto, a poesia, seja ela clássica ou moderna, de sonetos à poesia concreta, sempre, de uma forma ou de outra, enleva o leitor com seu efeito poético, vindo ao encontro de sentimentos, desejos e ilusões que sempre fizeram parte da realidade e dos sonhos do homem, quer tenha ou não o temperamento poético.

Este trabalho não pretende analisar em profundidade a estrutura dos poemas de autoria de Carolina, mas sim apresentar o “fazer poético” como atividade de uma pessoa comum que buscou na escrita uma maneira de expressar seus momentos e principalmente seus sentimentos. Procurará também registar toda sua licença poética ao demonstrar a maneira como ela interferia nos poemas de outros autores, sempre trazendo os versos para a realidade de sua viuvez e o sentimento de solidão que acompanhava seu luto.

3.2. A Poesia de Carolina Martins de Mattos

Enquanto o sino lá longe
Plangia triste o seu hino
Minh'alma tecia em versos
A canção do meu destino

Carolina
11-1-62
(p. 50 da transcrição, vol. 3)

Para Eliot (1991), a poesia é a forma de se comunicar algo novo, é o familiar sob novo entendimento e também a forma de expressarmos sentimentos para os quais não temos palavras. Os poemas de Carolina são um exemplo que se encaixa nesta concepção. Nascida em uma época na qual à mulher eram vetadas expressões de seus profundos sentimentos, fragilizada pela perda, ela usa a escrita como uma forma de aliviar sua inquietação deixando-nos uma pequena mas preciosa amostra de arte.

Como escreveu Fernando Pessoa "o poeta é um fingidor" (Autopsicografia)[3], pois escreve sobre seus sentimentos, sobre suas dores e infelicidades, sobre lembranças do passado e sonhos do devir e nesse momento, tudo o que é de seu foro íntimo, portanto subjetivo, transforma-se na ficção de sua poesia. O poeta tece seus sentimentos e impressões metamorfoseando-os em versos ou prosa e os entrega aos olhos alheios onde, mais uma vez, são subjetivados. Assim como acontece com a escrita íntima de diários, a poesia lírica muitas vezes também é vista como confessional, na medida em que está subordinada à subjetividade, à emoção e à espontaneidade de quem a toma como testemunha de sentimentos, de condição humana, enfim como testemunha de existência.

É exatamente por essa particularidade que a poesia se aproxima dos diários. Os diários são escritos pessoais e a poesia, aqui no caso a poesia confessional, carregada da consciência de si mesmo adquirida com a descoberta da subjetividade, também acaba sendo uma produção de si, portanto, são confessionais.

Carolina pode não ser considerada uma escritora no sentido mais acadêmico da palavra, mas tinha impulsos de se tornar uma poetisa. Ela escreveu poemas sobre seu luto, sua dor, sua saudade e a tristeza de estar só. Escreveu muito sobre sua perda e um pouco sobre a esperança de algum dia reencontrar seu esposo.

---

[3] Disponível na Internet: <http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_fp.htm>. Acessado pela última vez em 24/05/2011.

Seus escritos podem não ser considerados literários, mas também não podem ser desconsiderados como tal, já que, sendo ela ávida leitora, escreve textos bem elaborados, que evidenciam uma riqueza de vocabulário e algum conhecimento de estilo, mantendo-se muitas vezes fiel a uma métrica tradicional e arriscando-se mesmo a fazer releituras dos clássicos, adaptando-os à sua necessidade de expressar-se.

Fruto de seu estado de espírito, os poemas de Carolina têm um tema recorrente: a perda. Isso é expresso claramente pelos títulos dados onde aparecem saudades, dor, solidão, ausência e despedida, assim como pela escolha do vocabulário: são recorrentes as imagens de sepulturas, trevas e lágrimas. Os adjetivos remetem sempre a imagens sombrias e a uma profunda falta de esperança diante da perda.

Torna-se necessário lembrar que esses temas são uma vertente do Simbolismo ou do Romantismo tardio, movimentos literários dominantes no momento da formação escolar de Carolina. Talvez por isso ela se dedique a essa forma de escrita, tanto na estrutura quanto na temática dos poemas.

Os poemas são distintos entre adaptações e composições próprias que a autora grafa como “verso de minha lavra” (p. 44 da transcrição, vol. 3). Por dezenove anos ela preencheu seu diário com suas expressões de dor, conservando consigo os sentimentos mais profundos.

Os diários de Carolina e seus poemas se encontram em um lugar comum aos diários e memórias que, por muito tempo, foram desconsiderados pela academia. Eles fazem parte de um amplo universo de escrita pessoal que por muito tempo não chamou a atenção de estudiosos.

Possivelmente sem pretensões de publicar, Carolina escreve para preencher o vazio emocional que toma conta de sua vida, mas não se pode dizer que não tenha feito literatura em um sentido mais amplo: seus poemas transbordam daquilo que Pound chamou de energia. Em seu ensaio “Emoção e Poesia” (1988), o poeta americano propõe que a poesia tem uma carga maior desta energia ligada à emoção e contrapondo-se à prosa que, segundo o autor, não precisaria de emoção mesmo podendo tentar representá-la.

Ainda segundo Pound, a ideia de que o bom poeta deveria morrer jovem, pois traria em um enorme potencial “energético” recebido na passagem para vida adulta, seria inexata diante de tantos exemplos de poetas cujas grandes obras foram escritas na idade madura.

> À medida que o homem, que sua inteligência se transforma numa máquina cada vez mais pesada, numa estrutura dia a dia mais complicada, faz-se necessária uma voltagem cada vez mais alta de energia emocional para pô-la em movimento harmonioso. Decerto que as emoções se vão tornando mais vigorosas à medida que um homem vigoroso amadurece (Pound, 1988, p.70)

Pound discorre sobre produção poética relacionando-a sempre com a emoção e colocando uma importante questão: quem irá julgar se uma obra é boa ou não? No caso de escritos íntimos como os de Carolina essa questão deve ser levada em grande consideração.

Pode-se dar um valor literário ao trabalho de Carolina Martins de Mattos? Ou seriam simplesmente expressões de uma alma dolorida com dificuldades de se expor?

Partindo da noção que a poesia, grosso modo, é uma expressão, uma exteriorização dos sentimentos, não se pode negar que Carolina não tenha feito isso. Ela, em seu diário, conseguiu deixar o retrato de sua alma sofredora e a pungência de seu "grito silencioso", e a tristeza de sua alma infeliz ecoa quase cinqüenta anos depois.

Vale ressaltar que os poemas encontrados no terceiro volume dos diários de Carolina Martins de Mattos não são todos de sua autoria. Pertencem a poetas conhecidos e outros nem tanto. Estão transcritos poemas de Paulo Bonfim, Abdiel Monteiro, Carlos Ferreira, Augusto de Lima, Alberto de Oliveira, J. G. de Araújo Jorge, Vinícius de Moraes, Olavo Bilac, entre outros. Todos os poemas transcritos por Carolina em seu diário contem as iniciais de seus autores.

Seu terceiro caderno abriga setenta e quatro poemas de sua própria autoria, incluindo uma releitura do Soneto 19 de Camões, trinta e seis poemas de outros autores, sendo que vinte deles já estão identificados, um é de "autor desconhecido" e quinze poemas não possuem autoria identificada.

Para esse trabalho foram escolhidos doze poemas de sua autoria para análise. A proposta do trabalho é demonstrar que os poemas escritos por Carolina, pelo debruçar-se sobre si mesma, encontrando uma maneira de trabalhar sua perda e atravessar seu luto ou se sentir liberta após tanto tempo de clausura, revelam suas pretensões de poetisa e tornam-se, por sua vez, a forma como a Literatura se fez presente em seus diários.

A poesia não apenas marca sua presença escrita em páginas e mais páginas do diário, mas também porque revela sua beleza atemporal e portanto atual, sempre com a releitura de novos olhares, Finalmente, a poesia ali está presente porque seus versos vão ao encontro de leitores sensíveis que se propõem seguir com Carolina, ouvindo sua dor, sabedores de suas saudades.

Dessa forma, o observador atento encontrará, nas páginas desse volume do diário, toda a lírica que Carolina colecionou, e toda aquela criada por ela, na ânsia de minimizar a sensação de sua perda. É a literatura que se faz presente nessas páginas, já amareladas, que testemunharam as incontáveis vezes que sua autora desenhou suas linhas com poemas que a encantaram. Mesclando com a construção que fez de si mesma, Carolina construiu poemas falando de uma dor que o estranho não conseguiria alcançar e que vinham ao encontro do que vagava em sua alma poética. Ou talvez o início de seu luto fosse o fim da dor de não ter podido, durante toda sua vida, expressar-se através dos versos de seus poemas.

O primeiro poema escolhido é também o primeiro poema escrito por Carolina, exatamente um ano após a perda do esposo. Carolina registrou em seu diário “3-10-60 um ano hoje faz que o Luiz partiu para a eterna morada e com ele toda a minha alegria” (p. 40 da transcrição, vol. 3).

> 3-10[1960]
> ao Luiz
>
> Sou uma sombra a vagar, sem direção
> Sepultada na dôr e na ansiedade
> Um éco que perdeu-se na amplidão
> pedindo amor, morrendo de saudade...
>
> Já fui muito feliz, vivia em festa,
> Fui pássaro que sonha, que gorjeia...
> Mas tudo foi mentira, e nada resta!
> Castelos construi em chão de areia.
>
> Hoje, dentro de mim, o coração
> atormentado, bate em desatino
> vivendo apenas de recordação
> e das mágoas de um áspero destino.
>
> Com o rosto enxuto e olhos entreabertos,
> sou uma sombra perdida a caminhar
> por atalhos sombrios e desertos,
> sem ter, sequer, vontade de chorar (p. 40 da transcrição, vol. 3).

Esse poema possui um ritmo poético simétrico como pediam as regras tradicionais, estrofes em quarteto e rimas consoantes, demonstrando na autora a existência de certo grau de consciência de forma literária.

Nele, Carolina sente que já se consumiu tamanha a dor que suporta restando apenas uma sombra do que foi, e mesmo essa sombra, tal qual ela mesma, está perdida diante da destruição de seus sonhos mais caros. O inesperado da viuvez é tão pungente que ela passa

a duvidar da solidez de tudo o que construíra até então e sente-se como se houvesse sido sepultada juntamente com seu marido. Só restou mesmo a sombra que caminha sem sonhos, sem lágrimas e tentando não observar o quão escuro é o caminho que trilha agora.

Carolina inicia o poema já se referindo à sua condição de sombra que se tornou, para depois abrir uma nesga de luz, relembrando o passado de festa e felicidade e, logo após, fecha o véu e cai novamente em sua inevitável condição de solidão. Ela retornou ao eco do que outrora foi um gorjeio. Assim se iniciou a longa jornada de Carolina, transformando seu luto em poesia.

No segundo poema ela já consegue nomear essa sombra, responsável pela dor que a consome:

> Viuvez
> Ser viuva é plasmar a própria desventura:
> Chorar quando o mundo está sorrindo:
> fingir mensagens de alegria e de ternura
> enquanto a ilusão impiedosa vae fugindo.
>
> Inebriar-se com perfume subtil da flor
> e entre lágrimas recordar o passado,
> de um lindo romance de amor
> entre rimas da alma sepultado.
>
> Sentir latente no amargurado coração
> toda a imensa tristesa da saudade
> sofrer a dôr do esmoler que estende a mão
> apiedando-se do vasio da caridade.
>
> Glorificar a Deus Sublime Eternidade
> perdoando a injúria e a ingratidão
> mergulhar a alma no abysmo da saudade
> e num triste olhar confessar a sua paixão.
>
> Ser viuva é designio da minha sorte
> É viver sonhando sem um carinho sequer
> Sentir a cada passo a sençassão da morte,
> Bendiser o cruel destino, saber ser mulher. (p. 41 da transcrição, vol. 3).

Aqui a autora também demonstra a mesma consciência nos quatro versos das cinco estrofes, utilizando-se das rimas com sensibilidade, embora sem regularidade métrica nos versos.

Nesse poema Carolina escreve sobre a máscara da viuvez, forjada na desventura, e que finge todos os sentimentos que se relacionam à alegria. Sob essa máscara estão os verdadeiros sentimentos que a atormentam e mortificam. O mundo não toma conhecimento de

sua dor e até o que é bonito torna-se demasiado melancólico, como o perfume de uma flor por exemplo. Sua alma continua sepulta e, mesmo que estenda a mão em atitude desesperada de socorro, a caridade do consolo não chega, qual bálsamo que minimizaria todas as dores, porque a viuvez é inconsolável em si mesma.

Ainda que ela tenha fé na eternidade que colocará o amado novamente ao seu lado, sua alma ainda está na escuridão da saudade e latente de paixão.

Sua viuvez a faz estar constantemente em companhia da morte, sem o carinho de quem partiu. E apesar de toda essa pungência e amargura ainda é preciso bendizer "seu cruel destino", pois a viuvez e a perda das ilusões é desígnio. Carolina diz que é necessário "saber ser mulher" e conseguir guardar no coração os mais dolorosos sentimentos sem que o mundo os ouça.

O terceiro poema escolhido é o único que contem o registro "Versos de minha lavra". Do restante alguns têm seu nome, outros apenas o poema ou simplesmente a inicial C. Nele, Carolina tem a mesma temática de lágrimas, saudade e solidão. Mas mantém a fé de que estará com Luiz algum dia.

Ao Luiz

Eu penso em ti chorando de saudade
Imagino ver-te sempre a cada instante
Mas vejo-me só na triste soledade
Longe dos teus carinhos tão distante

Mas, tenho fé, um dia nós unidos
Juntos seremos, o que na vida fomos
Abençoando de lá nossos filhos queridos

E implorar de Deus toda ventura
Toda glória, toda felicidade
Aos nossos filhos toda a ternura
A benção de Jesus e a piedade.

Versos de minha lavra
Carolina
(p. 41-42 da transcrição, vol. 3)

Esse poema difere dos primeiros pela forma, pois possui três estrofes sendo que a primeira e última são quadras e a do meio é um terceto. Ele mantém a mesma preocupação com as rimas.

Carolina em sua solidão reclama dos carinhos distantes do esposo, ao mesmo tempo em que, como no poema anterior, em sua imaginação, ele continua seguindo seus

passos. Ela tem esperança que se unirá novamente com ele e de onde estiverem enviarão suas bênçãos aos filhos e que todos os sentimentos de felicidade serão enfim resgatados.

No poema intitulado “Novo Rumo” revela seu sentimento de desorientação diante da perspectiva de uma vida solitária:

> Novo Rumo
>
> Chegou o instante de mudar a rota...
> Já não consigo caminhar, por onde?
> Em cada curva uma ilusão se esconde
> Em cada reta uma saudade brota;
> Trago o amargor de uma cruel derrota
> E a minha angústia, mesmo a quem a sonde
> Nunca se mostra nem sequer responde
> Porque é uma dor que o alheio olhar não nota.
>
> Sim, é preciso desviar a via
> Por onde, solitária, vou seguindo,
> Como um cigano que perdeu seu bando.
> Para que eu possa me esquecer um dia
> De uma felicidade que ganhei sorrindo
> De uma ventura que perdi chorando. (p. 43-44 da transcrição, vol. 3)

Nesse poema a autora foge do seu estilo. A primeira estrofe é oitava e a segunda é sexteto, bem diferente dos poemas vistos até agora, mas o cuidado com as rimas continua sendo primoroso.

Aqui Carolina, cansada, já não se mostra mais como uma sombra perdida, mas fala da necessidade de mudar seu caminho, pois o que ela trilha é tão conhecido que traz sempre a esperança de, repentinamente, mesmo que lhe pareça impossível, encontrar o dono de seu carinho. Crendo-se derrotada, veste novamente a máscara para esconder a sua dor, porque ela a esconde mesmo ao observador mais perspicaz.

Ela deseja mudar a rota para outro caminho, solitário sempre, o qual ela nunca tenha trilhado a dois, para que essa nova via possa trazer a ela o esquecimento da felicidade que perdeu. O verso final da primeira estrofe mostra claramente a natureza dos sentimentos da autora “Porque é uma dor que o alheio olhar não nota”, verso esse que se assemelha com “A dor que a minha alma sente não na sente toda a gente”, versos de Camões.

“Cinsas” é um poema que tem a distribuição de versos de um soneto e fala da partida do marido e da solidão que ficou no lugar da presença que fazia sua vida festiva. As cinzas são as sobras de seus sonhos, é o caminhar solitário onde outrora caminhavam dois. Sem o carinho alegre e o abrigo risonho que ele proporcionava, ela sentiu perder-se toda a

ternura. A perda em si não lhe pareceu tão triste quanto a solidão que a avassala. Só lhe resta agora em meio a amargura que destruiu seu sonho quedar-se e, em suas tristes tardes, olhar o caminho já trilhado em felicidade. E soluçar, porque esse soluço é seu pranto contido, mais dolorido do que um choro, mas é quase indolor comparado à saudade contida em seu coração.

Cinsas

Ve-lo partir não foi tão triste eu digo
Foi mais triste, depois quando sosinha,
Eu passei, soluçando, no caminho
Onde, sorrindo, ele passou comigo.

Era alegre e festivo o seu carinho,
E festivo e risonho o meu abrigo.
E quando ele partiu, levou consigo
Toda a ternura do nosso doce ninho.

Já nem me lembro como foi a historia
Nem como que esse amargor imenso
Veio queimar meu sonho azul de glória

Mas toda a tarde, quando á sos, debruço
Meu triste olhar sobre o caminho estenso
Me lembro dele e sem querer soluço (p. 45-46 da transcrição, vol. 3).

Em “Obsessão”, Carolina se refere à espera da chegada de quem, se sabe, não tornará a voltar e é essa contínua espera que faz com que ela não perceba a desventura da ausência. Apenas não se sabe a qual hora do dia ela se refere. Composto de duas primeiras estrofes em terceto, deixa em dúvida a terceira que parece quarteto, mas que “Oh! Bem amado” poderia se tornar refrão se o poema se prolongasse além das três estrofes:

Obsessão

Não sei porque, me vem sempre nesta hora
Uma estranha, fantastica impressão
Que espero alguém, e que há de vir agora

E como se alvoroça o coração
Pela visita que afinal demora
Sei que o amanhã, trará a mesma ilusão.

E te esperando assim
Oh! Bem amado
Eu não percebo a minha desventura

De nunca mais te ver ao meu lado (p. 47 da transcrição, vol. 3).

No poema abaixo, Carolina, mais uma vez dedica ao esposo seus versos, na tentativa de criar um soneto:

Ao Luiz

Silencio, musa, um grito doloroso
Um grito de suprema despedida
Desmancha tudo o que se fez na vida
E ao nada leva o que foi generoso.

Tombaste querido no final da lida
Assim como um jequitibá frondoso
E agora no silêncio e no repouso
Fica a lembrança a reviver sentida

O que importa a morte se a lembrança é tudo
Guardada n'alma e não adormecida
Na solidão do teu jazigo mudo.

Partiste querido para a eternidade
Como lembrança da amizade tida
Deixaste no meu peito a triste saudade. (p. 48-49 da transcrição, vol. 3)

Nesse poema ela fala do elo de amizade que a unia ao marido e que ela também perdeu com a morte dele. Amizade essa que era para ela a segurança de uma árvore frondosa e forte, tal qual um jequitibá. Para Carolina tudo se acabou em nada e se resume apenas no silêncio do jazigo e na tristeza da saudade.

"Folha Morta" é um poema que poderia ser considerado ambíguo em sua interpretação. Ela pode estar se referindo ao que o dito popular chama de "o livro da vida", imaterial, e que traz a história de cada um, ou pode estar fazendo referência aos seus diários, nos quais registrou fatos de sua vida e de seus familiares. Os registros deixados antes de seu luto eram alegres e, portanto, em folha colorida. Após sua perda ela conservou a folha, agora morta, mas já não se importa mais, pois, o que vai registrar a partir de agora? Talvez seja essa a razão da lacuna de um ano em sua escrita após o falecimento do marido e, depois desse fato, trazendo quase que totalmente escritos poéticos e raramente alusões ao dia a dia. O poema possui cinco estrofes de tercetos e traz um elaborado de rimas interessante:

Folha Morta

No livro que chamei “A minha vida”
Escrevi o seu nome ó bem amado
Numa folha sedosa, colorida...

E ali, naquela pagina gravado,
Ficou algo de bom e de sagrado:
A emoção mais profunda, mais sentida!

O teu nome entre todos mais lembrado,
A lembrança entre todas mais querida,
A página melhor da minha vida!

Mas o tempo passou, tu partiste
A pagina rosada, não mais existe
Tornou-se folha morta ressequida...

Conservei-a ali... já não vale mais nada!
Mas... a vida para mim ficou perdida,
Como um livro que tem uma pagina arrancada!

(p. 55-56 da transcrição, vol. 3)

“Minha Taça” é sua tristeza e sua saudade convertida em memória. É a lembrança encarnada de sua felicidade passada. É a presença de momentos vividos a dois ao alcance do toque de apenas um. Sua ventura fugiu e seu coração está vazio e frágil, assim como a taça que descansa sobre a mesa. Para ela, o tempo desse amor foi tão breve como as espumas brancas que brincam no leito de um rio, fugidias. Tempo de luz, beleza, prazer e poesia, mas ligeiros. E, nesses breves dias de alegria nos quais esse amor era vivido a dois ela sorveu bebidas rubras e ardentes, repletas de paixão, numa metáfora que indica que sempre viveu um amor apaixonado pelo marido. Essa taça, agora vazia, parece conter o fel da solidão a torturar seu coração; e essa amargura a faz sentir vazia, tal qual a taça sobre a mesa. Pode-se também observar toda uma carga de erotismo que Carolina deposita nesse poema. Uma das poucas vezes que ela transgrediu as regras do recato exigido da mulher.

Minha taça

A taça de cristal sobre esta mesa,
Onde, em tempos vibrou tanta alegria,
Tem a impressão de languida tristeza
Que nos deixa a ventura fugidia.

Horas de luz, momentos de beleza,
Minutos de prazer e de poesia,
Fogem ligeiros... E depois na mesa,
Rebrilha a taça de cristal, vazia...

Meu coração está assim como essa taça...
O amor passou por ele como passa
Alva espuma a brincar, na água do rio...

Taça do amor... Enchia-a inteiramente,
Sorvi-lhe todo vinho rubro e ardente,
E eu sinto agora o coração vazio... (p. 59-60 da transcrição, vol. 3)

No poema “Soneto”, que traz um belo trabalho com as rimas, Carolina, em seu luto, define poesia: é tristeza, tragédia e lágrimas. É todo seu sofrimento pela solidão imposta e é sonho de encontro. Nele ela derrama sua dor e pesar, mas, apesar disso dá à poesia o *status* divinatório, pois também crê que ela é o meio de penetrar o mundo do qual ela é excluída, o mundo no qual vive seu esposo.

Soneto

Poema... Poesia é a tragedia imensa
da alma quieta, nesta vida intensa,
é o pranto intimo de minh’alma triste,
é a lembrança de quem não mais existe!

Poema... Poesia é o sonhar dolente,
é o grito d’alma e o esforço ingente
de eu de ir juntar-me a alguém
ou de não ser nunca, jamais, ninguém!

Poema... Poesia é o sofrer calado
a dor profunda de existir no mundo
e a desgraça de viver separado!

Mas alem disso, a poesia é o meio
Quasi divino de penetrar no mundo
Aonde Ele está, meu Deus eu creio (p. 91 da transcrição, vol. 3).

“Saudade” é o poema que falou sobre a maior queixa de Carolina. Esse sentimento era tão pungente em seu estado de espírito que se pode observar a total ausência de rimas. Ela é a passageira dessa nau de trevas, mas que, por ser saudade de amor, guardam pétalas de luz em seu abismo. Ela evoca para a poesia todo o sofrimento contido nas galés de antigos navios. Hoje, é ela a prisioneira da saudade em um barco que evoca e encarna tudo o que é negro como a noite, o ônix e o ébano.

> Saudade...
>
> Noites que são galeras côr do tempo:
> Velas de sombra pousam na paisagem,
> E o silencio desperta outro silencio
> No mundo tripulante que hoje sou!
>
> Noites que são galeras côr da morte:
> Quilhas de onix e grandes remos de ébano
> Revolvem singraduras de luar
> No mar atormentado de lembrança!
>
> Noites que são galeras côr do espaço:
> Grandes barcos de trevas carregados
> De abismos e de pétalas de luz!
>
> Noites que são galeras que não voltam:
> Um dia chegaremos ao refúgio
> Das náus saudosas do passado! (p. 97 da transcrição, vol. 3).

“Nostalgia”, esse poema de 1964 parece ser uma despedida de seu período de luto, o fim de seu processo de elaboração. Desde então nenhum outro poema e seu diário silenciou-se totalmente não registrando nem mesmo o passar do tempo. É como se a dor tivesse se transformado em saudade como diz sua poesia. São catorze versos que encerram sua escrita, definitivamente:

> Nostalgia
>
> Sim, a vida continua...
> Mas, sem você
> Tudo está mais escuro e só
> A luz dos seus olhos já não brilha,
> E tuas mãos já não envolve as minhas
> Frias tão frias sem o calor das tuas
> Ha não existe poesia
> Não existe tristezas
> Para contar minha dor.
> E mais do que nunca eu tenho a certesa

> De que não existirei breve
> Para contar nossa história:
> A nossa triste história,
> Escrita em prantos, nas páginas infinitas da vida.
>
> (p. 124 da transcrição, vol. 3)

Ela não teve preocupação com rimas e, em única e longa estrofe, seus versos correm soltos, no ritmo de seus pensamentos, nostálgicos e conformados, cheios de suas saudades.

Após dezenove anos dedicados a escrever e transcrever poemas, ela fechou seu longo período de luto com uma poesia de sua autoria. Carolina, a poetisa da tristeza, fala então de sua impotência diante do destino que a fez só e, sem poesia nem tristezas que deem conta de expressar sua dor, se conforma na certeza de que breve não mais existirá.

3.3. A “licença poética” de Carolina

Nos olhos hoje, as lágrimas estanco...
Mas rolam todas, sem que as veja o mundo
Sob a forma de risos pela boca.

Félix Pacheco
Carolina
Amparo 8-5-69
(p. 120 da transcrição, vol. 3)

Carolina, em seu afã de escrever e transcrever poesias em seu diário, deixou registrados cento e onze poemas.

Vale lembrar que os poemas encontrados no terceiro volume dos diários de Carolina Martins de Mattos não são todos de sua autoria, mas os poemas transcritos contem as iniciais de seus autores.

É interessante notar que mesmo nas transcrições, embora ela anote as iniciais do autor, Carolina interfere na tessitura da poesia. Às vezes essa interferência é em algum verso ou apenas no início, onde ela começa com “Luiz,”, demonstrando que até mesmo os poemas transcritos são dedicados ao esposo falecido.

Mas o poema que inicia suas transcrições é anterior à morte de Luiz. O texto está na primeira página do terceiro volume do diário e data de 5 de julho de 1957: chama-se “Súplica” e se relaciona com a religiosidade de Carolina. É de autoria de Tomás Ribeiro (1831-1901) político e literato português, e apenas no último verso ela interfere, adicionando a palavra “meu”: “Mas bemdizendo-te, Oh meu Deus./Mas bendizendo-te, oh Deus!” (p. 5 da transcrição, vol. 3).

A seguir se encontram as transcrições dos poemas que ela escolheu para falar de seu luto. O texto à esquerda das barras duplas são os que possuem as interferências de Carolina e os localizados à direita das barras duplas são os versos ou estrofes originais.

No poema “Saudade”, de Arthur Azevedo (1855-1908), poeta maranhense, no primeiro verso da primeira estrofe “Aquele amor querido e carinhoso/Aquele amor cruel e carinhoso” (p. 45 da transcrição, vol. 3), Carolina parece não concordar na crueldade de seu amor e substitui a palavra “cruel” por “querido”. O fato curioso é que esse é um poema não trouxe as iniciais de seu autor, sendo uma das raras vezes que isso ocorre.

O próximo traz uma releitura do conhecido soneto de Camões (1524-1580), poeta português, “Alma minha gentil que te partiste”, em decassílabo heroico, no qual Carolina

interfere em diferentes momentos, tais como: “Ao Luiz” e “Esposo meu que tão cedo partiste,/E quem sabe, desta vida descontente//Alma minha gentil, que te partiste/Tão cedo desta vida descontente,”. Ela tem esperança que seu esposo, já que teve de partir tão cedo, que ele tenha partido descontente, por não desejar separar-se dela. A seguir se pode ver como a inversão de lugar de algumas palavras altera totalmente o sentido dos versos: “Não te esqueças daquele amor ardente/Que nos meus olhos púros sempre vistes.//Não te esqueças daquele amor ardente, Que já nos olhos meus tão puro viste” Na versão de Carolina são os olhos puros que demonstram o amor ardente e nos versos originais a pureza é do amor ardente que é visto através dos olhos. E em: “E se vires que posso merecer-te//E se vires que pode merecer-te” (p. 50 da transcrição, vol. 3), Carolina conjectura se é merecedora do amor de Luiz enquanto que, no poema de Camões, a pergunta soa como se quem partiu é merecedor desse puro amor.

No poema “Saudade”, de autoria de Cláudio Manoel da Costa (1729- 1789), poeta mineiro, no XIII Soneto, Carolina não interfere na tessitura dos versos, mas modifica toda identidade do poema quando substitui o destinatário da poesia. Nesses versos, “Nise” a quem o poeta dirigiu sua súplica é retirada e em lugar encontra-se “Luiz” nas seis vezes em que o poema traz o nome da musa (p. 57 da transcrição, vol. 3).

Em “Súplica”, transcrição de 25 de março de 1962, Carolina interfere apenas modificando o título original de “Meu Deus, que estais pendente em um madeiro”, de Gregório de Mattos (1636-1695), poeta baiano. Ela se mantem fiel ao texto com pequenas alterações apenas na grafia de algumas palavras (p. 65 da transcrição, vol. 3).

“Asas”, de Heitor Lima[4], é um poema que tem por temática a separação e Carolina traz para si toda a poética para, nos dois versos finais, mais uma vez demonstrar seu inconformismo com a separação ao se ver apartada do esposo e a incerteza do reencontro: “Um no outro roçamos levemente,/Para não nos reencontrarmos, Nunca Mais!//um no outro eles roçaram levemente,/para não se encontrarem nunca mais!” (p. 66-67 da transcrição, vol. 3).

O Poema “Atração e Repulsão”, de Adelino Fontoura Chaves (1859- 1884), poeta português, tornou-se “Sonhar” na interferência de Carolina e vale observar o trabalho que ela faz com as rimas nos versos, interferências que se encontram nas duas últimas estrofes.

Foram grandes as modificações levadas a termo nos versos: “Mas tão cedo partiste tão tristonho/Deixaste-me só neste desengano/Que jeito triste de viver, já não

[4] Não foi possível estabelecer os dados de alguns poetas utilizados por Carolina.

suponho//Mas tão cedo extinguiste este risonho,/Este encantado e deleitoso engano,/Que o bem que achar supus, já não suponho". Nesses versos se pode perceber mais uma vez o sentimento de solidão que a acometeu e a sensação de ter sido ludibriada pelo destino. Em "Espero um dia encontrar-te, em sonho/E junto a ti viver num paraíso/Cheio de flores e no viver risonho.//Vejo, enfim, que és um peito desumano;/Se fui até junto a ti de sonho em sonho,/Voltei de desengano em desengano" (p. 89-90 da transcrição, vol. 3) ela já demonstra a esperança de viver junto do marido novamente, mesmo que em sonho, indo de encontro com o poema original que demonstra uma completa desilusão de saber-se em total desengano.

Em "Senhor", título dado ao Soneto XLIX, de Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), poeta carioca, Carolina pela primeira vez, em se tratando das transcrições, refere-se aos filhos, às amigas e outros de suas relações que já se foram, para longe ou para a morte, não se sabe: "Morrer e dos filhos despedindo/Dizendo adeus às amigas mais antigas/E os seres mais longínquos, já partidos.//Morrer como quem vai se despedindo/A fixar as paisagens mais antigas/E os seres mais longínquos, já partidos" (p. 94 da transcrição, vol. 3). A temática é, como na maioria das vezes, a morte.

O poema "Ser bom", de Abdiel Monteiro, também sofreu a mutação na pena de Carolina, ficando assim os dois últimos versos da segunda estrofe: "Como é feliz quem ama e quem perdôa/O que sabe fazer secar o pranto!//Como é feliz o que ama, o que perdoa,/O que sabe fazer cessar o pranto!" (p. 99 da transcrição, vol. 3). Como o poema fala de bondade sua interferência humaniza os versos, pois "o que" do autor torna-se "quem" de Carolina. Ainda que no segundo verso ela copie o autor, Carolina parecia saber que existe pranto que não cessa nunca e, portanto, se propõe a secar o pranto de quem chora e não cessá-lo como quer o poeta.

No poema de Carlos Ferreira, "Perdoar", Carolina em nada interfere na tessitura do texto, mas após o término da última estrofe ela conclui: "Perdoar, perdoar, perdoar/Mil vezes perdoar..." (p. 101-102 da transcrição, vol. 3).

"Vencer", poema encontrado com título "A vitória da vida", de autor desconhecido, é um poema positivo com mensagem de encorajamento frente à luta da vida. Nos dois últimos versos da última estrofe é o único momento em que Carolina interfere no texto: "Mas o que mais certo em si vae para frente/Foi a decisão tomada em tua mente.//Mas o que, certo de si, vai firme e em frente/com a decisão firmada em tua mente!" (p. 103-104 da transcrição, vol. 3).

Carolina, em "O Santo de Assis", de Augusto de Lima (1859-1934), poeta mineiro inicia sua transcrição a partir do meio do poema original, ignorando totalmente as três

primeiras estrofes. Inicia no verso “Irmão Sol” Irmão Anjos, irmãs flores,” e segue até terminar a estrofe. Da próxima ela toma apenas o verso ”É a voz suave e dulcide do Santo” (p. 104 da transcrição, vol. 3) não transcrevendo os seis versos restantes. Então ela toma sete dos oitos versos seguintes encerrando o poema sem a transcrição das duas últimas estrofes. É interessante notar que esse poema é parte integrante do Parnaso de Além Túmulo, livro psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Curioso também é o fato de que Carolina, extremamente católica, pudesse tomar essa atitude. Já em seu diário ela citou uma vez que visitou um curandeiro junto “com a Cacilda, Abigail e as creanças,” (p. 64 da transcrição, vol. 2), indo depois à igreja de S. Benedito.

Em “Sonho”, poema intitulado “Acordando”, de Alberto de Oliveira, (1859-1937), poeta carioca, Carolina só intervém no texto duas vezes, uma já no título e outra no verso “Rompe da névoa, o teu meigo vulto amado!//Rompe da névoa, meigo vulto amado!” (p. 106 da transcrição, vol. 3), como se o pronome possessivo “teu” fosse dar a ela a posse da sombra peregrina em sua aparição divina, a que se refere o poema, mesmo que em sonhos.

J. G de Araújo Jorge (1914-1987), poeta acreano, empresta seu poema “Um dia”, que se refere à mudança inesperada da alegria em tristeza, para que Carolina mude apenas um pequeno detalhe no texto, a troca de uma vogal, mas que faz toda a diferença aos olhos desse trabalho. No verso “Ouço falar assim desde menina//Ouço falar assim desde menino” ela reafirma o constante aprendizado de ser mulher, a qual ela já se referiu em uma poesia de sua autoria. Condição de lutadora e de luto, pois a viuvez é também um substantivo feminino. (p. 111 da transcrição, vol. 3)

As “Estranhas Lágrimas”, de Félix Pacheco (1879-1935), poeta do Piauí, são para Carolina “Lágrimas”, talvez por não serem tão estranhas para ela, no pranto da viuvez. Esse poema sofre grande interferência por parte dela: “Não tinha o olhar enxuto como agora,/Alma! disia então comigo, chora/Que o pranto diminui as agonias...//Não fui de olhar enxuto como agora./Eu próprio então me aconselhava:/ "Chora que o pranto é um refrigério às agonias".” Suas intervenções, porém, não modificam o sentido do texto; ela apenas brinca com a substituição de palavras como lhe convém seu sentido poético. Também é interessante a forma como ela trabalha suas rimas, aproximando-as do poema original: “Ah! quantas vezes pelas faces frias,/Por mal do meu amor que se foi embora//Ah! quantas vezes, pelas faces frias,/Melancolicamente, hora trás hora,”. Na última estrofe pode-se notar a referência ao silêncio do pranto da viuvez: “Nos olhos hoje, as lágrimas estanco.../Mas rolam todas, sem que as veja o mundo/Sob a forma de risos pela boca.//Nos olhos, hoje, as elimino e

estanco./Jorram, no entanto, sem que as veja o mundo,/Sob a forma de risos, pela boca!" (p. 113 da transcrição, vol. 3)

O poema "O Vaso Partido", de Sully Prudhomme (1839-1907), poeta francês, traduzido por Guilherme de Almeida, teve apenas retirado o artigo do título. No mais se manteve totalmente fiel ao texto que se refere à sutileza do toque de um leque que partiu o vaso de cristal azul das verbenas. Carolina, possivelmente encantada com a beleza, pois que não ousou interferir na tessitura poética da tradução da poesia do autor francês, transcreveu o que vinha ao encontro da fragilidade dos seus sentimentos:

> Vaso Partido
>
> O vaso azul destas verbenas
> Partiu-o um léque que o tocou:
> Golpe sutil roçou apenas,
> Pois nem um ruído o revelou.
>
> Mas a ferida persistente,
> Mordendo-os sempre e sem sinal,
> Fez, firme e imperceptivelmente,
> A volta tôda do cristal!
>
> A Água fugiu calada e fria,
> A seiva toda se esgotou;
> Ninguém de nada desconfia
> Não toquem, não, que se quebrou.
>
> Assim a mão de alguêm, rogando
> Num coração, enche-o de dor,
> E êle se vae, calmo quebrando,
> E morre a flor do seu amor.
>
> Embora intato ao olhar do mundo
> Sente, na sua solidão,
> Crescer seu mal fino e profundo
> Já se quebrou não toquem, não (p. 113-114 da transcrição, vol. 3).

De Olavo Bilac (1865-1918), poeta carioca, "No Meio do Caminho", Carolina mais uma vez fala da partida. Na versão dela "Em meio do caminho", transforma a voz do autor em voz feminina, expressando seus sentimentos: "Cheguei, chegaste: Vinhas fatigado//Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada". E refere-se também à solidão: "E eu, solitária, volto a face e tremo//E eu, solitário, volto a face, e tremo" (p. 115-116 da transcrição, vol. 3).

O poema "Recordações", de Francisco Otaviano de Almeida Rosa (1825-1889), poeta carioca, inspirou Carolina a dar o nome "Como te amei", como diz o poeta em meio a seus versos que falam de um amor imenso. Nele ela transforma o substantivo "mulher" do autor em "esposo meu" como se pode observar: "Esposo meu! Oh se te amei!// Mulher! oh! se

te amei!" (p. 116-117 da transcrição, vol. 3). Carolina também subtrai a última estrofe do poema, deixando a sua versão com apenas duas.

Também do poeta Vinícius de Moraes, (1913-1980), poeta carioca, "Soneto de Fidelidade", Carolina emprestou a poética e subtraindo o "soneto" deixou apenas "Fidelidade". No verso "E assim, mais tarde me procure//E assim, quando mais tarde me procure" (p. 120 da transcrição, vol. 3), ela é veemente em sua afirmativa, como que em uma urgente certeza e não em uma hipótese certa, mas futura como diz o poeta.

Dessa forma, se pôde observar que Carolina, além de criar sua própria poesia também interferiu em poemas de autoria de terceiros. Em todas as circunstâncias, sua licença poética veio ao encontro do que transitava por seu espírito. Sempre foi seu tema o luto, a separação, a ausência, o desejo de reencontro e acima de tudo, a saudade. E ela, interferindo minimamente ou recriando versos de poetas que a inspiraram, também fez um pouco dela os poemas que tocaram sua sensibilidade.

Através deles Carolina também deixou sair seu grito de independência, represado desde muito. Agora, viúva, utilizou-se de seu luto para poder expressar-se e, possivelmente, realizar o desejo de dedicar-se à poesia. O luto legitimava seu mister de poetisa, ainda que, com a necessidade dessa permissão, ela continuasse prisioneira das convenções estabelecidas pela sociedade à qual pertencia, ou seja, ela podia agora dar vazão à sua veia poética, desde que, é claro, sua fonte de inspiração fosse seu falecido marido.

Considerações finais

O primeiro objetivo deste trabalho era observar o cotidiano narrado por Carolina Martins de Mattos observando sob quais formas a literatura se fez presente em seus diários. E efetivamente ela estava lá, nas páginas que Carolina preencheu de poemas falando de seu luto.

Carolina, como já foi dito, escreveu setenta e quatro poemas e transcreveu outros trinta e seis de autores diversos. Ela possuía noção de estilo construindo-os em sua maioria na forma de soneto. Neles falou de sua viuvez e da saudade que tinha de seu marido.

Seus poemas extravasaram uma dor que não parece ser apenas a dor de sua solidão. Parece ser um grito abafado durante muito tempo, como se durante toda sua vida tivesse sido privada de exercer seu talento de poetisa. Presa nas convenções sociais que davam a ela apenas o lugar destinado às mulheres, não conseguiu romper todas as amarras, ficando atada ao seu papel feminino. Em seus diários, a literatura, exercitada em forma de poesia, foi o ato de transgressão do qual ela tomou posse para satisfazer a si mesma, mesmo que fosse para falar apenas sobre seu luto, visto que essa era a temática que o bom tom lhe permitia.

Dessa forma, observa-se que a literatura foi para Carolina, assim como foi para muitas outras mulheres, o meio pelo qual elas conseguiram se pronunciar e serem ouvidas. Foi a forma de escapar a essas correntes que lhes toldavam a imaginação e impediam essa torrente de palavras cuidadosamente escolhidas e que se constituíram em poesia e por isso mesmo, literatura. Literatura, substantivo feminino, portanto, cheia de nuances e também de cores, de perfumes e de música, preenchendo os três sentidos do ser humano e enlevando o espírito de quem a toma às suas mãos. Repleta de amores e de dores, assim como a vida de quem a ela se dedica.

O luto foi o instrumento de libertação de Carolina, que pela sua maneira de viver, sempre esteve à margem do papel desempenhado pelas mulheres, visto que nunca foi uma mulher que se prendeu apenas ao privado.

Essa foi a segunda proposta desse trabalho que toma os diários de Carolina não como uma autobiografia, pois que isso seria quase impossível devido à superficialidade com a qual ela descreve os fatos de seu cotidiano, como se eles não fossem tão importantes assim, afinal ela não tinha a permissão de dedicar-se à “sua” literatura.

A riqueza de seus diários também está no fato de que, além da presença lírica da literatura em suas páginas, apresentam Carolina como uma mulher cerceada pelas convenções sociais, mas que passou todo o período de vida descrito quase diariamente, em um lugar onde se embaralham as fronteiras do público e do privado.

Ela, mulher que satisfazia plenamente seu papel de esposa/mãe/dona-de-casa, como era de esperar de suas companheiras de gênero, também era a atendente do balcão no comércio da família, situado à frente da residência da família. Carolina tinha lá sua escrivaninha de trabalho, na qual diariamente fazia a contabilidade do estabelecimento e escrevia em seus diários.

Portanto, seus diários já nascem públicos e não privados como é de se esperar desse tipo de escrita. Sua escrivaninha é o entre lugar entre essas fronteiras. É seu lugar de trabalho situado ao lado de um balcão e a pequena escada que leva ao interior de sua casa, de sua intimidade. É nela que Carolina guardava seus diários, sem capas encapadas, sem cadeados, sem baús e sem esconderijo. Diários nascidos públicos, escritos em público e guardados publicamente, aos olhos de toda sua família.

Pela característica própria dessa escrita pode-se acreditar que eles são uma raridade, pois não fazem jus à sua identidade máxima que é ser privado.

Também aí Carolina transgride as normas, pois que os diários femininos sempre foram escritos na alcova, no segredo da intimidade, muitas vezes cadeados e escondidos de todos os olhares. Sua escrita é uma escrita pública e destinado ao público, mesmo que esse caráter público fosse apenas para sua família.

Também esse trabalho é uma transgressão das normas, uma vez que traz à luz esses diários, tornando-os mais público do que talvez sua criadora pudesse ter imaginado. Ele ressemantiza essa transgressão, na medida em que o descortina e possibilita a oportunidade de deixar recair sobre eles um novo olhar. Esses olhares criarão novas crostas de significado, resultado da subjetividade de cada um.

Desde o início deste trabalho já havia a suspeita de que realizá-lo seria gratificante, pois falar sobre mulher é sempre uma temática instigante. Mas, mais do que isso foi apaixonante. Carolina foi uma mulher culta, inteligente e transgressora de normas, assim como foram muitas mulheres na história. Foi uma mulher que suportou o fardo do privado enquanto construía sua vida pública, mesmo que por pública se entendesse o legado de seus diários à sua família após seu falecimento.

Sua família continua lá em Amparo, Carolina, onde fui ter com eles em 21 de maio de 2011. As crianças, adolescentes e jovens que me acostumei a conhecer em seus diários, são hoje senhores e senhoras de idade respeitável e me aproximaram muito de você. Trouxeram-me a saudade de alguém que nunca conheci, mas que ao longo desse trabalho aprendi a admirar e respeitar. Lá estavam Cacilda, Celso, Dinah, Abigail, Edmur e Maria

Izabel e muitos netos e bisnetos, todos seus. A festa estava pronta, mesmo que nela faltasse a pessoa mais especial: a nossa poetisa.

Fui à sua casa, pisei naqueles ladrilhos que pisou e vi seu jardim. Vi seu quarto e o banheiro onde um dia tombou seu companheiro. Vi as paredes que testemunharam todos seus momentos, inclusive o tombo no corredor com todo o fermento do pão. Pude ver também a escadinha que conduzia ao armazém, muito embora os seus já tenham se aposentado desses afazeres comerciais.

Por um relance, quase vi Carolina sentada em sua cadeira de balanço junto à porta ao lado de seu memorial. Sim, foi feito um memorial de Carolina, idealizado por sua neta Leda, onde ficam suas coisas queridas: seus santinhos, incluindo São Luís, sua licoreira que já não tem jarro e o elefante não precisa mais carregar tanto peso e suas taças de cristal, que fazem lembrar um de seus poemas. Tem também a balança do armazém e a caixinha dos pesos.

Fui também ao campo santo, na última morada de Carolina, onde repousa com pessoas caras ao seu coração: Antonio, Nivaldo, Luís e a caçula Raquel. Carolina, uma mulher que gostava de flores, iria ficar feliz ao ver como tudo estava florido e alegre.

Fui ter com eles para poder estar um pouco mais perto de sua presença que para mim foi sempre ausência.

Portanto é a você, Carolina Martins de Mattos, que dedico esse trabalho como sua última forma de transgressão. É você alcançando seu maior desejo: ser ouvida. Seu grito, que ecoa do passado desde a primeira página de seu diário, agora é seu novamente. Sem nenhuma cerimônia faça uso de minhas letras e grite. Grite bem alto para que a ouçam todas as mulheres de sua descendência.

Obrigada por me deixar transgredir junto com você!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. In: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 4(7), 1991.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil.* S. Paulo: Contexto, 1997.

ARTIÈRES. Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Revista de Estudos Históricos* – Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 11(21), 1998/1.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil.* S. Paulo: Contexto, 1997.

BATISTA. Raimunda de Brito. *Ludovic Surjus: histórias histórias*. Londrina: Atrito Art, 2005.

BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad.: Magda Lopes. S. Paulo: Ed. Unesp, 1992

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. In: *Revista de Estudos Históricos* – Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 11(21), 1998/1.

CARLOS, Ana Maria e ESTEVES, Antonio Roberto. (Orgs.) *Narrativas do eu: memórias através da escrita – Ensaios*. Bauru: Canal6, 2009.

CHARTIER, Roger. (Org.). *História da Vida Privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários Íntimos de Professoras: Letras que duram. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. *Refúgios do eu*: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: Escritas de si, escritas do outro. Revista *Patrimônio e Memória.* Assis, v. 3, n. 1, p. 1-18, mai. 2007. Disponível na Internet:<http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/maria_teresa.pdf >. Acessado em: 30 ago. 2007.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil.* S. Paulo: Contexto, 1997.

DEL PRIORE, Mary (Org.) *História das mulheres no Brasil.* S. Paulo: Contexto, 1997.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. Trad.: Maria Lúcia Machado. S. Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Diários de Carolina Martins de Mattos. Amparo: 1928-1977, 3 vol., 303 p.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. In: *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003.

DUBY, Georges, PERROT, Michele. *História das Mulheres no Ocidente: do Renascimento à Idade Moderna.* Trad.: Durães, Alda Maria et ali. Porto: Ed. Afrontamento, 1991.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Imagens da Mulher*. Trad.: Maria Manuela Marques da Silva. Porto-Portugal: Edições Afrontamento, 1992.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler no entresséculos. (1890-1930*). Rio de Janeiro: Editora TOPBOOKS, 2005.

ELIOT, Thomas Stearns. *De poesia e poetas.* São Paulo: Brasiliense, 1991.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.* Trad.: Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 14ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LACERDA, Lílian de. *Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LE GOFF, Jacques. *A história nova.* (Org.). Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. In: *Enciclopédia EINAUDI*. Lisboa, Casa da Moeda, 1984, v. 1, p. 96-106.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia EINAUDI*. Lisboa, Casa da Moeda, 1984, v. 1, p. 11-50.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet:* Org.: Jovita Maria Gerhein Noronha. Trad.: Jovita Maria Gerhein Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUZ, Madel. (Org.) *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MACIEL, Sheila Dias. *A literatura e os Gêneros Confessionais*. s/d. Disponível em na Internt:<http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf>. Acessado em: 7 dez. 2010.

MASSEY, M. *As mulheres na Grécia e Roma antigas.* Portugal: Publicações Europa-América, Ltda, 1989.

MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade histórica e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 198-228.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. *Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como género discursivo e suas transformações na contemporaneidade.* Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2002.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. O olhar condescendente. In: *Travessia*. Nº 21 – Mulher e Literatura. Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. UFSC: Florianópolis, 2º sem., 1990.

PERROT, Michelle. (Org.). *História da Vida Privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad.: Denise Bottman, partes 1 e 2; Bernardo Jiffily, partes 3 e 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história.* Trad.: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres.* Trad.: Ângela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas.* Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

POUND, Ezra Loomis. *A arte da poesia: ensaios escolhidos.* Trad.: Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. 2º ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

PROCHASSON, Christophe. "Atenção: verdade!" Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. In: *Revista de Estudos Históricos* – Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 11(21), 1998/1.

RAPUCCI, Cleide A. *Exposta ao vento e ao sol: a construção da personagem feminina na ficção de Angela Carter*. Tese de Doutorado, Unesp/Assis, 1997.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930-1973)*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1978.

SOBRINHO, Manuella Freire; ET AL.. Escrita de si contemporânea, diários íntimos e blogs: em que se aproximam, em que se distanciam e a que interessam a psicologia? *Anais do XV Encontro*

Nacional da ABRAPSO. [on line]. Maceió, out.-nov. 2009. Disponível na Internet: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=view&id=346&Itemid=96>. ISSN: 1981-4321. Acesso em 17.mai.2010.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memória de mulheres.* Belo Horizonte: Editora UFMG/Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

WOOLF, Virginia. *Kew gardens / O status intelectual da mulher / um toque feminino na ficção / profissão para mulheres.* Trad.: Patrícias de Freitas Camargo e José Arlindo F. de Castro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu.* Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZIOLI, Miguel. *Paulo Duarte (1899-1984): um intelectual nas trincheiras da memória*. Assis, 2010. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

POEMAS

<MONTEIRO, Abdiel. *Ser bom*. Disponível na Internet: <http://www.fotolog.com.br/lua_e_viola/78075392>. Acessado em: 14 abr. 2009.

Autor desconhecido. *A vitória da vida.* Disponível na Internet: <http://www.acasadoaprendiz.com.br/livro_da_vida.html>. Acessado em: 14 abr. 2009.

AZEVEDO, Arthur. Saudade. In: Cruz Filho. *O Soneto*. Rio de Janeiro: Elos, 1961 [2009], p. 147. Disponível na Internet: <http://www.elsonfroes.com.br/osoneto.pdf>. Acessado em: 14 abr. 2009.

CAMÕES, Luis de. *Soneto 19*. Disponível na Internet: <http://www.elsonfroes.com.br/sonetario/modelos.htm>. Acessado em: 14 abr. 2009.

CHAVES, Adelino da Fontoura. *Atração e Repulsão*. Disponível na Internet: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/maranhao/adelino_fontoura.html>.. Acessado em: 14 abr. 2009

COSTA, Cláudio Manoel da. *Saudade.* Disponível na Internet: <http://www.ig.com.br/paginas/novoigler/livros/poemas_escolhidos_claudio_manoel_costa/index.html>. Acessado em: 14 abr. 2009.

FERREIRA, Carlos. *Perdoar.* Disponível na Internet:<http://gacaridade.com/perdao.htm>. Acessado em: 14 abr. 2009.

FILHO, Cruz. *O Soneto.* Disponível na Internet: <http://www.elsonfroes.com.br/osoneto.pdf>. Acessado em: 14 abr. 2009.

JORGE, J. G. de Araújo. *Um dia.* Disponível na Internet: <http://www.jgaraujo.com.br/nomundo/uma_estrela_voce.htm>. Acessado em: 14 abr. 2009.

LIMA, de Augusto de. O Santo de Assis. In: XAVIER, Francisco Cândido. *Parnaso de Além-Túmulo.* P. 71-73. Disponível na Internet: <http://www.luzespirita.com/livros/franciscocandidoxavier/espiritosdiversos-parnasoalemtumulo.pdf>. Acessado em: 14 abr. 2009.

LIMA, Heitor,. *Asas.* Disponível na Internet: <http://spleenbored-minhaspoesiasfavoritas.blogspot.com/2008_09_01_archive.html>. Acessado em: 14 abr. 2009.

MATOS, Gregório de. *Meu Deus que está pendente em um madeiro.* Disponível na Internet: <http://seletadesonetos.blogspot.com/2008/06/meu-deus-que-estais-pendente-em-um.html>. Extraído de <http://pt.wikisource.org/wiki/Meu_Deus,_que_estais_pendente_em_um_madeiro>. Acessado em: 06 jun. 2008.

MORAES, Vinícius de. *Soneto de Fidelidade*. Disponível na Internet: <http://pensador.uol.com.br/poemas_vinicius_de_moraes/> Acessado em: 14 abr. 2009.

OLIVEIRA, Antonio Mariano Alberto de. *Acordando*. Disponível na Internet: <http://www.antoniomiranda.com.br/Brasilsempre/alberto_de_oliveira.html>. Acessado em: 14 abr. 2009.

PACHECO, Félix. *Estranhas Lágrimas*. Disponível na Internet: <http://andondehaespaco.blogspot.com/2008_08_01_archive.html>. Acessado em: 14 abr. 2009.

PRUDHOMME, Sully. *O Vaso Partido*. Trad.: Guilherme de Almeida. Disponível na Internet: <http://www.carmodacachoeira.net/2009/04/o-vaso-partido-um-poema-de-sully.html>. Acessado em: 14 abr. 2009.

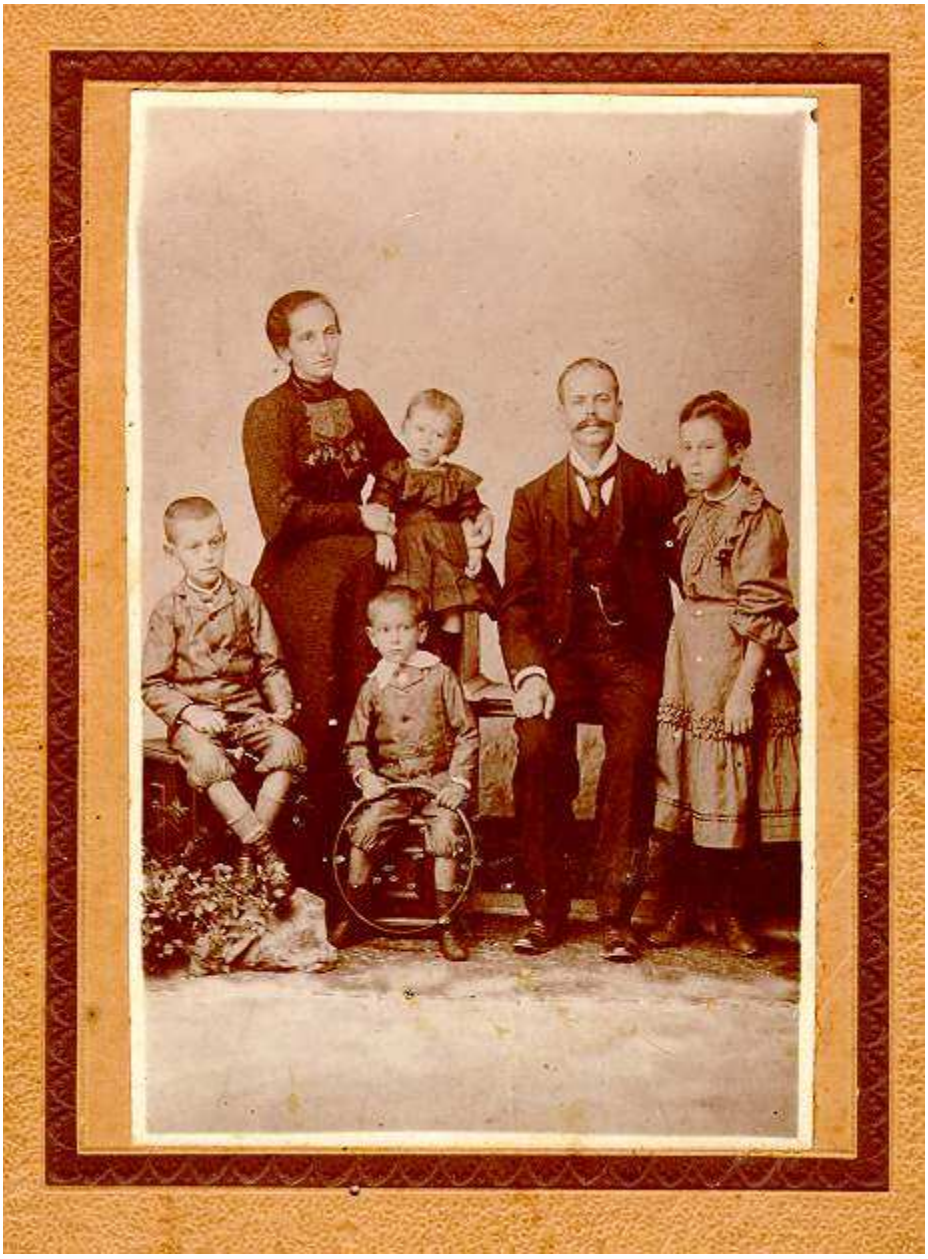
RIBEIRO, Tomás. *Súplica.* Disponível na Internet: <http://www.homeoesp.org>. <http://josemariaalves.blogspot.com/2009_12_01_archive.html>. Acessado em: 14 abr. 2009.

ROSA, Francisco Otaviano de Almeida. *Recordações.* Disponível na Internet: <http://mesquita.blog.br/francisco-otaviano-versos-na-tarde>. Acessado em: 14 abr. 2009.

SCHMIDT Augusto Frederico *Soneto XLIX*. Disponível na Internet: <http://www.revista.agulha.nom.br/afs1.html>. Acessado em: 14 abr. 2009.

ANEXO I

Carolina e sua família



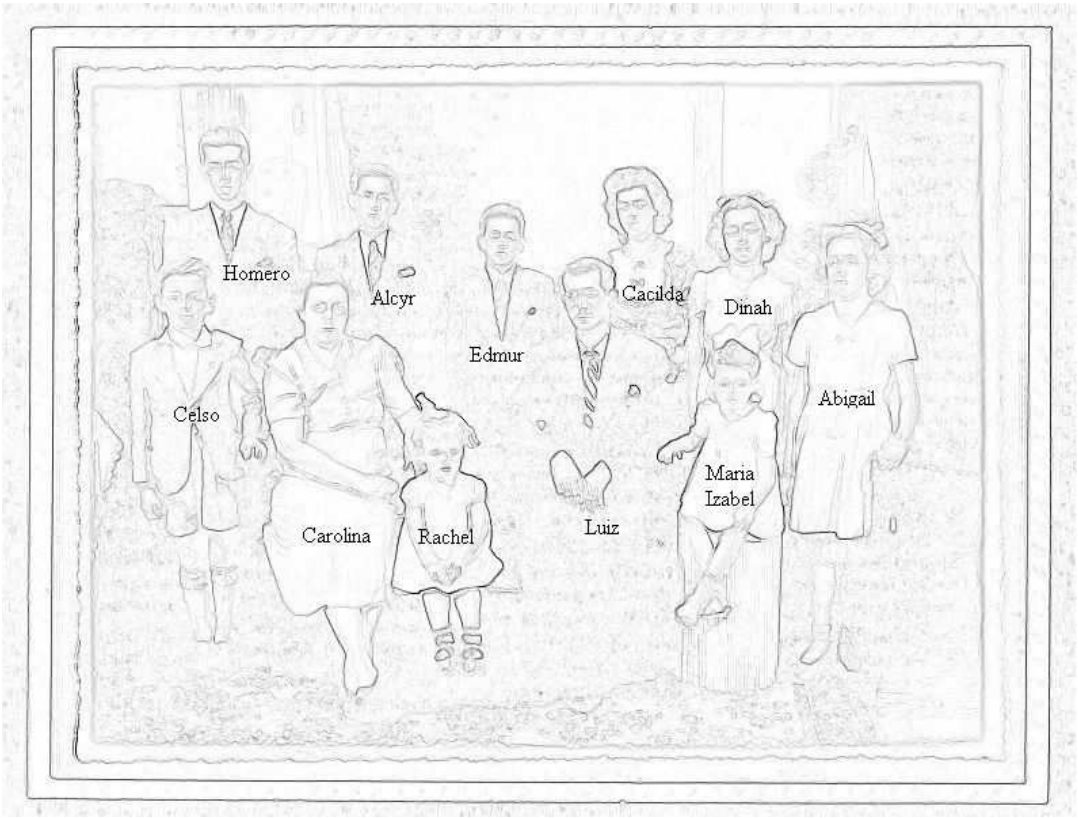
Carolina, nos braços de sua mãe, grávida, seu pai, sua irmã e seus irmãos.

Faces de Carolina

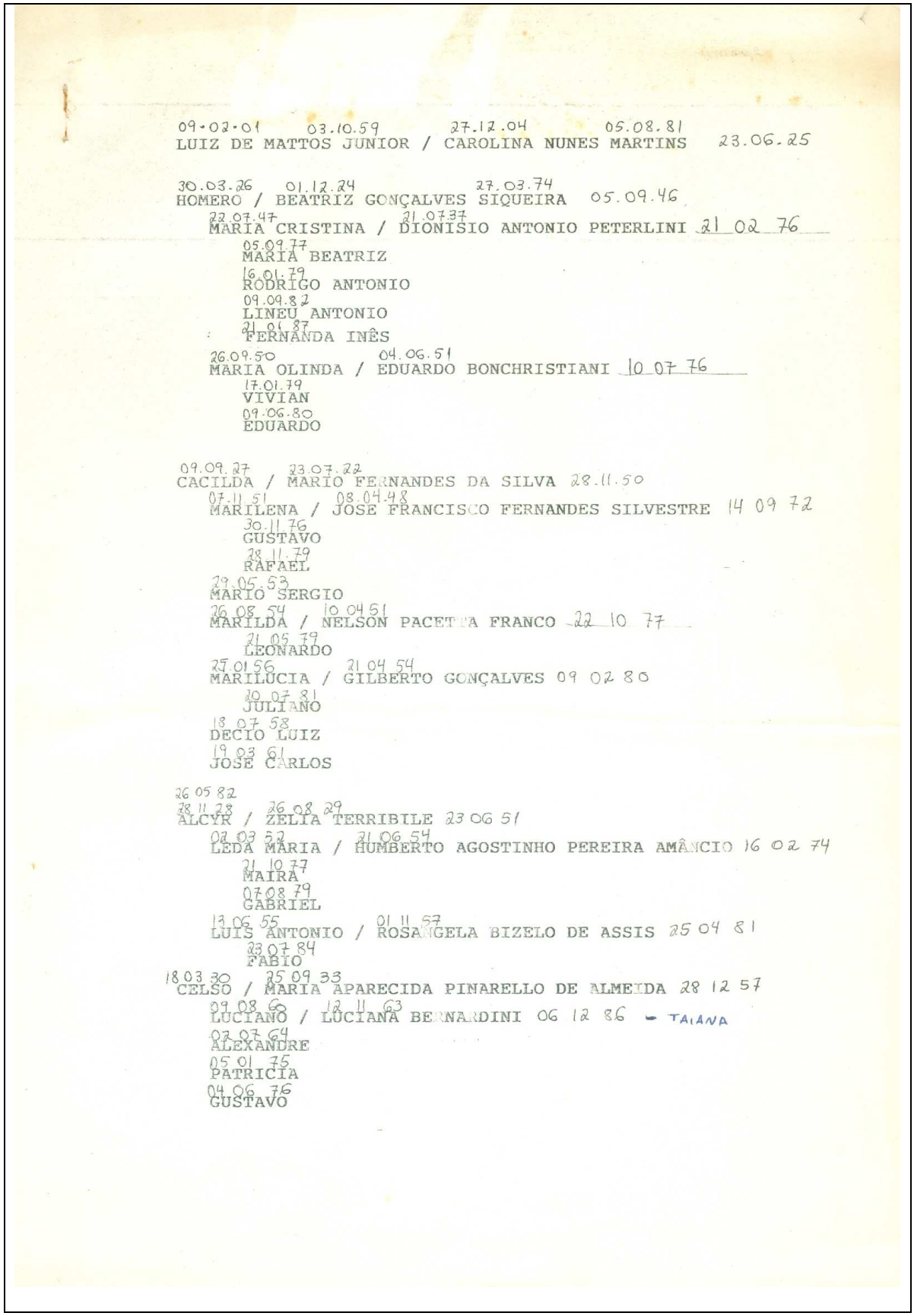
Carolina, menina, à direita

Carolina, mulher

Família Martins de Mattos



Árvore Genealógica



09.02.01 03.10.59 27.12.04 05.08.81
LUIZ DE MATTOS JUNIOR / CAROLINA NUNES MARTINS 23.06.25

30.03.26 01.12.24 27.03.74
HOMERO / BEATRIZ GONÇALVES SIQUEIRA 05.09.46
22.07.47 21.07.37
MARIA CRISTINA / DIONISIO ANTONIO PETERLINI 21 02 76
05.09.77
MARIA BEATRIZ
16.01.79
RODRIGO ANTONIO
09.09.82
LINEU ANTONIO
21.01.87
FERNANDA INÊS
26.09.50 04.06.51
MARIA OLINDA / EDUARDO BONCHRISTIANI 10 07 76
17.01.79
VIVIAN
09.06.80
EDUARDO

09.09.27 23.07.22
CACILDA / MARIO FERNANDES DA SILVA 28.11.50
07.11.51 08.04.48
MARILENA / JOSE FRANCISCO FERNANDES SILVESTRE 14 09 72
30.11.76
GUSTAVO
28.11.79
RAFAEL
29.05.53
MARIO SERGIO
26 08 54 10 04 51
MARILDA / NELSON PACETTA FRANCO 22 10 77
21.05.79
LEONARDO
27.01.56 21.04.54
MARILUCIA / GILBERTO GONÇALVES 09 02 80
10 07 81
JULIANO
18 07 58
DECIO LUIZ
19 03 61
JOSE CARLOS

26 05 82
28.11.28 26 08 29
ALCYR / ZELIA TERRIBILE 23 06 51
02 03 52 21.06.54
LEDA MARIA / HUMBERTO AGOSTINHO PEREIRA AMÂNCIO 16 02 74
21 10 77
MAIRA
07 08 79
GABRIEL
13 06 55 01 11 57
LUIS ANTONIO / ROSANGELA BIZELO DE ASSIS 25 04 81
23 07 84
FABIO
18 03 30 25 09 33
CELSO / MARIA APARECIDA PINARELLO DE ALMEIDA 28 12 57
09 08 60 12 11 63
LUCIANO / LUCIANA BERNARDINI 06 12 86 - TAIANA
02 07 64
ALEXANDRE
05 01 75
PATRICIA
04 06 76
GUSTAVO

18 06 32 12 12 33 11 06 72 09 06 26
DINAH / BRAZIL PASSOS FALLEIROS / OLAVIO JUSTI 17 03 84
27 05 57 + 04/05/87
MARIA CAROLINA
24 02 59 12 10 59
MARIA CLARA / CICERO ROCHOLLI 05 11 83
12 03 85
LIVIA
31 07 86
FLAVIA
30 05 65
AMAURI
10 03 69
CASSIANO

10 04 34 20 12 30
ABIGAIL / LAZARO DOMINGUES DE OLIVEIRA 27 12 58
01 10 59
ANA MARIA
14 04 62
EDUARDO
28 09 63 02 07 60
SANDRA REGINA / ANTONIO CESAR CHRISTOFOLETTI 28 12 84
14 03 86
LIDIA
19 03 74
JOSE FERNANDO

22 11 36 28 12 38
EDMUR / MARIA DE LOURDES BASSETO 05 07 60
06 04 62
ADRIANA
17 12 66 22 01 66
FERNANDO / MARIA RITA DE ARAUJO CUNHA 19 06 86
12 12 86
CICERO

08 02 37
07 02 37
ANTONIO

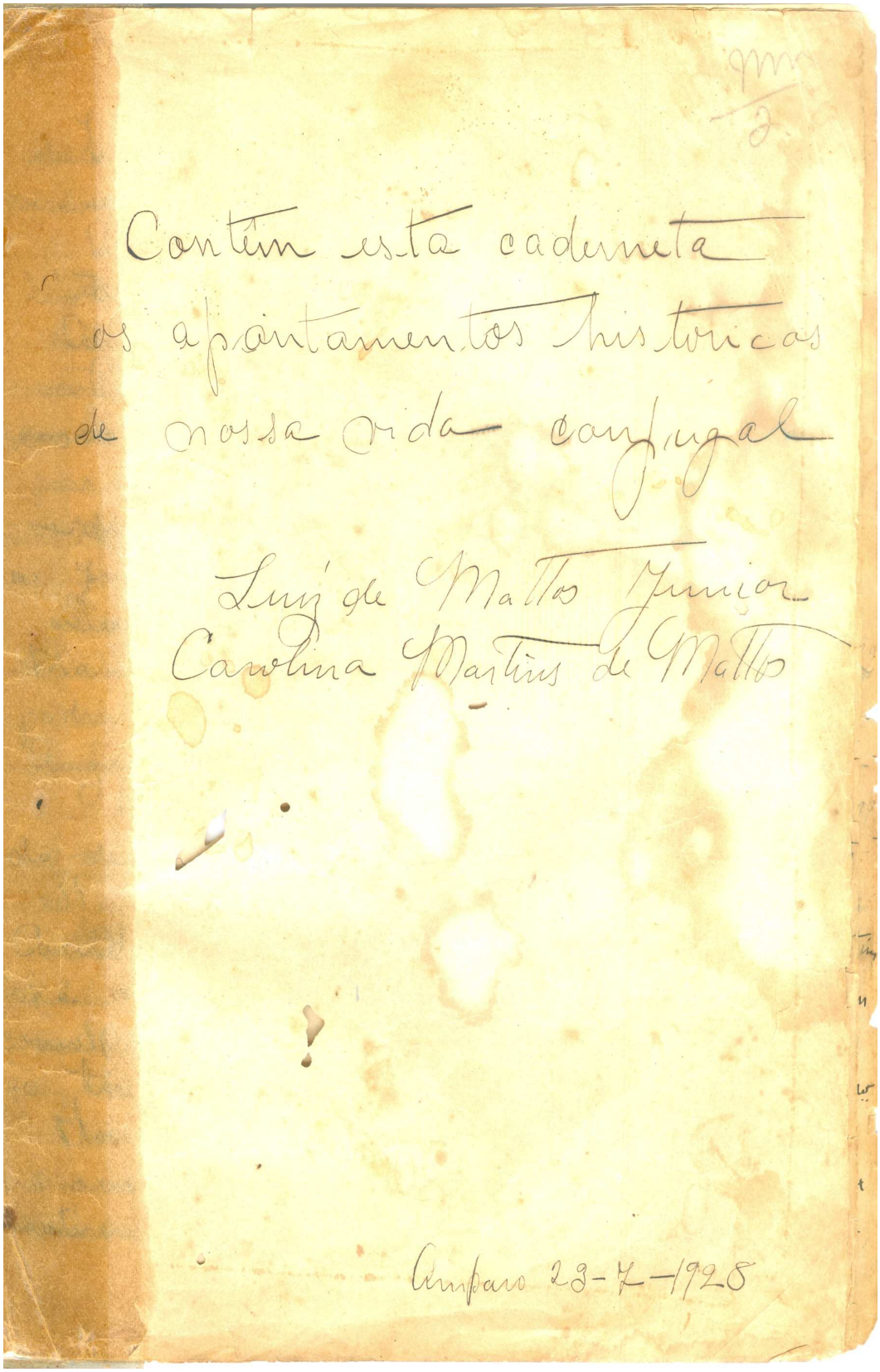
05 11 39
22 06 39
NIVALDO

09 09 67
16 11 40 06 04 36 25 12 81 27 11 33
MARIA IZABEL / LUIS DA COSTA VEIGA / JOSE OSCAR SIQUEIRA GONÇALVES
10 09 68 26 04 8
ROGERIO - ? - MURILO
26 03 71
RENATA

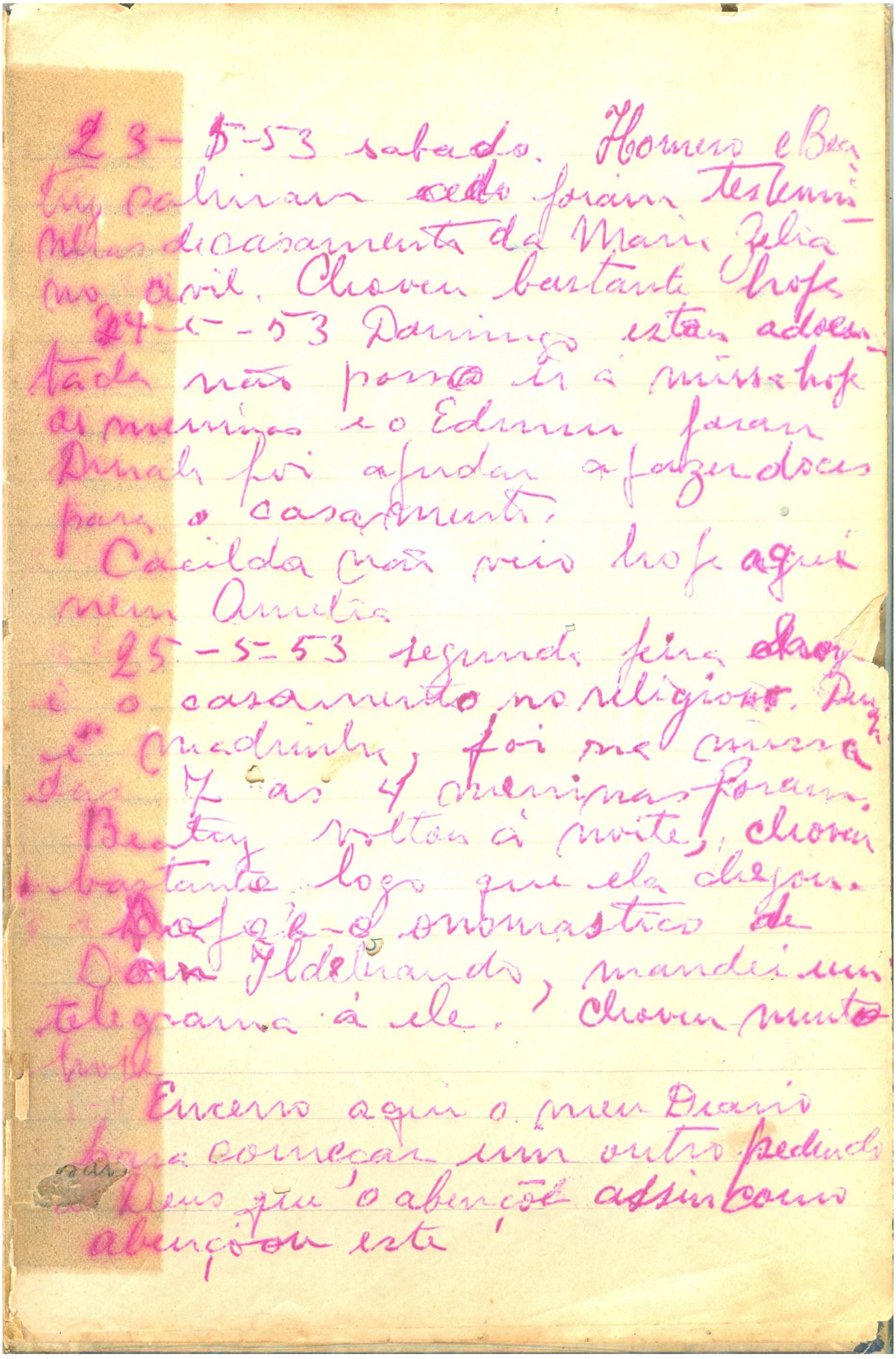
02 04 42 23 10 40
RACHEL / CELIO ZERI 25 07 70
15 08 71
ANA CAROLINA
17 09 73
DEBORA REGINA
13 01 76
LUIS MARCELO
23 11 81
MARCO AURELIO

13.01.87

Diários de Carolina



A abertura dos diários



23- 5-53 sabado. Homero e Beatriz casaram-se? foram testemunhas do casamento da Maria Julia no civil. Choveu bastante hoje.

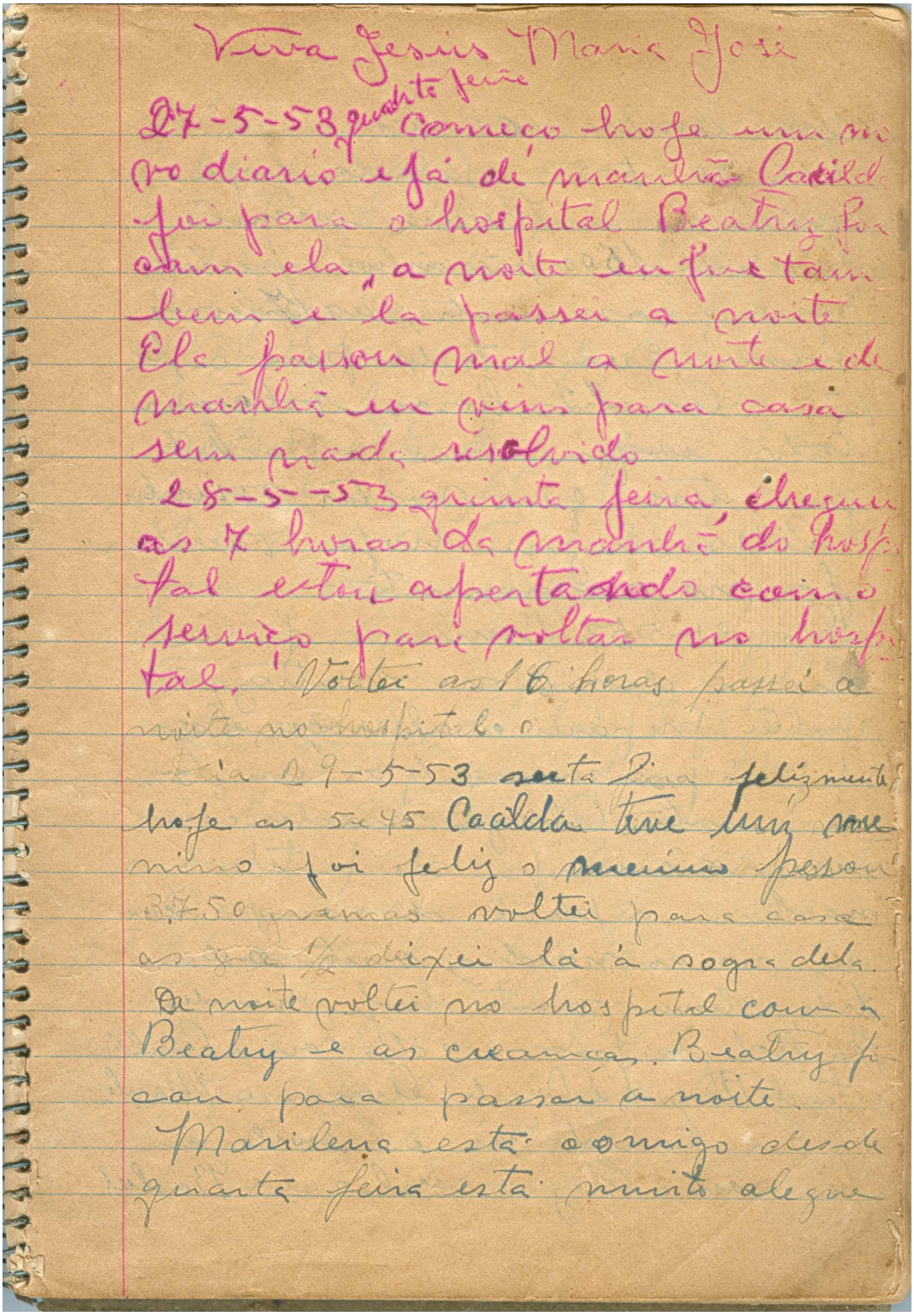
24-5-53 Domingo estou adoentada não posso ir à missa hoje as meninas e o Edmur foram Dinah foi ajudar a fazer doces para o casamento.

Cacilda não veio hoje aqui nem Amelia

25-5-53 segunda feira Hoje é o casamento no religioso. Dinah é madrinha, foi na casa da noiva as 4 horas. Beatriz voltou à noite, choveu bastante. Logo que ela chegou, Hoje à noite o onomastico de Dom Ildefonso, mandei um telegrama à ele, Choveu muito hoje

Encerro aqui o meu Diario para começar um outro pedindo a Deus que o abençoe assim como abençoou este

Seu pedido de bênçãos para o próximo volume



Viva Jesus Maria José

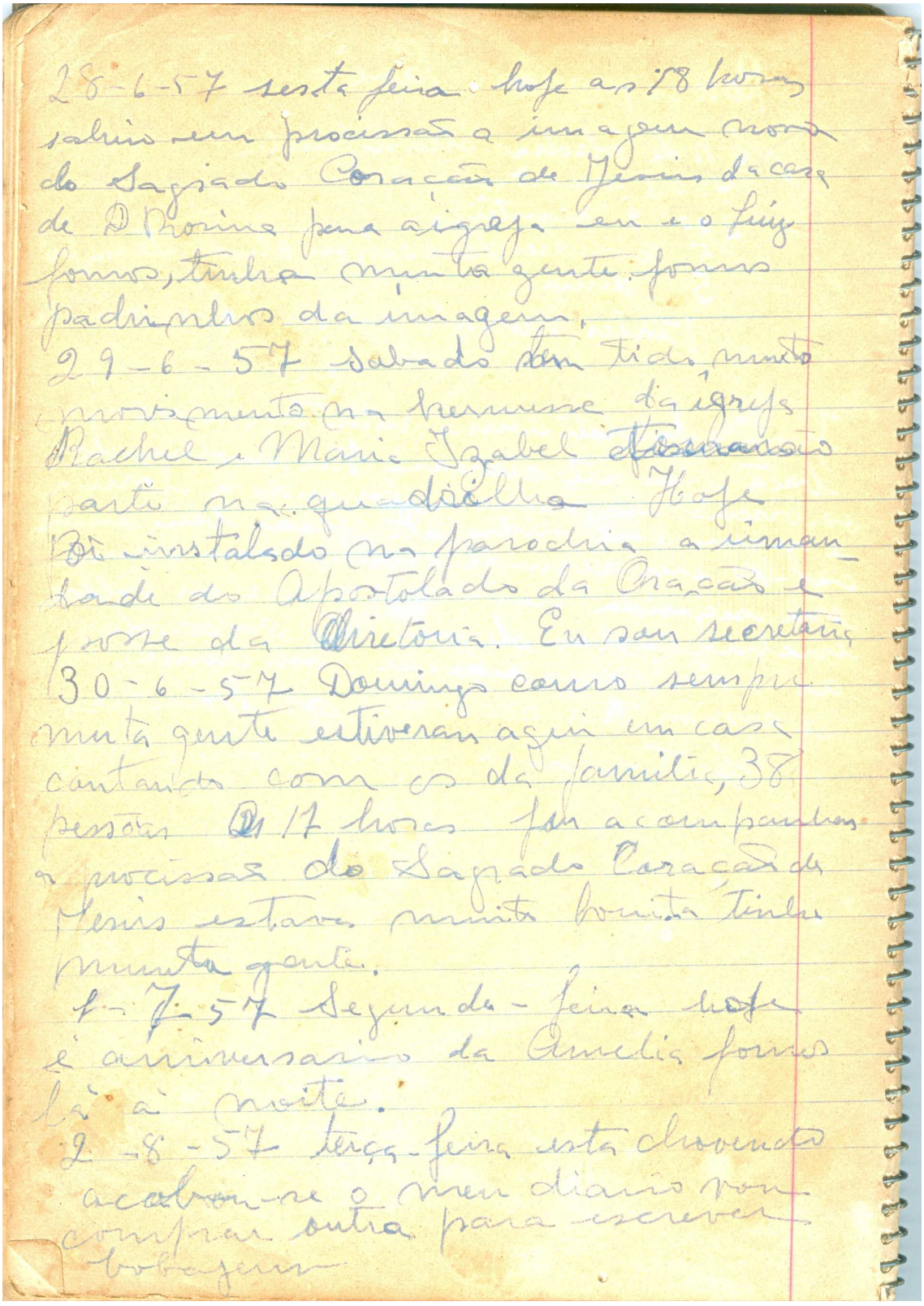
27-5-53 quarta feira Começo hoje um novo diario e já de manhã Caldinha foi para o hospital Beatriz foram ela, a noite eu fui tambem e la passei a noite Ele passou mal a noite e de manhã eu vim para casa sem nada resolvido

28-5-53 quinta feira eu cheguei as 7 horas da manhã do hospital estou apertando com o serviço para voltar no hospital. Voltei as 16 horas passei a noite no hospital.

Sexta 29-5-53 feira felizmente hoje as 5:45 Caldinha teve um menino foi feliz o menino pesou 3.750 gramas voltei para casa as 9 e ½ deixei lá à sogra dela. De noite voltei no hospital com a Beatriz e as crianças. Beatriz ficou para passar a noite.

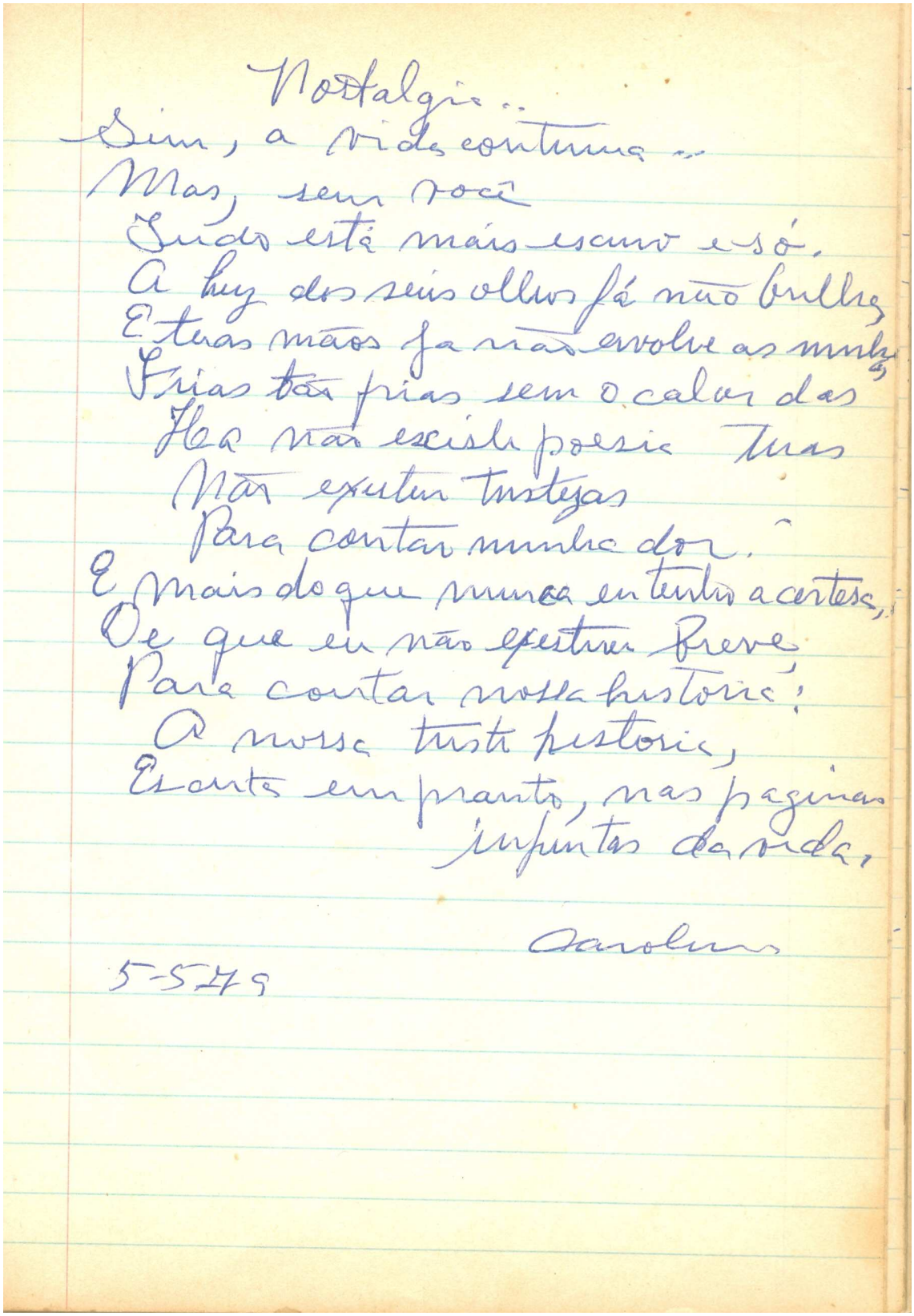
Marilena está comigo desde quarta feira está muito alegre

O novo volume



28-6-57 sexta feira hoje as 18 horas
saiu em procissão a imagem nova
do Sagrado Coração de Jesus da casa
de D Rosina para a igreja em e o filho
foram, tinha muita gente. foram
padrinhos da imagem.
29-6-57 Sabado bem tido, muito
movimento na Secretaria da igreja
Rachel e Maria Izabel trabalharão
parte na quadrilha. Hoje
foi instalado na parochia a Irmandade do Apostolado da Oração e
posse da Diretoria. Eu sou secretaria
30-6-57 Domingo como sempre
muita gente estiveram aqui em casa
cantando com os da familia, 38
pessoas. As 17 horas fui acompanhar
a procissão do Sagrado Coração de
Jesus estava muito bonita tinha
muita gente.
1-7-57 Segunda-feira hoje
é aniversario da Amelia fomos
lá à noite.
2-8-57 terça-feira esta chovendo
acabou-se o meu diario vou
comprar outra para escrever
bobagens

Escrevendo bobagem

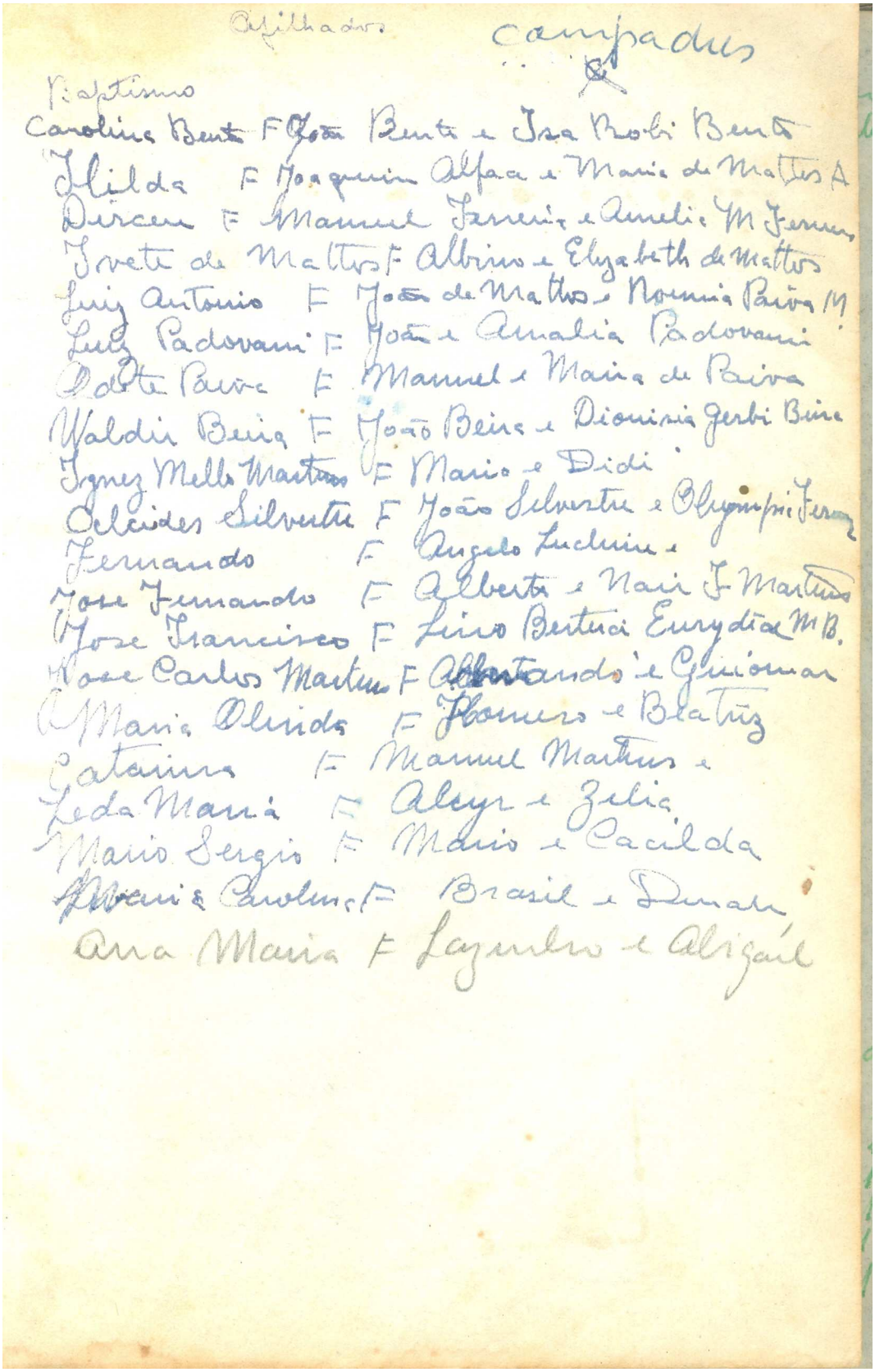


Nostalgia...
Sim, a vida continua...
Mas, sem você
Tudo está mais escuro e só.
A luz dos seus olhos já não brilha,
E teus mãos já não envolve as minhas,
Frias tão frias sem o calor das
Flor não escrita poesia Tuas
Não exultem tristezas
Para contar minha dor.
E mais do que nunca entendo a certeza,
De que eu não escrever Breve
Para contar nossa historia;
A nossa triste historia,
E canto em pranto, nas paginas
Imfintas da vida,

Carolina

5-5-79

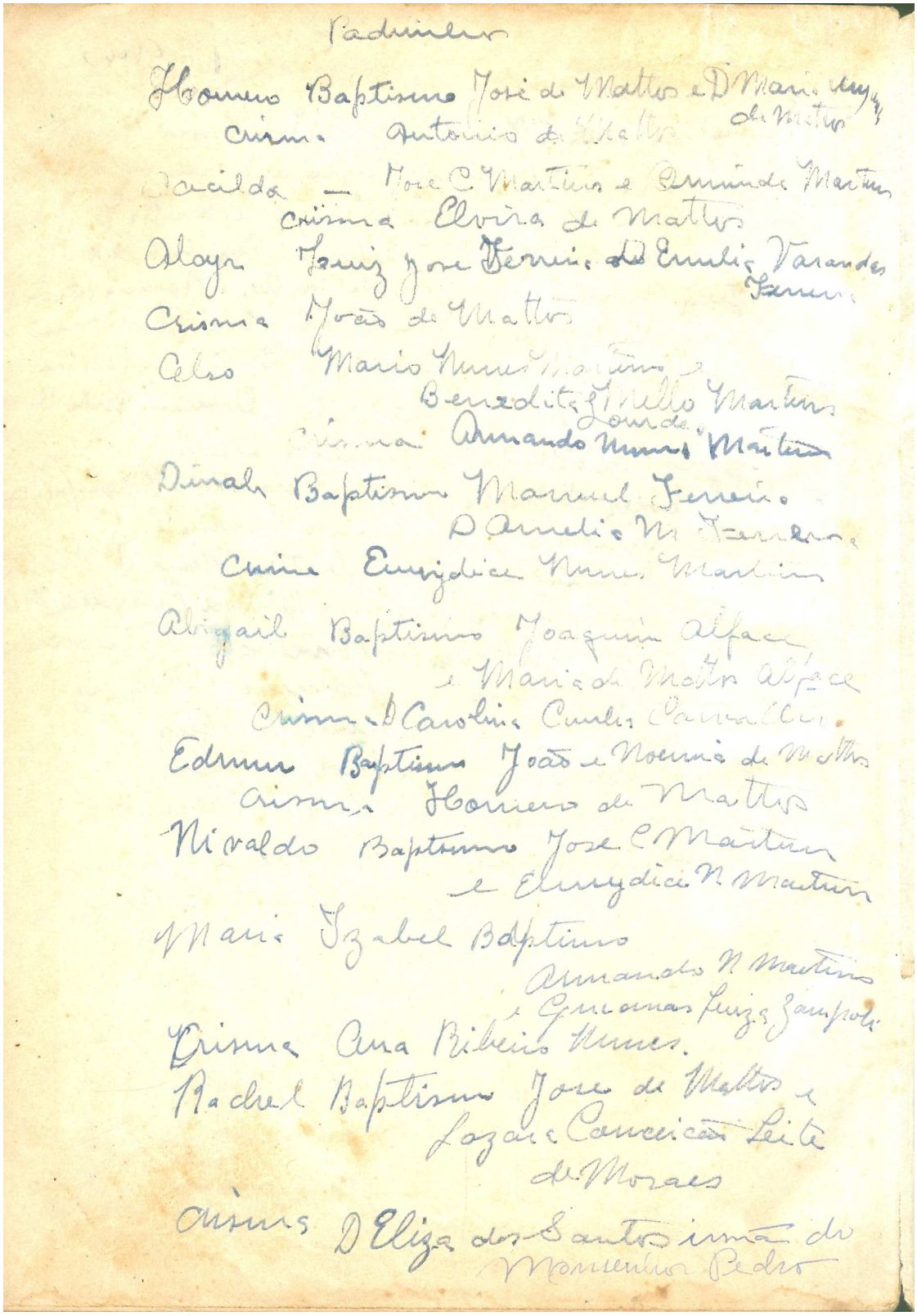
Seu último poema


Afilhados. Compadres

Baptismo

Carolina Bento F José Bento e Isa Rocki Bento
Hilda F Joaquim Alfaia e Maria de Mattos A
Dircen F Manuel Ferreira e Amelia M Ferreira
Ivete de Mattos F Albino e Elyzabeth de Mattos
Luiz Antonio F José de Mattos e Norma Paiva M.
Luiz Padovani F José e Amalia Padovani
Odete Paiva F Manuel e Maria de Paiva
Waldir Beira F João Beira e Dionisia Gerbi Beira
Ignez Mello Martins F Mario e Didi
Odeides Silveira F João Silveira e Olympia Ferreira
Fernando F Angelo Luchini e
José Fernando F Alberto e Nair F. Martins
José Francisco F Luiz Bertucci Eurydice M B.
José Carlos Martins F Alberto Fernando e Guiomar
Maria Olinda F Flores e Beatriz
Catarina F Manuel Martins e
Leda Maria F Alcyr e Zelia
Mario Sergio F Mario e Cacilda
Marcia Carolina F Brasil e Dinah
Ana Maria F Lazaro e Abigail

Seus afilhados e compadrescos


Padrinhos

Homero Baptismo José de Mattos e D. Maria [illegible] de Mattos

Crisma Antonio de Mattos

Jacilda — José C. Martins e Amanda Martins

Crisma Elvira de Mattos

Alayr Luiz José Ferreira [illegible] Emilia Tavares Ferreira

Crisma Moraes de Mattos

Celso Mario Nunes Martins e Benedita Coelho Martins

Crisma Armando Nunes Martins

Dinah Baptismo Manuel Ferreira e D. Amelia N. Ferreira

Crisma Euzydice Nunes Martins

Abigail Baptismo Joaquim Alfaia e Maria de Mattos Alfaia

Crisma D. Carolina Cunha Carvalho

Edmur Baptismo Joaquim e Noemia de Mattos

Crisma Homero de Mattos

Nivaldo Baptismo José C. Martins e Eurydice N. Martins

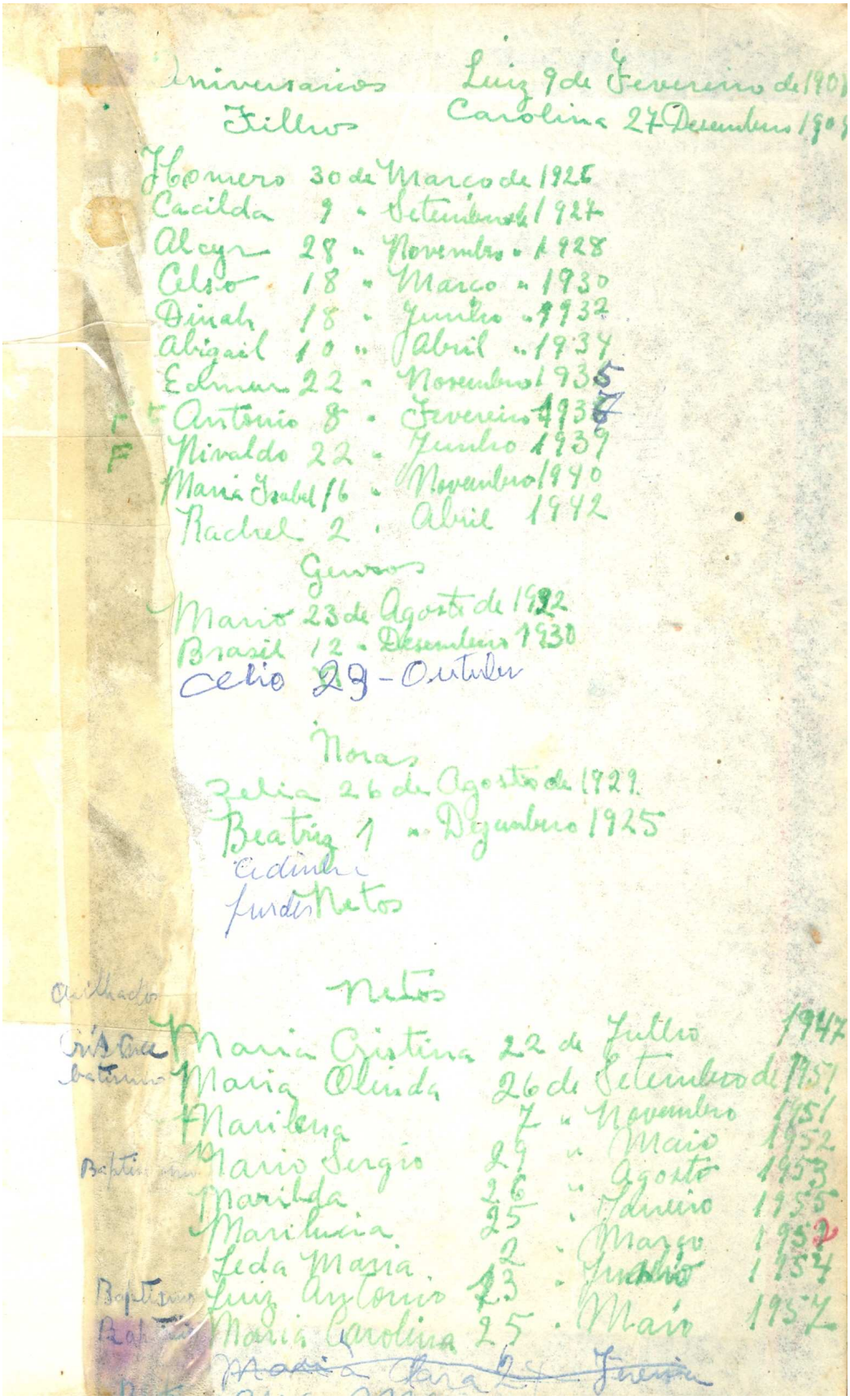
Maria Izabel Baptismo Armando N. Martins e Germanas Luiz Gonçalves

Crisma Ana Ribeiro Nunes.

Rachel Baptismo José de Mattos e Lazara Conceição Leite de Moraes

Crisma D. Eliza dos Santos irmã de Mercedes Pedro

Os apadrinhamentos de seus filhos



Aniversários
Luiz 9 de Fevereiro de 1901
Carolina 27 Dezembro 1904

Filhos

Homero 30 de Março de 1925
Cacilda 9 " Setembro " 1927
Alcyr 28 " Novembro " 1928
Celso 18 " Março " 1930
Dinah 18 " Junho " 1932
Abigail 10 " Abril " 1934
Edmar 22 " Novembro 1935
Antonio 8 " Fevereiro 1937
Nivaldo 22 " Junho 1939
Maria Isabel 16 " Novembro 1940
Rachel 2 " Abril 1942

Genros

Mario 23 de Agosto de 1922
Brasil 12 " Dezembro 1930
Celio 29 - Outubro

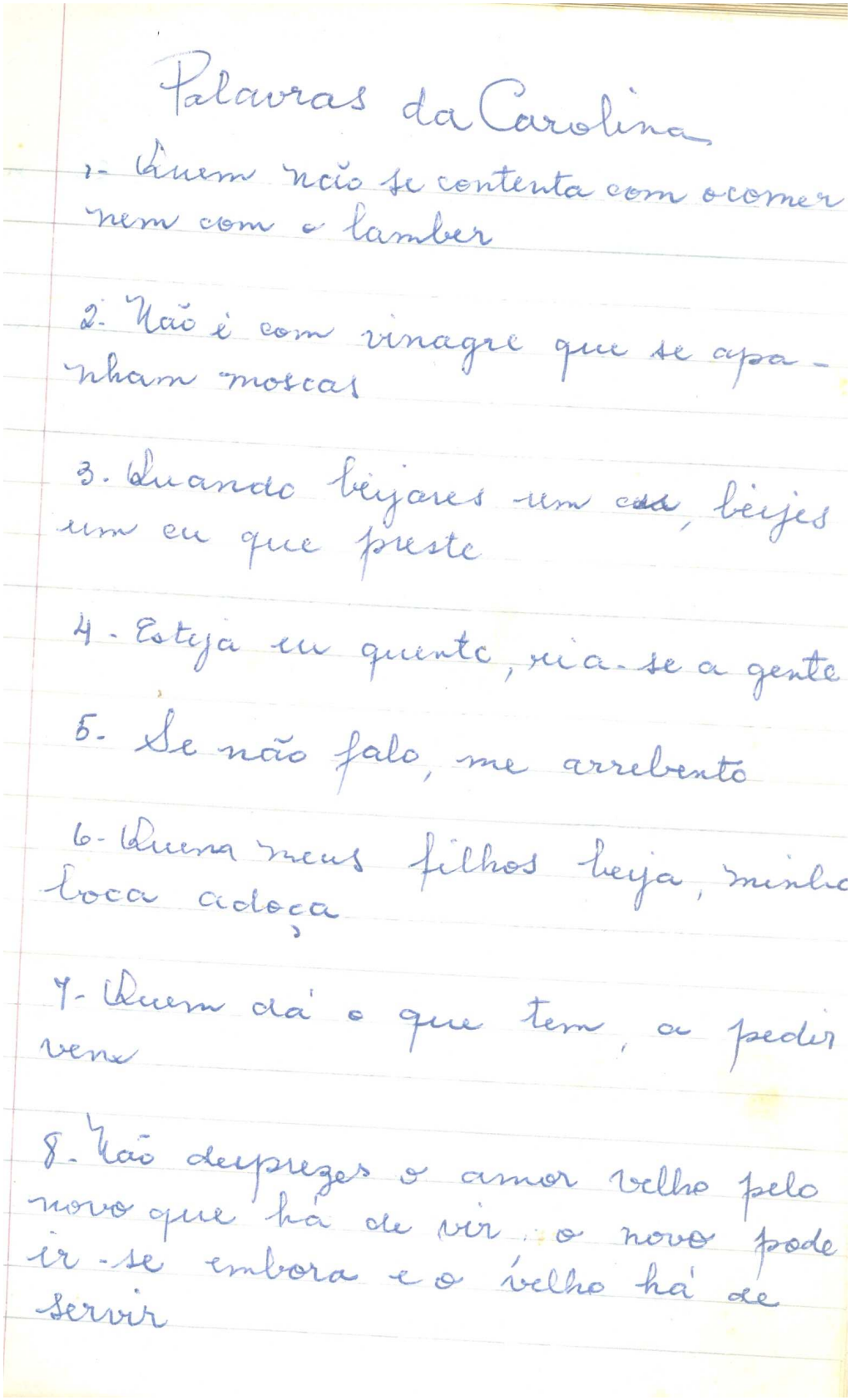
Noras

Zelia 26 de Agosto de 1929.
Beatriz 1 " Dezembro 1925
Cidinha
Jurandir Netos

Netos

Maria Cristina 22 de Julho 1947
Maria Olinda 26 de Setembro de 1951
Marilena 7 " Novembro 1951
Mario Sergio 29 " Maio 1952
Marilda 26 " Agosto 1953
Marilucia 25 " Janeiro 1955
Leda Maria 2 " Março 1952
Luiz Antonio 23 " Junho 1954
Maria Carolina 25 " Maio 1954
~~Maria Clara 24 Janeiro~~

Os aniversários



Palavras da Carolina

1- Quem não se contenta com o comer nem com o lamber

2- Não é com vinagre que se apanham moscas

3- Quando beijares um ~~cão~~, beijes um eu que preste

4- Estaja eu quente, ria-se a gente

5- Se não falo, me arrebento

6- Quem meus filhos beija, minha boca adoça

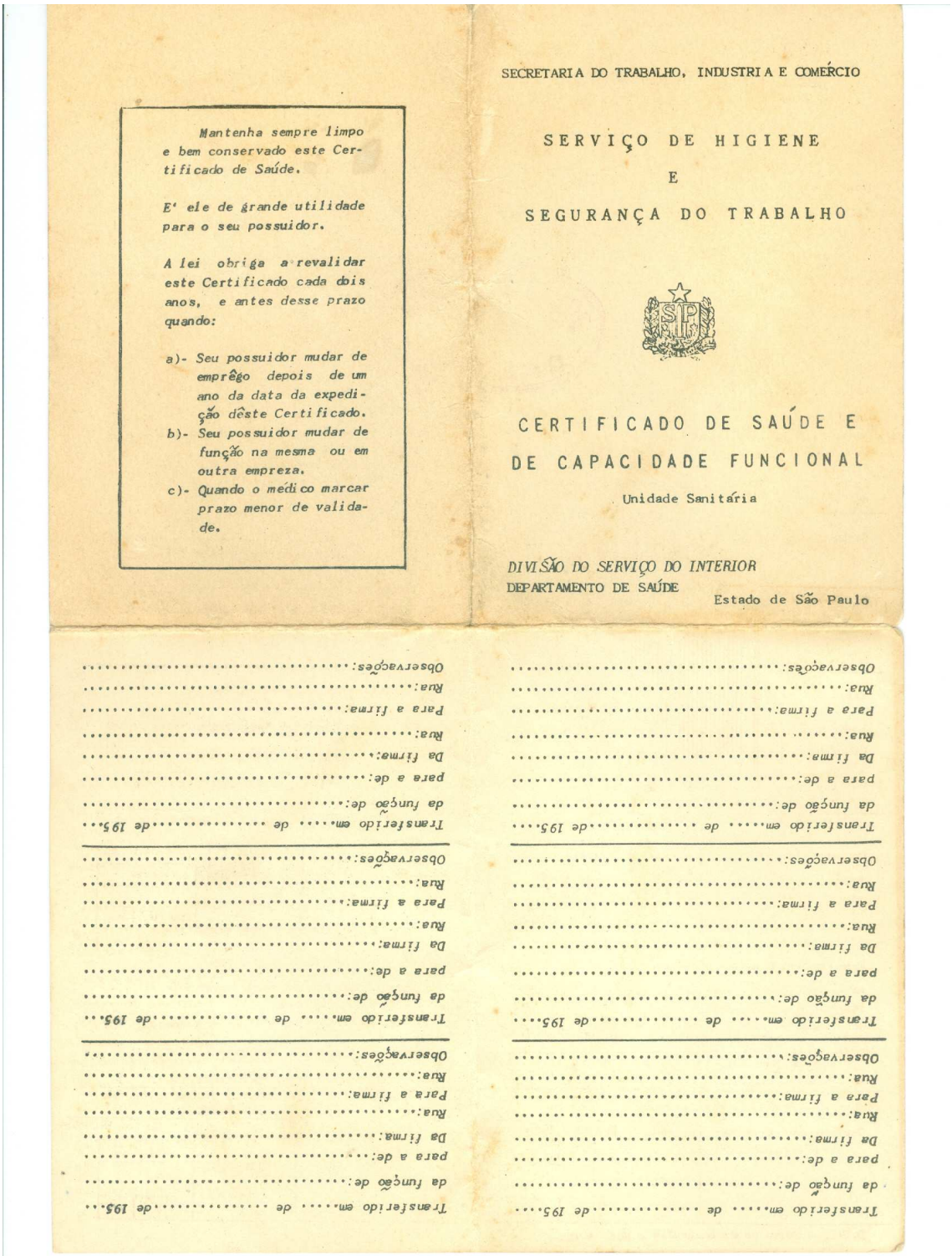
7- Quem dá o que tem, a pedir vem

8- Não desprezes o amor velho pelo novo que há de vir: o novo pode ir-se embora e o velho há de servir

Dizeres de Carolina

Suas palavras no caderno criado por Zélia, sua nora, esposa de Alcyr

Identidades de Carolina



SECRETARIA DO TRABALHO, INDUSTRIA E COMÉRCIO

SERVIÇO DE HIGIENE

E

SEGURANÇA DO TRABALHO

CERTIFICADO DE SAÚDE E

DE CAPACIDADE FUNCIONAL

Unidade Sanitária

DIVISÃO DO SERVIÇO DO INTERIOR

DEPARTAMENTO DE SAÚDE

Estado de São Paulo

Mantenha sempre limpo e bem conservado este Certificado de Saúde.

E' ele de grande utilidade para o seu possuidor.

A lei obriga a revalidar este Certificado cada dois anos, e antes desse prazo quando:

a)- *Seu possuidor mudar de emprêgo depois de um ano da data da expedição dêste Certificado.*

b)- *Seu possuidor mudar de função na mesma ou em outra empreza.*

c)- *Quando o médico marcar prazo menor de validade.*

Transferido em..... de ..... de 195...

da função de:.....

para a de:.....

Da firma:.....

Rua:.....

Para a firma:.....

Rua:.....

Observações:.....

Transferido em..... de ..... de 195...

da função de:.....

para a de:.....

Da firma:.....

Rua:.....

Para a firma:.....

Rua:.....

Observações:.....

Transferido em..... de ..... de 195...

da função de:.....

para a de:.....

Da firma:.....

Rua:.....

Para a firma:.....

Rua:.....

Observações:.....

Transferido em..... de ..... de 195...

da função de:.....

para a de:.....

Da firma:.....

Rua:.....

Para a firma:.....

Rua:.....

Observações:.....

SECRETARIA DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SERVIÇO DE HIGIENE E SEGURANÇA DO TRABALHO

CERTIFICADO DE SAÚDE E CAPACIDADE FUNCIONAL

N. 282-55

Série:.....

PROFISSIONAL Nº.....SÉRIE.....

CARTEIRA IDENTIDADE Nº.....

Validade: 20-5-56 (Dia | Mês | Ano)

NOME: Carolina Martins de Matos SEXO: F.

NACIONALIDADE: Brasil NATURALIDADE: Amparo

FILIAÇÃO PAE: José Ferreira Martins

MÃE: Izaltina Dumes Martins

NASCIDO EM 21 de 12 de 905 IDADE: 50 ANOS

ESTADO CIVIL: Casa COR: B PROFISSÃO: Costureira

FIRMA: Luiz de Matos & Filhos ENDEREÇO: 13 de maio 3210

SEÇÃO ONDE TRABALHA: Pensas NATUREZA DO TRABALHO: Pensas

Foi vacinado contra a varíola. Exame Roentgenfotográfico nº ..... Código.....

Certifico que, nesta data, Carolina Martins de Matos possuidor deste certificado foi considerado apto, sob o ponto de vista do médico, para o exercício da profissão declarada, não tendo sido verificada nenhuma incompatibilidade com o trabalho motivada por moléstia contagiosa, repugnante, crônica ou incurável, defeito físico, def. mental, anormalidade dos sentidos, da visão e da audição, debilidade geral ou outras perturbações da saúde.

CENTRO DE SAÚDE PARO

Observações:.....

Data..... Campos 20-5-1955

Carimbo, sêlo e visto

ass. Médico Higienista

ass. do Radiologista

ass. do Médico Autorizado

ass. do Diretor do Centro Emissor

VALIDAÇÕES

Exame médico e revacinação procedida em.....de.....de 195.....

Exame Roentgenfotográfico nº.....Código.....

Observações:.....

ass. do Radiologista Data.....

ass. Médico Higienista

ass. do Médico Autorizado

Carimbo, sêlo e visto

ass. do Diretor Centro Emissor

Validade (Dia | Mês | Ano)

Exame médico e revacinação procedida em.....de.....de 195.....

Exame Roentgenfotográfico nº.....Código.....

Observações:.....

ass. do Radiologista Data.....

ass. Médico Higienista

ass. do Médico Autorizado

Carimbo, sêlo e visto

ass. do Diretor Centro Emissor

Validade (Dia | Mês | Ano)

Exame médico e revacinação procedida em.....de.....de 195.....

Exame Roentgenfotográfico nº.....Código.....

Observações:.....

ass. do Radiologista Data.....

ass. Médico Higienista

ass. do Médico Autorizado

Carimbo, sêlo e visto

ass. do Diretor Centro Emissor

Validade (Dia | Mês | Ano)

Exame médico e revacinação procedida em.....de.....de 195.....

Exame Roentgenfotográfico n..... .Código.....

Observações:.....

ass. do Radiologista Data.....

ass. Médico Higienista

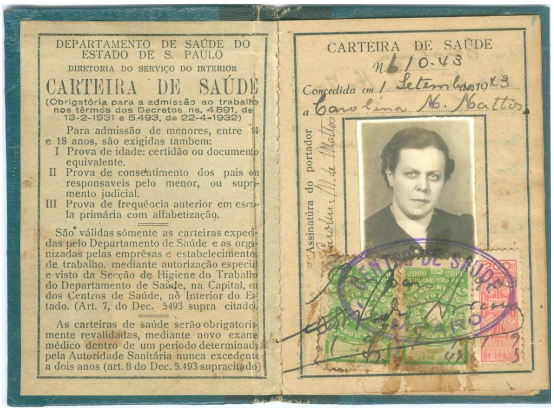
ass. do Médico Autorizado

Carimbo, sêlo e visto

ass. do Diretor Centro Emissor

Validade (Dia | Mês | Ano)

D.S.I. – Seção de Mecanografia – Mod. A 75



DEPARTAMENTO DE SAÚDE DO ESTADO DE S. PAULO

DIRETORIA DO SERVIÇO DO INTERIOR

CARTEIRA DE SAÚDE

(Obrigatória para a admissão ao trabalho nos têrmos dos Decretos ns. 4891, de 13-2-1931 e 5493, de 22-4-1932)

Para admissão de menores, entre 14 e 18 anos, são exigidas tambem:

I Prova de idade: certidão ou documento equivalente.

II Prova de consentimento dos pais ou responsaveis pelo menor, ou suprimento judicial.

III Prova de frequência anterior em escola primária com alfabetização.

São válidas sòmente as carteiras expedidas pelo Departamento de Saúde e as organizadas pelas emprêsas e estabelecimentos de trabalho, mediante autorização especial e visto da Secção de Higiene do Trabalho do Departamento de Saúde, na Capital, ou dos Centros de Saúde, no Interior do Estado. (Art. 7, do Dec. 5493 supra citado).

As carteiras de saúde serão obrigatoriamente revalidadas, mediante novo exame médico dentro de um periodo determinado pela Autoridade Sanitária nunca excedente a dois anos (art. 8 do Dec. 5.493 supracitado)

CARTEIRA DE SAÚDE

N. 610.43

Concedida em 1 Setembro 1943

a Exma. M. Martins

Assinatura do portador

INSTITUTO DE APOSENTADORIA E PENSÕES DOS COMERCIÁRIOS

DELEGACIA NO Est. de S. Paulo

SEGURO - MORTE N.º 15 456

INICIO 3.10.59

NOME DO PENSIONISTA CAROLINA MARTINS DE MATTOS

NACIONALIDADE - brasileira

ESTADO CIVIL viuva

DATA DO NASCIMENTO 27.12.895

EXPEDIDA EM 11.10.61

ASSINATURA DO PENSIONISTA

VISTO

AGENTE

AG-25470

F-310-D.A.B. 50.000-10/49

Carteira de Identidade Católica

Data 17-5-60

Nome Carolina M. de Mattos

Endereço Rua Riachuelo 95

Telefone 244 Amparo

Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós

Identidades de Luís

MINISTÉRIO DA GUERRA

(1) 2a. R. M. (1) 5a. C. R.

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 3ª CATEGORIA

Nº 16428 Série A (3)

Certifico que o cidadão LUIZ DE MATOS, (1) *da classe de* 1901, (1) *alistado no ano de* 1922 (1) *e sorteado no ano de* 1922, (1) *pelo município de* Amparo, (1) *Estado* São Paulo, (1) *é considerado reservista de 3ª categoria.*

A) Identificação

Filho de Luiz de Matos (1)

e de Maria Augusta (1)

Natural de — *Estado* São Paulo (1); *Município* Amparo (1); *Cidade (lugar)* idem (1)

Data de nascimento 9-II-1901 (1)

Vacinado? *Lê?* sim *Escreve?* sim (1)

Profissões sucessivas Lavrador (1)

Especialidade (1)

Outras notas (1 ou 2)

Côr Branca (1)
Cabelo Castanhos (1)
Olhos Castanhos (1)
Altura 1,70m. (1)
Nariz Reto (1)
Rosto Comprido (1)
Bôca Regular (1)
Sinais particulares Não tem. (1)

Impressão digital (polegar direito) (4)

(Assinatura do reservista) (2)

B) Mobilização

Vai residir em Campinas Est. de São Paulo. (1)
(Cidade e, se possível, rua e número)

Em caso de mobilização deverá apresentar-se — *Cidade (lugar)* (1); *No dia* de mobilização. (1)

W.R.J. Esct.-

(1) Ribeirão Preto, 11 de Abril de 1946

(Ass.) Carlos de Mello Resende
Chefe da 5a. C. R.

OBSERVAÇÕES:

A) Êste certificado poderá ser substituído oportunamente pela caderneta correspondente.

B) Em caso de mobilização o reservista deverá apresentar-se à autoridade local (civil, si aí não houver guarnição militar), a fim de obter meio de transporte até o lugar do Centro de Mobilização que lhe foi atribuído.

(1) Preenchido pela Chefia da Circunscrição de Recrutamento.
(2) Preenchido pelo reservista, si souber ler e escrever.
(3) Número de ordem dado pela Diretoria de Recrutamento.
(4) Tomada na sede da Circunscrição de Recrutamento, ou da Junta de Alistamento, e autenticada com o respectivo carimbo.

PROTOCOLO Nº 4706/45 5a C. R.

5ª C. RECRUTAMENTO FICHADO EM 16 DE 4 DE 1946

2 A R M 5ª C R REPARTIÇÃO ESTADORA AMPARO

A presente certidão só terá valor depois de selada com Cr.$ 10,00 em estampilhas da Taxa Militar e inutilizadas pelas Repartições Alistadoras (J.A.M.), de acordo com o Dec. N. 8.981 de 12-3-1942

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

TITULO DE ELEITOR

1ª VIA

ESTADO DE SÃO PAULO

(Modêlo aprovado pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral)

Rio — Imprensa Nacional — 1932

Exercicio do voto

Em 3 de Maio de 1933

Presidente da Mesa Eleitoral

Exercicio do voto

Em 1º de Outubro de 1934

Presidente da Mesa Eleitoral

Exercicio do voto

Em 15 de Março de 1936

Presidente da Mesa Eleitoral

Exercicio do voto

Em ..... de ..... de 193....

Presidente da Mesa Eleitoral

Exercicio do voto

Em ..... de ..... de 193....

Presidente da Mesa Eleitoral

Exercicio do voto

Em ..... de ..... de 193....

Presidente da Mesa Eleitoral

Exercicio do voto

Em ..... de ..... de 193....

Presidente da Mesa Eleitoral

Exercicio do voto

Em ..... de ..... de 193....

Presidente da Mesa Eleitoral.

Transferencias

N. .....
(Dado no Tribunal Regional)

TITULO DE ELEITOR

ESTADO DE SÃO PAULO

16ª zona Amparo
(Município)

Domicilio eleitoral Amparo
Número de ordem da inscrição 344
Data da inscrição no cartorio 27-1-933

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (por extenso)
Luiz de Mattos

Qualificativos

Filiação Luiz de Mattos
Naturalidade Brasileira
Idade 31 anos — Data do nascimento 7 de Fevereiro de 1901
Estado civil Casado
Profissão Commerciante

Luiz de Mattos
ASSINATURA DO ELEITOR

Guilherme de Oliveira J.S.

O presente titulo é expedido de acôrdo com o Codigo Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Estado de São Paulo e recebeu o número ..... aos ..... dias do mês de ..... do ano de mil novecentos e trinta e .....

Diretor da Secretaria

CARIMBO
1º Tabellião
AMPARO

Formula dactiloscopica

Polegar direito

PREFEITURA MUNICIPAL

AMPARO

N.º 113

CARTA DE COCHEIRO

Signaes caracteristicos

Estatura alta

Nacionalidade brasileira

Idade 21 annos

Côr [illegible]

Cabellos castanhos

Olhos pretos

Observações:

O veiculo que guia é de sua propriedade.

Raul Barbosa

O Prefeito Municipal desta cidade, abaixo assignado, concede permissão ao cidadão Luiz de Mattos Junior para como cocheiro guiar vehiculo de um animaes, visto ter provado aptidão para exercer aquelle serviço.

Eu, Octavio [illegible], secretario da Camara o escrevi.

Amparo, 31 de Janeiro de 19[illegible]

O Prefeito Municipal,

[illegible]

Registrada no livro competente fls.

30

SECRETARIA AMPARO - EST. S. PAULO

Ausência

A Lembrança de Nivaldo

Suas Bodas de Prata

CASAMENTO DA SS. VIRGEM

19

Dignai-vos, Senhor vos pedimos, acompanhar com os favores de vossa bondade as instituições de vossa providencia, e conservar em longa paz aquêles que unis em legítima sociedade. Amem.

Recordação
das
BODAS DE PRATA
de
Luiz de Mattos
e
Carolina Martins de Mattos

23-6-25
23-6-50

Os homens de Carolina

Luiz, seu esposo

Carolina e seus filhos varões

Celso, Edmur, Alcyr e Homero, sentado

Doces memórias

"O QUE REALMENTE MAIS IMPORTA NA VIDA, É NÃO SE CONTENTAR NUNCA. PROCURAR SEMPRE ESFORÇAR-SE E SEMPRE SUBIR".

Aos meus pais todo o meu amor filial.

Aos meus mestres, superioras e benfeitoras, a minha imperecivel gratidão.

Aos meus colégas num abraço minha amizade.

PELA CONCLUSÃO
DO MEU CURSO GINASIAL

Maria Izabel de Mattos

COLÉGIO ESTADUAL E
ESCOLA NORMAL DE AMPARO

16 / 12 / 1965

Meu Jesus, minha alegria
Que seja sempre bendita,
Pela doçura infinita
A lembrança dêste dia.

★

LEMBRANÇA
da
PRIMEIRA COMUNHÃO
de

Ana Maria D. de Oliveira

Realizada na
Matriz de N S. Aparecida

★

Bauru, 30 de Junho de 1968

DEP.
PRINTED IN BRAZIL
J-29C/4

O comércio

Carolina sentada à sua escrivaninha, no armazém.

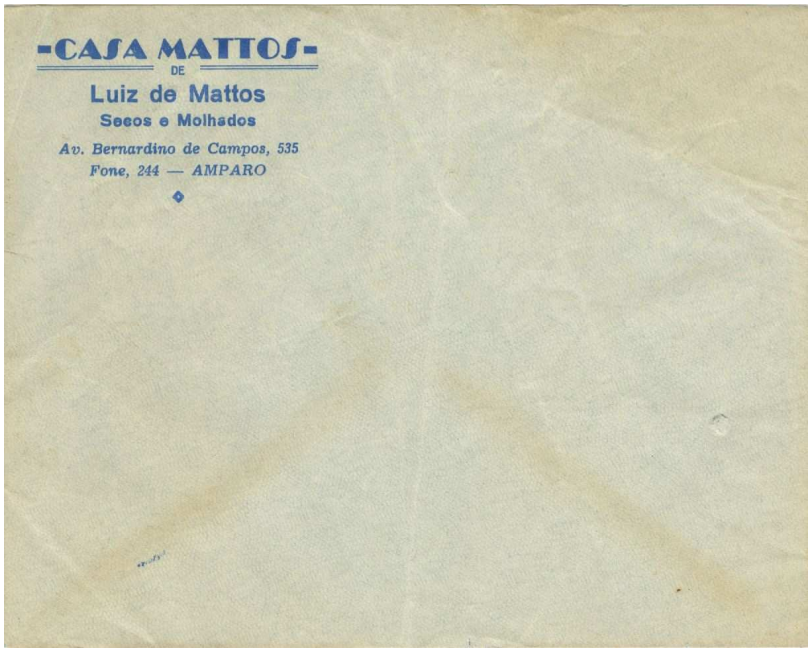
Carolina e seu entre lugar

O armazém

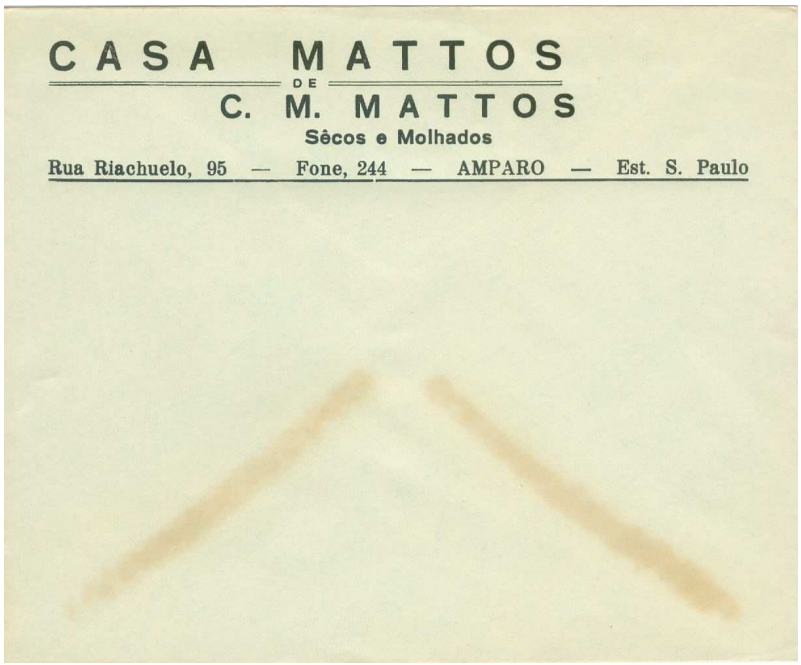
Na rua Bernardino de Campos, 517

Na Rua Riachuelo, 95

Casa Mattos



Casa Mattos, com Luiz



Casa Mattos, apenas com Carolina

O Prêmio Mãe do Ano

Em companhia de seu filho Alcyr

A notícia no *O Comercio*, jornal local

(TAXA PAGA E. B. C. T.)
DIRETORES:
Adolpho Lombardi (1917/1924)
Amadeu Lombardi (1924/1959)
REDATOR CHEFE :
Américo Ribas Esteves
REDATOR EDITOR
Luiz Humberto Catelli

O COMERCIO

NUMERO 5.913 — AMPARO — DOMINGO, 11 DE MAIO DE 1975

A Mãe Simbolo de Amparo

DONA CAROLINA MARTINS DE MATTOS — MÃE SIMBOLO DE AMPARO EM 1975 (foto Amilcar Pieroni)

Por iniciativa deste jornau, a qual veio aliar-se a A.P.A.E — Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Amparo, é anualmente realizada no Largo do Rosário, a FESTA DAS MÃES..

Desde o ano passado, resolveu-se escolher uma Mãe que fosse o Simbolo de todas as Mães de Amparo, e homenagea-la, no seu dia — o DIA DAS MÃES — contando para isso com o apoio da Prefeitura Municipal da Estância de Amparo, cujo atual titular, o Prefeito Dr. João Baptista Cintra, é um dos entusiastas da promoção.

Em 1974 foi escolhida MÃE SIMBOLO DE AMPARO, a EXMA. SENHORA MARIA BENEDETTI BRUNETTO.

Neste ano a escolha recaiu na EXMA. SENHORA CAROLINA MARTINS DE MATTOS, figura bastante conhecida de todos nós, antiga comerciante nesta Cidade e Municipio, que por sua conduta exemplar de Mãe, a orientar os seus, tornou-se digna de ser a REPRESENTANTE DE TODAS AS MÃES DE AMPARO, em 1975.

Para conhecimento dos nossos leitores, abaixo vão transcritos os dados biográficos da MÃE SIMBOLO DE AMPARO, neste ano, que logo mais estará sendo homenageada.

DADOS BIOGRÁFICOS

DONA CAROLINA MARTINS DE MATTOS é amparense, tendo nascido a 27 de dezembro de 1904.

Em 23 de junho de 1925, antes mesmo de completar 21 anos de idade, casou-se nesta cidade com o comerciante sr. Luiz de Mattos, falecido em 2 de outubro de 1959.

Do seu casamento, DONA CAROLINA teve 11 filhos, dos quais 9 estão vivos e casados, enchendo-lhe a casa de alegria e de netos: — HOMERO, CACILDA, ALCYR, CELSO, DINÁ, ABIGAIL, EDMUR, MARIA IZABEL e RACHEL, os filhos vivos, e ANTONIO e NIVALDO, mortos quando ainda crianças.

Afeita ao lar e aos interesses familiares, DONA CAROLINA, desde 1925, de quando data o seu casamento, começou a ajudar o marido nos seus afazeres de comerciante, lá no Bairro da Aparecidinha, no largo do Capela que ainda existe no bairro, para transferir-se para esta cidade, em 1929 e estabelecer-se com armazem, na rua rua Treze de Maio, onde veio a localizar-se mais tarde a também extinta "Casa Mascote".

Em 1936, os MATTOS — Luiz e Carolina — adquiriram um estabelecimento na rua Cabo João dos Santos, no Ribeirão, transferindo-se depois para a Avenida Bernardino de Campos, para finalmente estabelecerem-se na Rua Riachuelo, ali mesmo pertinho do Instituto de Educação, onde DONA CAROLINA, com o seu pulso de TIMONEIRA, COMANDA toda a sua prole que agora está acrescida de mais 27 netos, dividindo o seu tempo entre a casa comercial e o lar que lhe está anexo.

DONA CAROLINA MARTINS DE MATTOS, que perdeu a sua Mãe, quando ainda era muito criança, foi a responsavel pela educação dos demais irmãos, em número de 7, tendo sido uma figura extraordinária a influenciar para o bem, a vida de todos eles, transmitindo aos seus filhos, os mesmos ensinamentos e experiências colhidas no correr dos tempos.

Não bastasse o seu lar os seus afazeres comerciais, DONA CAROLINA, é a confidente e a conselheira do Bairro do Ribeirão, sempre a transmitir uma palavra de estimulo, de conforto, de consólo, aos que se acercam dela, confiantes.

Pelo seu trabalho, pelas suas virtudes como MULHER e como MÃE, a EXMA. SENHORA CAROLINA MARTINS DE MATTOS, foi eleita MÃE SIMBOLO DE AMPARO, em 1975.

A DONA CAROLINA, apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos.

Seja ela a portadora também da nossa homenagem e de nosso abraço carinhoso, à todas as MAES de AMPARO, Ela que deterá o titulo que muita honra e satisfação nos causou ao instituí-lo nesta cidade.

Parabens EXMA. SENHORA CAROLINA MARTINS DE MATTOS.

Que gozando de plena saude, cercada do amor dos seus filhos e demais familiares, possa a Senhora, conosco, homenagear em 1976, outra criatura, ornada com as qualidades morais, a fibra, o amor, o despreendimento, a coragem, o heroismo, estampados no seu rosto de MÃE, de CONDUTORA de uma Familia decente que, baseada nos seus ensinamentos, soube se pautar no conduzir da vida.

O nosso comovido abraço, EXMA. SENHORA CAROLINA MARTINS DE MATTOS — MÃE SIMBOLO DE AMPARO em 1975 !

Prefeito em busca de Vacina contra a Meningite

O Prefeito Municipal desta Estância, Dr. João Baptista Cintra esteve em São Paulo, no Gabinete do Secretário da Saúde do Govêrno do Estado, Dr. Walter Leser, afim de resolver o problema da vacinação contra a meningite em nosso Município.

Na audiência mantida com o Dr. Walter Leser, em princípio ficou assentado para o fim do corrente mês a vacinação em Amparo.

Cumpre assim o Prefeito a sua missão, e em entrosamento com o Govêrno do Estado une os seus esforços aos das Autoridades estaduais, preocupadas em controlar o terrivel mal que está grassando em São Paulo.

Na Festa da A. P. A. E. Amparo presta homenagens às Mães nesta Noite

Hoje, "Dia das Mães", no Largo do Rosário, no encerramento da QUERMESSE que lá vem se realizando em benefício da A.P.A.E., está programada a solenidade com a qual a cidade de Amparo vai tributar homenagem à MÃE SÍMBOLO de 1975, Exma. Senhora CAROLINA MARTINS DE MATTOS, unanimemente escolhida por uma Comissão de figuras representativas da Associação Comercial, do Rotary, do Lions Clube de Amparo e deste jornal.

Na mesma solenidade que terá o comando do Prof. José Geraldo Alves e a participação dos alunos do Instituto de Educação Estadual "Dr. Coriolano Burgos", receberão também homenagens, a MÃE PROFESSORA; a MÃE de um dos alunos daquela escola, e a Exma. Senhora MARIA BENEDETTI BRUNETTO, MÃE SÍMBOLO de Amparo em 1974.

Hoje, também, como parte das homenagens a serem prestadas às Mães, será celebrada pelo prelado amparense, Dom Roberto Pinarello de Almeida, a MISSA DAS MÃES às 19,00 horas, na IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DO AMPARO.

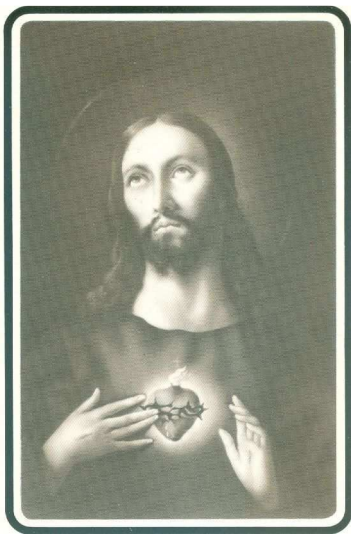
Os organizadores da FESTA DAS MÃES (A.P.A.E. e Jornal "O Comércio"), convidam todas as Mães de Amparo e todas as Famílias locais, a que prestigiem com suas presenças ao ofício religioso e as solenidades que terão início às 19,00 horas, com a Missa.

ENCANADOR E ELETRICISTA
EXECUTA SERVIÇOS EM RESIDENCIAS
CHACARAS E FAZENDAS
NELSON A. BUENO
RUA CAPITÃO ALCEU VIEIRA, 51 — AMPARO

Seu luto

Lembrança de :
LUIZ DE MATTOS
Nasceu em : 9/ 2/1901
Faleceu em : 3/10/1959
Senhor; concedei-lhe em felicidade eterna, o que êle nos deu em afeição em terra.
"Senhor ! Vós no-lo emprestastes para fazer nossa felicidade; nós vo-lo restituimos em silêncio, com o coração dilacerado de dor."
Sto. Agostinho

Sua morte.



PROBUS ES-29

A família de

Carolina Martins de Mattos

☆ 27 - 12 - 1904
† 05 - 08 - 1981

sensibilizada agradece.

†

A recordação de suas virtudes servirá de exemplo e consolação para os que choram a sua ausência.

(Santo Agostinho)

†

As almas não se separam. Por mais longe que pareçam estar, têm para se unirem duas asas sempre abertas: a Saudade e a Esperança.

(Mgr. Bounard)

†

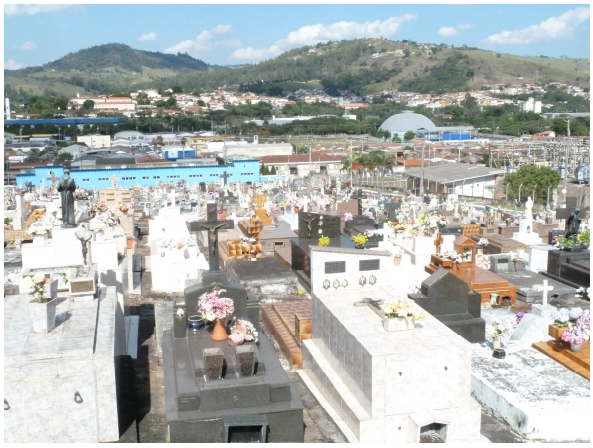
Dai-lhe, Senhor, em felicidade no Céu o que ela nos deu em ternura na Terra.

(Macabeus)

O lugar eterno

Em visita à Amparo em 21/05/2011

A última morada

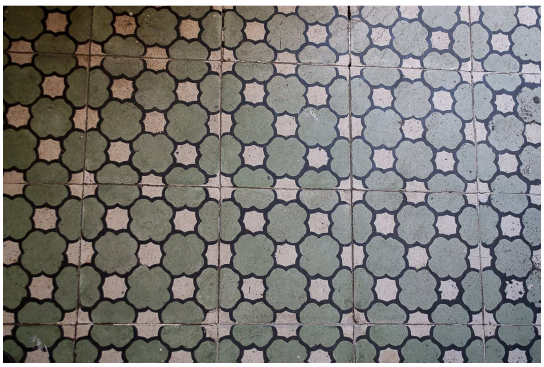


Vista do cemitério

O túmulo da família Martins de Mattos

Sua casa, hoje

O pequeno jardim de inverno



Detalhes do piso

Sua cadeira de balanço

Sua cozinha

Seu memorial

Seus santos de cabeceira

A balança do armazém

Seus cristais

Sua taça

A licoreira vazia

A guardiã da memória

Leda, filha de Alcyr e Zélia

A neta, que reside na casa onde morou Carolina, é a guardiã da memória da família Martins de Mattos.

Reunião na Casa de Maria Izabel, durante visita à Amparo em 21/05/2011

As meninas de Carolina

Cacilda a primogênita das mulheres

Abigail, Dinah e Maria Izabel

Os filhos e filhas

Maria Izabel, Abigail, Celso, Dinah e Edmur

Cacilda

A descendência da família Martins de Mattos

Seus netos e netas. À esquerda, Eduardo, filho de Abigail ausente na foto seguinte.

Reunião de família

Conhecendo seus descendentes

Com seus netos

Com suas filhas e filhos

V ENCONTRO
DO CEDAP
MEMÓRIA
ÉTICA
DIREITO
05 - 08
OUTUBRO 2009
UNESP - ASSIS

V ENCONTRO
DO CEDAP

Com Cacilda